



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E CULTURA

YASMIN QUEIROZ SANTOS SANCHES

**O CUIDADO DE SI ATRAVÉS DA LITERATURA AUTOBIOGRÁFICA:
NÃO CONTE PARA A MAMÃE E VIOLÊNCIA SEXUAL NA INFÂNCIA**

Salvador
2024

YASMIN QUEIROZ SANTOS SANCHES

**O CUIDADO DE SI ATRAVÉS DA LITERATURA AUTOBIOGRÁFICA:
NÃO CONTE PARA A MAMÃE E VIOLÊNCIA SEXUAL NA INFÂNCIA**

Dissertação apresentada à Universidade Federal da Bahia, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação de Literatura e Cultura (PPGLITCULT/UFBA) para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profa.^a Dr.^a Mônica de Menezes Santos.

Salvador
2024

Dados internacionais de catalogação-na-publicação
(SIBI/UFBA/Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa)

Sanches, Yasmin Queiroz Santos.

O cuidado de si através da literatura autobiográfica: Não conte para a mamãe e Violência sexual na infância / Yasmin Queiroz Santos Sanches. - 2024.

122 f.: il.

Orientadora: Profa. Dra. Mônica de Menezes Santos.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2024.

1. Literatura - História e crítica. 2. Ficção autobiográfica - História e crítica. 3. Memória autobiográfica na literatura. 4. Infância na literatura. 5. Violência na literatura. 6. Crime sexual contra as crianças. 7. Maguire, Toni, 1944- - Autoria. 8. Maguire, Toni, 1944- . Não conte para a mamãe: memórias de uma infância perdida. I. Santos, Mônica de Menezes. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. III. Título.

CDD - 801.95

CDU - 82.09

YASMIN QUEIROZ SANTOS SANCHES

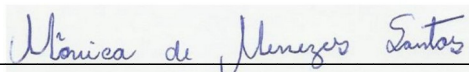
**O CUIDADO DE SI ATRAVÉS DA LITERATURA AUTOBIOGRÁFICA:
NÃO CONTE PARA A MAMÃE E VIOLÊNCIA SEXUAL NA INFÂNCIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras.

Salvador, 18 de julho de 2024.

Banca examinadora

Mônica de Menezes Santos – Orientadora



Doutora em Letras pela Universidade Federal da Bahia, Salvador, Brasil.

Universidade Federal da Bahia

Documento assinado digitalmente



ANTONIO MARCOS DA SILVA PEREIRA

Data: 17/09/2024 22:13:40-0300

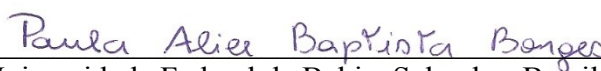
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Antonio Marcos da Silva Pereira

Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil.

Universidade Federal da Bahia

Paula Alice Baptista Borges



Doutora em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia, Salvador, Brasil.

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

AGRADECIMENTOS

Quando penso em meus pais, Alexandre e Sayonara, a emoção me comove ao ponto de querer chorar. Tive o privilégio e a sorte de nascer filha de vocês. E considero uma das responsabilidades mais importantes que tenho. Não tenho irmãos e a preocupação em corresponder às expectativas sempre foi e ainda é algo que me angustia. Mas a verdade é que, mesmo com suas inquietações, vocês sempre respeitaram minhas vontades e sonhos. Desde quando, lá atrás na formatura da alfabetização, sem saber direito, apenas disse que queria ser veterinária quando crescesse (sabemos que eu nunca levaria jeito para isso, o que não sabem é que eu não tinha uma resposta para aquele momento, apenas repeti as palavras de minha melhor amiga da época para corresponder as formalidades daquele instante); até quando, na escola, desejava cursar direito por muitos anos, mas, no instante decisivo, reconheci que minha vontade maior era estudar literatura. Vocês nunca me rejeitaram e sempre tentaram me confortar e dar forças para enfrentar meus medos.

À minha orientadora, Profa. Dra. Mônica de Menezes Santos, reconheço sequer ainda saber como pôr em palavras sua importância em minha vida. Desde o primeiro dia em que fui sua aluna na graduação, senti que jamais a esqueceria. Você me mostrou como as literaturas infantil e juvenil são potentes e me ensinou a não sentir vergonha das minhas predileções literárias. Pelo contrário: esse sentimento em mim era fruto da opressão e do preconceito que os gêneros estão submetidos até mesmo dentro do espaço acadêmico de Letras. Agradeço não apenas por ter me aceitado no Cartografias da Infância, quando o grupo era grande demais para as cadeiras dispostas na sala de pesquisa, como por ainda aceitar me acompanhar ao longo de todo este processo. A maneira que você sempre se dispôs a ser ouvinte e amiga é um amor quase similar ao que tenho com meus pais.

Também gostaria de agradecer à Pamela Gonçalves e Isabela Rodrigues, criadoras de conteúdo digital no meio literário, por terem lido *Não conte para a mamãe*: infâncias de uma memória perdida (2012) e sentido a necessidade de falar sobre a obra publicamente para que ela fosse visibilizada. Não as conheço pessoalmente, mas é fato que o vídeo delas foi o primeiro contato que tive com a obra de Toni Maguire. Quando o vi, por volta de 2015, sequer tinha cogitado a possibilidade de que a leitura da narrativa me afetaria até o período do mestrado. Por isso, considero que o interesse em estudar sobre o contexto abordado de violência sexual na infância teve o seu nascimento ali: naqueles nove minutos de vídeo, em que duas amigas se juntaram para falar de literatura.

À própria Toni, agradeço por apesar dos apesares não ter insistido em desistir. Você é o maior símbolo de política de resistência a quem adotei como referencial. Mesmo no silêncio e com todo sofrimento a que foi submetida, você me mostrou que é possível sonhar com um amanhã. Ensinou-me que a escrita consegue ser esse espaço de cuidado, de elucidação e afeto consigo mesma, além de alternativa para ser ouvida quando as pessoas que amamos não parecem ser a opção. Mesmo agora, não considero que sua história foi apenas parte de um período da minha. Você é mais. Você pode mais. E fico feliz que tenha descoberto sua potencialidade e tudo o que pode fazer enquanto viva.

Aos meus amigos, decidi não os nomear. Tenho medo de esquecer algum e esse ato ficar eternizado. Porém, saibam que os amo e torço todos os dias para que vocês encontrem a felicidade e consigam superar todas as dificuldades e incertezas da vida adulta. Agradeço por cada momento compartilhado entre nós, presencial ou virtualmente. Todos vocês me deram suporte sem quando sequer se davam conta de que fosse possível (e meus queridos cartógrafos se incluem nesta parte também).

Por fim, eu ficaria em débito se não agradecesse aos artistas que me acompanharam nesta jornada. O trabalho de uma pesquisadora, em boa parte do tempo, é solitário; mas a música foi minha companhia mais presente. Dentre tantos, deixo meu carinho especial para Pitty, the GazzettE e SHINee, pois foi principalmente a arte de vocês que me confortou ao longo das noites, dias e tardes que se passaram. Vocês são responsáveis por terem me ensinado outras formas de amor, de cuidado, de ser e de estar no mundo. Ajudaram-me a expressar meus sentimentos, quando minhas próprias palavras pareciam fugir de mim, superando qualquer barreira de idiomas que pudesse existir entre nós.

E eu estou aqui,
e todas as palavras se desmancham como poeira em minha boca,
e não há água que possa aplacar a minha sede.

Emmi Itäranta

RESUMO

A partir do livro *Não conte para a mamãe: memórias de uma infância perdida* (2012), de Toni Maguire, busca-se neste trabalho analisar a importância e o impacto da escrita, especialmente autobiográfica, na vida de pessoas que sofreram violência sexual na infância, a fim de discutir como a escrita pode resultar em um cuidado de si (Foucault, 2004), constituindo-se, portanto, num empreendimento de saúde (Deleuze, 2019). Para tanto, a partir de pesquisa bibliográfica e inspirada pelo método cartográfico, em que a pesquisadora se permite ser afetada pela própria pesquisa enquanto a desenvolve de maneira não linear, procura-se inicialmente analisar como os modelos de infância e de família, engendrados pela modernidade ocidental, são demolidos diante de realidades diversas daquelas conjecturadas pelo projeto centralizador moderno, o qual não dá conta da diversidade de corpos, de vivências, de formas de ser e de estar no mundo etc. Em seguida, intenta-se debater como a violência sexual na infância produz traumas que repercutem durante toda a vida das pessoas vitimizadas. Traumas esses que, na maioria das vezes, ficam silenciados; e os eventos potencialmente traumáticos, caso se tornem públicos, podem ser costumeiramente negados por terceiros, inclusive os agressores, visando a manutenção de seus sistemas de poder e o apagamento das evidências de seus crimes. Nesse caminho, a escrita emerge enquanto uma forma de reinscrição e, conseqüentemente, de reinserção dos corpos e subjetividades silenciadas na sociedade e na história, tal como foi o caso da autora aqui estudada, Toni Maguire. Assim, reconhece-se a potencialidade da autobiografia, enquanto gênero literário, como uma possibilidade de rompimento do silêncio da vítima e da promoção de sua (re)construção de si através de palavras; de contar a história a partir da perspectiva de sobrevivente, de quem resiste e confronta o esquecimento e negacionismo sobre ela imposto. Compreende-se aqui, portanto, a literatura enquanto espaço para cuidado de si e da fabulação daquilo que falta: a própria (re)existência de quem escreve.

Palavras-chave: literatura autobiográfica; infância; trauma; escrita de si; violência sexual.

ABSTRACT

Taking Toni Maguire's "Don't Tell Mummy: a true story of the ultimate betrayal" (2012) as an object of study, the present dissertation aims to analyze the importance and impact of writing, especially the autobiographical, in the lives of people who have suffered sexual violence in their childhood, in order to discuss how writing can result in the care of the self (Foucault, 2004), and thus creating an endeavor related to health (Deleuze, 2019). Therefore, based on bibliographic and cartographic investigation, in which the researcher allowed herself to be affected by her research while developing it in a non-linear manner, it was initially sought to analyze how childhood and family archetypes engendered by Western modernity perish in the face of realities apart from those generated by the current hegemonic power, which does not take into account the diversity of bodies, experiences, ways of being in the world, etc. After that, the aim concerned a deliberation regarding how sexual violence incites traumas capable of reverberating throughout the lives of those affected by it. These traumas, most of the time, remain silent, and, the potentially traumatic occurrences, once in the public knowledge, can often be denied by other people, including the perpetrators, who aim to keep the strength of their power and, in this way, erase their fingerprints from their crimes. Along this path, writing emerges as a form of reinscription into the world and, consequently, of reinsertion of bodies and subjectivities silenced in society and history, as was the case of the author studied here, Toni Maguire. Thus, it is acknowledged the fact that, as a literary genre, the autobiography presents a possibility of breaking the victim's silence; promoting their own (re)construction through words; telling the story from the survivor's perspective, of those who resist and confront the oblivion and negationism imposed upon them. In conclusion, literature is understood here as a space for the care of the self and the fabulation of what is missing: the (re)existence of the writer.

Keywords: autobiographical literature; childhood; trauma; self writing; sexual violence.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – O Coelho Branco / 23

Figura 2 – “Beba-me” / 25

Figura 3 – “Cada vez mais estranhíssimo!” / 36

Figura 4 - *Madonna di San Giorgio alla Costa* (1295), de Giotto di Bondone (1267-1337) / 53

Figura 5 – Cinderela, por Rie Cramer, com comentários de Maria Tatar / 57

Figura 6 – Edição britânica / 73

Figura 7 – Edição brasileira / 73

Figura 8 – Depoimento de um dos sobreviventes entrevistados / 81

Figura 9 – Depoimentos de sobreviventes entrevistados sobre as denúncias / 84

Figura 10 – Depoimentos de sobreviventes entrevistados sobre as denúncias II / 84

Figura 11 – “A essas palavras o baralho inteiro se ergueu no ar e veio voando para cima dela” / 115

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 UM CONVITE PARA A TOCA DO COELHO	22
3 UM GUIA PARA A AVENTURA: NOTAS SOBRE O DESCENTRAMENTO	27
3.1 ENTRE FANTASIA E REALIDADE: ALGUMAS CONCEPÇÕES DE INFÂNCIA	28
3.1.1 Devir-criança	33
3.1.2 A criança e o artista	38
3.1.3 A criança como um igual	42
3.1.4 “Maravilhar-se”	45
3.1.5 O inumano	48
3.2 O ENTRELUGAR DAS INFÂNCIAS	50
4 SOBRE O FIM DA AVENTURA E O ESQUECIMENTO DAS INFÂNCIAS	52
4.1 ANTOINETTE E O HÁBITO DE LER: A POSSIBILIDADE DE VIVER POR OUTRAS LITERATURAS	59
4.2 NOTAS SOBRE A JORNADA ATÉ AQUI	64
5 O MITO DA FAMÍLIA: O PERIGO DA REPRESENTAÇÃO ÚNICA DE UM MODELO CENTRALIZADOR	67
5.1 UM PANORAMA VIOLENTO: DIFERENTES CENÁRIOS, MILHARES DE VÍTIMAS	73
5.2 ESCREVER A PARTIR DA EXPERIÊNCIA: UM GESTO POLÍTICO DE DESCENTRAMENTO DA REPRESENTAÇÃO FAMILIAR	78
6 POR UMA FANTASIA DA ESCRITA DE SI	87
6.1 SOBRE AFETOS E A POTÊNCIA DE AGIR EM SPINOZA	91
6.2 UM “EU” A SER LIDO POR OUTROS	95
6.3 O QUE VEM DEPOIS: VIOLÊNCIA, MEMÓRIA E TRAUMA	98
6.4 (RE)ESCREVER A INFÂNCIA	102
6.5 “OS VAGA-LUMES DESAPARECERAM TODOS OU ELES SOBREVIVEM APESAR DE TUDO?	106

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	110
REFERÊNCIAS	116

1 INTRODUÇÃO

Para aqueles que já tiveram a oportunidade de se postar frente ao mar, talvez, o sentimento de finitude da vida tenha provocado tristeza, enquanto a brisa marinha acalentava a face. O reconhecimento de que as águas são indomáveis e a constatação de que nossas mãos pequeninas não são capazes de aprisioná-las sem que escorram por entre os dedos perpassam por sentimentos similares ao de crescer. Não é possível evitar se tornar adulto, sobretudo numa sociedade de demandas diversas, as quais mudam a nossa percepção do passar do tempo, mas, em contrapartida, muitos estudiosos acreditam que a infância não se finda em tempo cronológico, a não ser que a subjuguemos ao esquecimento.

Dito isto, o próprio conceito de infância parece incerto. Se, convencionalmente, ela é enclausurada na ideia de etapa da vida, em um período com datas de começo e de fim, como compreender a nós mesmos se somos ensinados a abandonar parte daquilo que nos constitui? Como interpretarmo-nos, se esquecermos um momento tão crucial da vida (ou supostamente deveríamos ultrapassá-lo)? Ou, acima de tudo, quando os traumas despertados quando criança não desaparecem, e os adultos desacreditam que os eventos traumáticos tenham sido verídicos, já que as palavras infantis, numa sociedade adultocêntrica como a que vivemos, são passíveis de menosprezo e julgadas tantas vezes pelos adultos como *coisas de criança*, *mentiras*, *fantasias*, *invenções* e *brincadeiras*, como se esses fossem vocábulos inferiores?

Questionamentos como esses e o encontro com a obra literária de Toni Maguire, escritora britânica ainda viva, foram elementos provocadores para que o *eu* que vos fala não se contentasse em permanecer pisando em grãos de areia. Era preciso mais: permitir-se viver a aventura, experimentar a força das ondas e buscar compreender o mundo para além de uma via de mão única, uma vez constatada a impossibilidade de falar sobre uma narrativa que aborde “memórias de uma infância perdida” sob a ótica da linearidade.

É preciso reconhecer ainda o fato de que vivemos numa sociedade em que as crianças não estão imunes às violências do “mundo adulto” e tampouco recebem o respeito ou direito à fala devidos. Muitas vezes, quando elas denunciam alguma situação pela qual passaram, são negadas e castigadas por suas supostas “mentiras”. Em contrapartida, são disciplinadas desde muito novas a obedecerem aos mais velhos e não os contrariar. Tais hábitos integram aquilo que muitos teóricos compreendem como adultocentrismo, uma prática social em que a hierarquia de poder é estabelecida de forma unilateral pelos adultos e a subalternização da criança é irremediável. Neste cenário, a criança pode ser tratada como objeto, como um ser

selvagem que nada sabe (seja pelos responsáveis, seja pela escola, seja por produções culturais direcionadas a elas etc.).

Nesse processo, também são os adultos que costumam escrever para os mais novos e que legislam sobre o que elas podem ou não vir a ter acesso – inclusive em se tratando de literatura, mesmo quando se põe o gênero infantil em pauta. Diante disso, percebe-se que a criança é um sujeito refém da opressão dos mais velhos em muitas nuances: física, psicológica, espiritual e emocional. O controle sobre os corpos infantis está enraizado na nossa cultura, desde quando se fala em criação e educação, até quando o assunto é o direito ao próprio corpo.

Diante do exposto, e à exemplo, nos últimos meses, o Projeto de Lei 1904/2024¹, do então deputado Sóstenes Cavalcante, ganhou visibilidade em todo território nacional. O documento está em tramitação no plenário e pretende, em parágrafo único, considerar que gestações acima de 22 semanas sejam tratadas como delitos de homicídio simples, nos quais a pena pode variar entre 8 e 20 anos de reclusão. O citado PL em seu texto menciona um caso ocorrido em 2020: de uma menina de 10 anos de idade, vítima de estupro, que se descobriu grávida na 23ª semana. O mesmo PL também faz referência a outro evento, de 2022, no qual uma menina de 11 anos, também grávida de mais de 22 semanas, e cujas investigações policiais revelaram que o estuprador possivelmente vitimou-a em sua própria residência, foi convencida pela juíza de que deveria esperar mais algumas semanas para que o bebê tivesse mais chances de sobreviver fora do útero. Tal PL, que se pretende “pró-vida”, legisla em favor de um suposto ser que ainda não nasceu em detrimento da vida do corpo que, vitimizado, gestaciona. O Projeto, portanto, condiciona a criminalização da vítima, podendo transformá-la em assassina. Logo, expondo o corpo vitimado a mais violência e a outros processos traumáticos.

Na década de 50, uma menina foi violentada sexualmente pelo seu progenitor desde os seus 6 anos e meio de idade. A situação perdurou por muitos anos e os adultos a quem a menina recorreu solicitando ajuda ou a desacreditavam ou acobertavam o criminoso, de modo a estimularem-na a não falar sobre o assunto, chegando até mesmo a ameaçá-la e, em alguns casos, a torturarem-na de maneiras diversas. Como resultado, ela se calou e apenas parou de ser vitimada quando, aos 14 anos, engravidou daquele que se dizia seu pai. No hospital, a descoberta do segredo levou os profissionais de saúde a encararem-na como cúmplice do pai, porque, para eles, para a situação ter se estendido por tanto tempo só podia significar que ela não era uma vítima inocente. Contudo, embora o aborto fosse ilegal na Irlanda do Norte, ele foi concedido à garota, sob a alegação de “instabilidade mental”.

¹ Altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de Dezembro de 1940.

Esse caso passou a ser de conhecimento internacional, no entanto, apenas décadas depois de seu julgamento e apenas porque a sobrevivente decidira transformar sua história em livro que se tornou uma obra britânica *best-seller*. Embora tenha sido lançada no Brasil e em muitos outros países, segue ainda desconhecida por muitos leitores ao redor do mundo. Particularmente, meu primeiro contato com a obra de Toni Maguire, *Não conte para a mamãe: memórias de uma infância perdida*, por exemplo, aconteceu ainda na graduação, no ano de 2015, três anos após a sua publicação no nosso país. O livro veio a se tornar tanto objeto de estudo na iniciação científica quanto em parte de meu trabalho de conclusão de curso para o bacharelado. Em ambos, discuti sobre o tema da violência sexual na infância e sobre a importância das literaturas infantil e juvenil, reconhecendo nos gêneros sua potência no processo de enfrentamento do problema abordado. Em 2021, quando me submeti ao processo de seleção de mestrado, cogitei navegar por outros horizontes, porém, perceber que eu era uma das poucas pesquisadoras no campo das Letras que discutia sobre o assunto e que tinha, ao menos até aquela época, se debruçado na autobiografia em questão, fez-me sentir que ainda se mostrava necessário versar sobre o livro de uma outra forma. Explorar perspectivas sobre as quais ainda não havia me demorado e, dentro do possível, fazer com que a obra fosse conhecida por outras pessoas.

O objetivo principal do meu estudo, então, tornou-se apresentar e debater acerca da importância e do impacto do gênero autobiográfico na vida de corpos silenciados socialmente no contexto abordado, encarando a literatura de si como espaço para que seus escritores possam se reinserir na história do mundo. De início, o projeto para a construção da dissertação pretendia seguir o modelo padrão: introdução, referencial teórico, resultados, discussão sobre os resultados e as considerações finais. Contudo, a tentativa acabou se tornando um grande fracasso. O texto não avançava, a escrita parecia errada, até mesmo a minha motivação para o trabalho foi se perdendo no início do segundo ano de curso. Então, decidi me afastar do que já tinha produzido e, semanas depois, sem qualquer direcionamento teórico em vista, reli a obra mais uma vez. Não marquei nada, não teci comentários de leitura nas páginas, apenas avançava capítulo por capítulo, a fim de perceber os “como”, os “por quês” e os “quandos” a literatura de Maguire me afetava.

Não eram poucas as minhas inquietações, mas o ato de pô-las em palavra escrita precisava operar por outros modos. Neste caminho, três pessoas me mostraram outras possibilidades: o Prof. Dr. Saulo Moreira que, na minha defesa de projeto, comentou que diante do tema, eu poderia fazer uso também da minha primeira pessoa, já que não era um estudo que parecia ser condizente em se realizar na impessoalidade; a Prof. Me. Jamilly Starling, que, em

reuniões do grupo de pesquisa Cartografias da Infância, lembrou-me da pesquisa cartográfica (a qual decidi adotar como metodologia); e à minha orientadora, Profa. Dra. Mônica de Menezes Santos, a qual não apenas, por vezes, criticava a minha mente engessada como também o modo como eu ainda buscava fazer pesquisa e, não raras vezes, incentivava-me a explorar minha criatividade e teorias outras.

Assim, decidi abandonar o projeto premeditado de pesquisa e, tal como propunha Deleuze, fiz da literatura a vida que buscava. Permiti-me devir outras e tentar acessar a subjetividade de Maguire pela perspectiva de devir-criança. Notei, então, que a minha dificuldade inicial era decorrente da minha impossibilidade de tensionar a jornada de Antoinette e de Toni, caso eu buscasse o distanciamento entre nossas experiências de vida. O objetivo do trabalho ainda se manteve, mas não me interessava discutir o que era uma autobiografia, quais são as sequelas físicas da vítima após vivenciar uma situação traumática, ou como se dá a legislação que deveria (mas raramente é) aplicada aos agressores. O que se tornou o objetivo do meu interesse era mostrar a possibilidade e a importância do cuidado de si pela escrita e em como ele se apresentava na literatura autobiográfica da autora, enquanto sobrevivente de um crime que a transformara em corpo-tabu e a emudecera por muitos anos.

O próprio subtítulo da obra, “memórias da uma infância perdida”, já era por si só de extremo significado para mim. Tanto Antoinette, nome dado ao seu “eu-criança”, quanto Yasmin, somos sujeitos que se negam a silenciar a infância. E foi graças a rejeição dela que a narrativa se construiu para Toni, quando ela foi visitar sua mãe em estágio terminal numa clínica, e lá se deparou com Antoinette, o fantasma de sua infância, que surge e a intima a rememorar o passado e a fabular aquilo que lhe faltava.

Quanto a isso, a psicanálise compreende que o corpo vitimizado vive em constante estado de rememoração daquilo que o perturba, o suficiente para que o passado se torne presente. Não demorei a perceber, então, que, através da escrita de si, Toni entrou em devir seu-outro-eu, deu-lhe voz e, sem evidenciar em palavras, acessou um outro tempo que não o cronológico, o tempo de Aión, o qual opera não pela divisão da vida em etapas, mas pelas intensidades de cada momento; numa sincronia entre passado e presente, interligados num contínuo sem fim, em que Antoinette e Toni se fundem ao longo dos capítulos. Afinal, durante o processo, a biografia passa a ter percepções não apenas sobre como as coisas realmente aconteceram, como também se (re)visita, se (re)escreve, se (re)interpreta e se re(constrói) a todo momento pelo discurso.

Sendo uma história escrita entre seus trânsitos, a metodologia do estudo cartográfico, que opera por vertente similar, mostrou-se profícua para impulsionar o desenvolvimento do

meu trabalho. Isto porque este modo de realizar a pesquisa decorre de pensá-la como intervenção, de pôr em jogo a experiência do processo, de encontrar pistas ao longo da trajetória e ser afetado pelo trabalho que se faz, num relacionamento intenso entre objeto, sujeito e conhecimento. Logo, sem a neutralidade do pensamento, sem o distanciamento do autor, que a todo momento é atravessado pelo seu trabalho e, tal como me propus, conectado ao devir. Como resultado, o texto aqui apresentado foi construído a partir da escrita de mapas diversos que buscaram cartografar *Não conte para mamãe*, a partir daquilo que me afetava.

Tal como uma viagem em alto mar, a configuração desta dissertação atravessa correntezas de diferentes linhas do conhecimento. A impossibilidade de falar sobre uma autobiografia escrita por uma sobrevivente de violência sexual infantil apenas a partir dos vieses da teoria literária resultou na escrita de um texto em constante transformação. Assim, tem-se aqui um trabalho segmentado em sete capítulos, os quais frequentemente acionam tanto as seções anteriores quanto as posteriores (como se encontrasse redemoinhos ao longo do percurso), com uma linguagem nem sempre impessoal ou distanciada de metáforas e de rupturas com a tradição acadêmica.

O trabalho que aqui se apresenta, portanto, flerta com a perspectiva de “literaterras”, de Lúcia Castello Branco e Ruth Silviano Brandão (1995, p. 15), na qual é possível encarar a *literatura* a partir do estranhamento que ela provoca, por ser vista como “este corpo estranho da linguagem”; mais do que isso, de expandir os horizontes e pensá-la além: “a literatura e suas terras outras, e seus limites, e suas encruzilhadas, e suas interseções”. Nunca a literatura e/ou os estudos literários isolados, mas em consonância com os *outros* campos: da psicanálise, do jurídico, da filosofia, dos estudos culturais e históricos. Nesta jornada, os seguintes descritores foram selecionados: violência sexual na infância; história e conceitos de infância; a lei do silêncio; a escrita de si; o corpo literário; autobiografia; a teoria dos afetos; trauma e violência infantil.

Importa salientar que a pesquisa cartográfica proposta por Passos, de Barros e Escóssia (2015) considera a pesquisa como intervenção, na qual a linearidade não aparece como algo interessante para seu desenvolvimento. Sequer pensa ser adequado à metodologia o processo de selecionar previamente as metas a serem alcançadas, pois o que está em jogo é a *experiência*. Se o indivíduo não existe isolado, a pesquisa tampouco existiria desconectada do seu devir.

Desta maneira, esta dissertação resulta de um processo no qual a pesquisadora navegou pelas incertezas e questionamentos feitos a partir da leitura crítica da obra de *Não conte para a mamãe: memórias de uma infância perdida* (2012); mais do que isso: singrou para *lugares* aos quais o livro permitiu, em certa medida, alcançar. Há aqui não apenas leituras da autobiografia

em questão, mas também de outros textos que foram encontrados na aventura em alto-mar, bem como biografemas de Toni Maguire, de outras/os sobreviventes e da própria pesquisadora afetada pela sua pesquisa. Tudo isso entrelaçado aos conhecimentos provenientes de diversos campos.

Por questões políticas – de defender e de endossar a importância da leitura e do estudo da literatura infantil –, para formulação deste trabalho tanto os referenciais teóricos quanto os ficcionais foram importantes. Ou melhor, buscou-se aqui construir um texto acadêmico a partir do diálogo constante entre a teoria e obras destinadas à infância; sobretudo, tendo em vista a desvalorização da literatura para crianças no espaço universitário e a pouca disponibilidade de disciplinas cujo objetivo seja o estudo sistematizado de tal literatura (na Universidade Federal da Bahia, por exemplo, os graduandos encontram apenas a disciplina de LETC37 – Literatura infanto-juvenil, ofertada normalmente pela Profa. Dra. Mônica de Menezes Santos, na grade curricular do curso de Letras; ainda assim, é uma disciplina de natureza optativa, então, nem todos se matriculam nela ao longo de sua formação).

Assim, tendo em vista pesquisas publicadas no Brasil e no Reino Unido², as quais em sua maioria focalizam dados estatísticos, discutem a perspectiva jurídica, as sequelas e os tratamentos terapêuticos clínicos (ou seja, apresentam uma visão profissional mais analítica acerca da violência sexual na infância), esta dissertação compromete-se em visibilizar, a partir do texto literário de Toni Maguire, a perspectiva da sobrevivente igualmente às interpretações institucionais. Afinal, o objetivo principal deste estudo é o de apresentar e de debater acerca da importância e do impacto do gênero autobiográfico na vida de corpos silenciados socialmente no contexto abordado e na sua reinserção na história, pois, conforme verificado tanto em *Não conte para a mãe* como em estudos sobre a violência sexual na infância, a “Lei do Silêncio” não propicia um cenário confortável às crianças para denunciarem as violências domésticas sofridas, haja vista que mesmo em casos onde a criança vitimizada revela a um adulto de confiança ou a algum profissional responsável o que ocorre, ela nem sempre é ouvida, acreditada e respeitada. Muitas vezes a revelação só ocorre quando os episódios de violência³ já foram encerrados e a pessoa vitimizada já é adulta – ainda assim, são muitos os casos em que não são dados crédito e/ou acolhimento às vítimas.

² Os dois contextos são levados em conta, haja vista o fato de Toni Maguire ser inglesa e eu estar trabalhando com a tradução da sua obra publicada no Brasil.

³ Essa finalização é relativa, uma vez que há um consenso entre os estudiosos de que a violência sexual na infância não alcança um final definitivo, pois mesmo podendo ser passageira na vida do agressor, ela acompanha a pessoa sobrevivente ao longo da vida, tanto em sequelas corporais e decorrentes transtornos psicológicos, como através da rememoração constante do crime sofrido.

Diante do exposto, salienta-se que a autobiografia de Maguire é não apenas objeto de estudo para a pesquisa aqui proposta, mas também, a partir da autorreferenciação do texto, uma possibilidade de encaminhamento para pensar o cuidado de si através da escrita. Compreendendo-se a escrita de si na perspectiva foucaultiana, na qual escrever sobre si é textualizar o corpo e, ao mesmo tempo, corporificar o texto. Logo, a escrita de si não é simplesmente um contar sobre si; é, antes, um inventar-se a si mesmo. Um processo que, embora possa aparentar ser simples, exige força para transformar em textualidade os fluxos caóticos de nossas mentes. Quase como se fosse um processo constante de metamorfosear em signos linguísticos e em discurso (por que não?) nossas existências – por consequência, tornando possível ler a vida, interpretá-la e formulá-la também a partir da perspectiva de um sujeito leitor e produtor de si próprio. É a partir deste constructo foucaultiano que o presente trabalho buscou promover uma discussão sobre a possibilidade de cura a partir da escrita de si, sobretudo em casos que envolvem traumas e violências sofridas na infância. Pois defende-se aqui que a literatura, enquanto instituição capaz de registrar os corpos na história, tem o potencial de rasurar os silêncios traumáticos e de operar como agente e instrumento de terapia na vida de quem escreve e de quem lê. Justifica-se a ideia de “agente”, porque, ao se textualizar, a escritora se torna aquilo que escreve, literatura, exercendo efeito sobre si não apenas durante a escrita, mas também antes (quando o texto ainda não foi propriamente posto no papel) e após (ao tempo que se torna objeto acessível tanto à (re)leitura quanto ao manuseio). No último caso, exercendo também efeito sobre o outro.

Em *Não conte para a mamãe*, a autora textualiza a violência sexual sofrida durante sua infância pelas mãos do próprio genitor. Na obra, a existência do “eu” é segmentada em duas identidades: “Antoinette” (Eu-criança) e “Toni” (Eu-adulta). Mais do que isso: uma (a primeira) convida a outra (a segunda) a revisitar o passado e a reconhecer a existência dos traumas vinculados a ele. Logo, neste processo, a escrita opera como agente de (re)conhecimento de um Eu silenciado. Um percurso contínuo que pode ser comparado à noção de “*experimentum linguae*”⁴, de Giorgio Agamben, ao se entender a língua a partir dela própria, por conta do princípio da autorreferencialidade. Isto é, permitir que a linguagem se deixe dizer.

Ora, não seria algo similar ao que acontece em clínicas terapêuticas? Dar espaço ao sujeito para que fale sobre si e, neste ato, ele possa também se escutar? Nesta lógica, encarar a escrita de si também como um experimento na linguagem, no qual aquele que escreve está

⁴ Esta teoria será mais explicada na Seção 3 da presente dissertação, no subtópico 3.1.4.

também em devir-infância⁵, aventurando-se por um Eu (des)conhecido através de signos linguísticos e aprendendo sobre si como quem engatinha para aprender a andar, torna-se uma perspectiva interessante para ler criticamente um texto autobiográfico. Concomitantemente, permitindo-se (re)existir do mesmo modo através do gênero literário em questão. “Escrever é, portanto, ‘se mostrar’, se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro” (Foucault, 2004, p. 156). É aprender a se olhar no espelho e identificar e inventar, a partir do reflexo enigmático, partes constituintes de si.

Portanto, torna-se condizente afirmar que Toni Maguire – narradora/personagem de *Não conte pra mamãe: memórias de uma infância perdida* (2012) – encontrou na literatura, na fabulação, um espaço terapêutico. Nesse caso, podemos dizer que o ato de se expressar através do texto literário desempenha, na narrativa, papel de clínica, lugar de invenção daquilo que falta: palavras; não quaisquer palavras, mas aquelas que expressam as violências sofridas, as dores e, assim, fazem purgar os traumas, os transtornos e reinventar, de algum modo, a vida. Mais do que isso: a partir da perspectiva de quem escreve, do sobrevivente, e não em uma terceira que reduza o sujeito meramente à posição de pessoa atestada com transtornos psicológicos ou em dados estatísticos, na qual se deixe de lado a questão humana do problema.

Perante o exposto, a segunda seção deste trabalho, intitulada “Um convite para a toca do coelho”, que segue esta introdução, é um convite ao leitor para abandonar as amarras do costumeiro e a se debruçar na leitura de um texto que se pretendeu um exercício de devir-criança, apoiado não apenas na teoria deleuziana, como também em parte inicial dos livros de *Aventuras de Alice no País das Maravilhas; Através do Espelho e o que Alice encontrou por lá* (2009), de Lewis Carroll. Obras nas quais a criança protagonista se lança ao desconhecido com o objetivo de sanar sua curiosidade e a atender ao chamado à aventura.

Alicerçada na teoria de Jacques Derrida (2009), a terceira seção, cujo título é “Um guia para a aventura: notas sobre o descentramento”, destinou-se ao estudo e à apresentação de algumas teorias que rasuram o imaginário sobre o que é a infância, a fim de visibilizar diferentes conceitos de como concebê-la (a exemplo de vieses poéticos – Rainer Maria Rilke (2007) – e filosóficos – Giorgio Agamben (2005), Gilles Deleuze (2019) – etc.). Todos eles, embora distintos, assemelham-se em reconhecer a necessidade de se tratar as crianças com respeito e não as segmentar num bloco homogêneo que necessita ficar imune às adversidades da vida.

Na quarta seção desta dissertação, intitulada “Sobre o fim da aventura e o esquecimento das infâncias”, a partir de Phillipe Ariès (2006) e Neil Postman (1999), buscou-se averiguar a

⁵ O conceito será explicitado no capítulo posterior, mas é preciso ter em vista que ele se refere a ideia deleuziana de “estar” na infância, enquanto momento transitório do sujeito, e não o de “ser” delimitado por faixa etária.

perspectiva histórica do surgimento do conceito de infância. Nele, a construção de um imaginário sobre a infância não apenas é regulamentada por adultos, como também recai em contradição: pois, ao mesmo tempo em que surge, decreta-se a sua morte, devido ao seu caráter limitante e pouco correspondente à realidade de milhares de crianças.

Em sequência, a quinta parte deste trabalho, nomeada “O mito da família: o perigo da representação única de um modelo centralizador”, é uma seção na qual se propõe uma leitura descentrada, na perspectiva derridiana (2009), de outro conceito: o de família. Nela, alerta-se para o perigo da representação única do modelo de “família feliz”, com papéis de gênero preconcebidos, e que a mistifica como espaço pleno de cuidado e amor recíprocos. Tanto de acordo com a autobiografia supracitada, quanto com pesquisadoras como Suzana Braun (1999; 2002) e Maria Amélia Azevedo e Viviane Nogueira de Azevedo Guerra (2007; 2015), esse “modelo” não se firma e é incapaz de corresponder à realidade de milhões de crianças brasileiras e britânicas que sofrem com violência doméstica em seus mais variados tipos.

Na sexta seção, nomeada “Por uma fantasia da escrita de si”, propõe-se uma discussão voltada para o fantasiar em Roland Barthes (2005) e em como este termo pode se relacionar com a escrita de si. Visto que, por exemplo, a partir do exercício de escrever sobre si, Toni Maguire converteu-se em corpo literário e, portanto, passível de afecções e de afetos vinculados ao processo. Desta maneira, a teoria de Benedictus de Spinoza (2022) sobre os afetos e a potência de agir foi acionada para dar seguimento à dissertação. Pois, ao tornar-se “corpo escrito”, Antoinette/Toni torna-se um corpo que não apenas é afetado, mas também capaz de afetar outros. Diante disso, sendo vítima e sobrevivente de violência sexual na infância, a partir de sua autobiografia, Maguire testemunha literariamente uma realidade que ainda afeta milhões de pessoas pelo mundo; motivo pelo qual referenciais sobre literatura de testemunho (Seligmann-Silva, 2008) e (Candau, 2011) mostraram-se frutíferos para o encaminhamento da pesquisa.

Reitera-se que o objetivo desta dissertação nunca foi o de analisar os sintomas do trauma, mas sim as repercussões da memória do trauma no corpo, convertido em corpo-tabu⁶ após a quebra do silêncio, e em corpo-texto por Toni Maguire. Além disso, objetivou-se descentrar as noções de infância e de família para então (re)escrever a infância e, assim, não esquecer, pois é a partir daí que se torna possível compreender e (re)escrever um *eu* há muito esquecido e abandonado. Por isso mesmo, se tomou por empréstimo a metáfora dos “vagalumes”, de Didi Huberman (2011), para pensar a autobiografia como possibilidade de

⁶ Considerando-se a *transmissibilidade do tabu* para Sigmund Freud (2013), a ser explicada na seção 6.3 deste trabalho.

resistência e de um (re)inserir-se na história; logo, de um cuidar de si através da escrita. Escrita que rompe as barreiras de silenciamento impostas pelos agressores do sujeito vitimizado.

Por fim, a sétima seção corresponde não apenas às considerações finais feitas sobre as discussões aqui apresentadas, como também acerca da própria construção do trabalho. Afinal, uma vez que foi reconhecida a impossibilidade de fazer esta pesquisa pelos caminhos convencionais, tornou-se relevante expor as ponderações que encaminharam a pesquisadora para esta conclusão.

2 UM CONVITE PARA A TOCA DO COELHO

“Alice estava começando a ficar muito cansada de estar sentada ao lado da irmã na ribanceira, e de não ter nada que fazer; espiara uma ou duas vezes o livro que estava lendo, mas não tinha figuras e nem diálogos, ‘e de que serve um livro’, pensou Alice, ‘sem figuras nem diálogos?’”.

(Carroll, 2009, p. 13)

Se pudéssemos eleger uma característica comum às crianças, talvez, a curiosidade sobre o mundo fosse uma boa sugestão. As crianças nunca parecem se contentar com as respostas dos adultos e o “por quê” (e suas tantas variações) parece habitar a ponta da língua de cada uma delas – ao menos, das que ainda não foram reprimidas o suficiente e ainda se sentem livres para falar. Os questionamentos são diversos e capazes de retirar os mais velhos da sua zona de conforto, pois as perspectivas infantis nem sempre condizem com a nossa, já moldada por leituras científicas, crenças religiosas e por conhecimento adquirido pelos muitos anos já vividos.

Nesta via, nem sempre oferecemos às crianças respostas dignas ou condizentes com suas dúvidas. Os mais impacientes tentam finalizar a conversa com “porquê sim”, sem uma justificativa plausível buscada por quem questiona. Sobre a questão, em estudo sobre o “curiosar”, Cícera Souza, Tamara Donadel e Elenor Kunz (2017) falam sobre a recepção dos adultos para os questionamentos infantis, refletindo sobre como (não) tolhemos essa curiosidade tanto em casa como no ambiente escolar. Afirmam:

[...] é possível observar que nem sempre damos atenção à curiosidade das crianças, que nem sempre contribuimos para que elas explorem ambientes, objetos, alimentos e tampouco respondemos com seriedade aquilo que lhes causa dúvidas e, menos ainda, que as levamos a outros questionamentos. A correria do trabalho e as limitações de tempo costumam dificultar nosso fomento. Mesmo assim, as primeiras atitudes curiosas das crianças acontecem bem cedo. O bebê procura identificar os rostos, as vozes das pessoas que cuidam dele, demonstra reconhecer o cheiro de cada uma, principalmente da mãe. (p. 198)

Para felicidade das crianças, portanto, nem sempre uma figura adulta é a única alternativa para guiá-las e, parte das vezes, sequer há alguma quando a curiosidade emerge. Caso encontrem o espaço, elas vão atrás de respostas por si mesmas, aventurando-se no desconhecido, trilhando seus próprios caminhos. Por isso mesmo, o filósofo Walter Benjamin (2002) é muito feliz quando alude, em seu texto “Livros infantis velhos e esquecidos”, à capacidade das crianças de, a partir dos produtos residuais espalhados pelo mundo, construir seu próprio mundo de coisas, evidenciando o preconceito moderno “segundo o qual as crianças

são seres tão diferentes de nós, com uma existência tão incomensurável à nossa, que precisamos ser particularmente inventivos se quisermos distraí-las” (p. 238)

No caso de Alice, a personagem de *As aventuras de Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll, cujo trecho do primeiro capítulo da obra uso como epígrafe desta seção, reage com descontentamento diante de um livro sem figuras e sem diálogos, considerando-o entediante ao ponto de pensar em alternativas para passar o tempo e abandonar a irmã com a leitura da obra momentaneamente. Ao se deparar com o Coelho Branco (Figura 1), que demonstrava preocupação sobre estar atrasado para algum compromisso, a curiosidade da menina de início não foi despertada. Somente quando o animal, vestido com um traje formal, correu em disparada é que Alice aligeirou-se para acompanhá-lo.

Figura 1 – O Coelho Branco



Então, quando o Coelho mergulhou numa toca, a menina recebeu e aceitou o chamado para a aventura sem pestanejar, deixando sua irmã sozinha para trás:

No instante seguinte, lá estava Alice se enfiando na toca atrás dele, sem nem pensar de que jeito conseguiria sair depois.

Por um trecho, a toca de coelho seguiria na horizontal como um túnel, depois se aprofundava de repente, tão de repente que Alice não teve um segundo para pensar em parar antes de se ver despencando num poço muito fundo. (Carroll, 2009, p. 14)

A aventureira sequer cogitou as consequências do seu ato e se sobreviveria ao salto. Para ela, após uma queda daquelas, só poderiam considerá-la muito corajosa quando voltasse para casa; até poderia se machucar quando aterrissasse, mas ela não reclamaria, porque o triunfo de sua aventura despertaria muito mais a atenção de seus ouvintes (assim pensava). Alice se demorou tanto tempo caindo e, enquanto passava por móveis, quadros e livros pendurados nas paredes (no que mais parecia um poço profundo), teve muito tempo para fabular: o que faria quando encontrasse alguém? Quem ela encontraria lá embaixo? Talvez, pessoas da Nova Zelândia. Ou, quem sabe, os “antipatias”, as pessoas que andavam de cabeça para baixo do outro lado do mundo. Caso fosse a situação, como se apresentaria? Foram muitos os pensamentos e dúvidas pululando na mente da garota e isso nos remonta ao que Agamben considera como a capacidade da criança de “maravilhar-se” (sobre a qual falaremos na seção 3).

A aterrissagem de Alice foi segura, não causou um machucado sequer e logo ela avistou mais uma vez o Coelho Branco. Porém, ao tentar segui-lo, o perdeu de vista e se deparou com muitas portas trancadas, de tamanhos diversos e para onde não tinha ideia de a quais lugares a levariam se ela as atravessasse. Viu então uma chave muito pequena sobre uma mesa, ao que ela procurou a fechadura correspondente e, ao olhar para dentro da porta diminuta, avistou um belo jardim, o mais encantador que já conhecera. O corpo da garota, contudo, era um empecilho: não seria capaz de passar a cabeça, quanto mais o resto do corpo pela portinhola; imaginou como seria se pudesse alterar o seu tamanho. Como se em resposta, uma bebida surgira sobre a mesa. Ao contrário de quando decidira pular na toca, Alice tomou cuidado antes de ingerir o líquido, afinal:

Era muito fácil dizer “Beba-me”, mas a ajuizada pequena Alice não iria fazer isso *assim* às pressas. “Não, primeiro vou olhar”, disse, “e ver se está escrito ‘veneno’ ou não”; pois lera muitas historinhas divertidas sobre crianças que tinham ficado queimadas e sido comidas por animais selvagens e outras coisas desagradáveis, tudo porque *não* se lembravam das regrinhas simples que seus amigos lhes haviam ensinado: que um atizador em brasa acaba queimando sua mão se você insistir em

segurá-lo por muito tempo; quando você corta o dedo *muito* fundo com uma faca, geralmente sai sangue; e ela nunca esquecera que, se você bebe muito de uma garrafa que está escrito “veneno”, é quase certo que vai se sentir mal, mais cedo ou mais tarde. (ibid., p. 18-19)

Observa-se que, como escreveu Mônica Santos (2011), Alice “transforma o lido em experiência, faz associações, questiona o que lhe é dado e, diferentemente de Pinóquio, que aprendeu nos livros a se tornar um menino comportado, torna-se uma menina que ‘cuida de si’” (p. 199-200). Assim, não encontrando nenhuma indicação de que aquela misteriosa bebida era um veneno, Alice a consome.

Figura 2 – “Beba-me”



Embora tenha ficado tão pequenina, o suficiente para adentrar no jardim, arrependera-se logo; já que esqueceu a chave em cima da mesa, a qual não mais alcançava. Encontrou depois uma caixinha sob a mesa, com um bolo dentro e a orientação de “COMA-ME”. Desta vez, ela recebeu e apenas um pedacinho não foi o suficiente para alterar o seu tamanho. O capítulo, então, encerra-se com Alice concluindo que bastava do tédio de uma vida habitual, devorando o bolo por completo, à expectativa do que poderia acontecer.

Menciono o início das aventuras de Alice para introduzir algumas discussões sobre a infância. Como dito inicialmente, a curiosidade sobre o mundo faz parte da infância e movimenta a criança em suas buscas por respostas. Com a protagonista do País das Maravilhas, isso não é diferente; na narrativa, observamos uma menina que vive na intensidade de *ser criança* e de habitar este tempo, experienciando o que lhe é ofertado. Mas isso só acontece porque Alice se permite adentrar o desconhecido e *maravilhar-se* com o que está diante de seus olhos e para além de sua imaginação. Situação similar pode acontecer a nós, adultos, quando exploramos libertos dos grilhões do tempo cronológico e, através da fabulação, fazemos companhia à curiosa Alice na toca do coelho: permitindo-nos *estar* na infância, tal como uma criança, e explorar a potência da intensidade deste processo, sem ter previamente em mente o que nos espera.

O tempo da intensidade do *estar* não se refere, pois, ao tempo do *Chronos* (cronológico), mas ao tempo do *Aión* (do devir). Para melhor compreensão desse e de outros conceitos de infância e do porquê dessa discussão ser necessária para o andamento deste trabalho, no qual se pretende discutir a violência sexual na infância e a autobiografia, convido você, leitor, a adentrar nas seções a seguir. Assim, eis aqui um convite para que você mantenha a curiosidade aguçada, os olhos bem despertos e a imaginação a postos para uma aventura acadêmica que se pretende, em alguma medida, um experimento literário. Dito isto:

“LEIA-ME”

3 UM GUIA PARA A AVENTURA: NOTAS SOBRE O DESCENTRAMENTO

“Sempre se pensou que o centro, por definição único, constituía, numa estrutura, exatamente aquilo que, comandando a estrutura, escapa à estruturalidade. [...] O centro não é o centro”.

(Derrida, 2009, p. 408)

Ao crescer, as pessoas se deparam com inúmeras descobertas e nem sempre encontram respostas para suas perguntas. Contudo, as experiências adquiridas vão, aos poucos, ajudando a construir o sujeito; assim, torna-se insensato esperar que todos pensem ou ajam da mesma forma. Em *Não conte para a mamãe*, as inquietações da narradora são latentes: a entristecia que o *habitual* para os outros não fosse condizente com o dela. Mais ainda: que o mundo como ela conhecia fosse não apenas discrepante, mas assustador, ao ponto de ser recriminada por sua posição de vítima e oprimida não apenas pelo pai, como também pelos adultos e crianças de quem se aproximava em algum momento. Suas experiências e tentativas de socializar, portanto, eram frustrantes e as dores com as quais foi obrigada a conviver resultaram num amadurecimento precoce e numa depressão profunda. Ainda assim, ela era capaz de fantasiar um futuro no qual poderia encontrar a felicidade de ter uma família e de zelar por ela. De oferecer aos outros parte daquilo que lhe negaram durante a infância.

É neste emaranhado narrativo que a protagonista compartilha pensamentos singulares, nos quais podemos observar a presença de questionamentos sobre conceitos de família, de infância, de amor paterno e amor materno, bem como acerca da noção de literatura infantil etc. “Uma tristeza terrível ameaçou tomar conta de mim ao me perguntar como duas pessoas tão capazes de amar uma à outra haviam sentido tão pouco amor pela filha que geraram” (Maguire, 2012, p. 196) – eis uma das muitas passagens compartilhadas por Toni que se contrapõem, por exemplo, ao modelo utópico de instituição familiar enquanto espaço de amor incondicional e nos ajudam a perceber como esse modelo – ocidental, burguês, judaico-cristão – não é capaz de dar conta da multiplicidade de sujeitos e de identidades ao longo do tempo.

Os modelos, os quais habitam o centro, tal como entendido por Derrida, são muito mais redutores do que abrangentes. Redutores no sentido de não abraçarem outras formas de existências e de definirem uma ideia de subjetividade como padrão, quase “natural”, que se opõe e silencia outras maneiras de estar no mundo. Maneiras que escapam deste espaço e correspondem à realidade de tantos que lutam para resistir. Portanto, diante do gesto antagônico de definir como natural o que não o é, discussões sobre representação emergem como possibilidade para se pensar a violência sofrida pelos corpos subalternizados, como é o caso do

corpo infantil. Nesse caminho, o texto de Derrida (2009), “A estrutura, o Signo e o Jogo do Discurso das Ciências Humanas”, contribui para minha reflexão sobre a problemática vinculada a um projeto de centro que silencia realidades, bem como sobre a necessidade de se promover uma política de descentramento que possibilite a emergência na cena social de corpos silenciados. Corpos que sempre falaram e escreveram, embora tivessem seus direitos à fala e à escrita constantemente questionados, censurados ou não visibilizados ao longo da história. Neste caso, de corpos vitimizados sexualmente em seus anos iniciais, capazes de fraturar o mito da família como instituição sagrada e da infância como universo de pureza e ingenuidade.

3.1 ENTRE FANTASIA E REALIDADE: ALGUMAS CONCEPÇÕES DE INFÂNCIA

Juntos naquela tarde dourada
 Deslizávamos em doce vagar,
 Pois eram braços pequenos, ineptos,
 Que iam os remos a manobrar,
 Enquanto mãozinhas fingiam apenas
 O percurso do barco determinar.

Ah, cruéis Três! Naquele preguiçar,
 Sob um tempo ameno, estival,
 Implorar uma história, e de tão leve alento
 Que sequer uma pluma pudesse soprar!
 Mas que pode uma pobre voz
 Contra três línguas a trabalhar?
 (Carroll, 2009, p. 10)

Para muitos, o primeiro contato com a literatura ocorre nos primeiros anos de vida, quando ainda se faz necessário a intervenção de um adulto para contar uma história, pois a criança muito nova não aprendeu a ler. Esse contato, contudo, ocorre de maneiras distintas e alguns, no futuro, até mesmo buscam mapear sua trajetória literária. Livros são eleitos como pontos de partida, contos de fadas são lembrados como signos marcantes e brinquedos são rememorados como objetos sagrados da infância. De acordo com Maria Tatar (2013, p. 7), “Muitas vezes destroçados de tão lidos, esses livros nos transportavam de descoberta em descoberta, levando-nos a mundos inéditos e secretos que dão nova dimensão aos desejos infantis e contemplam os grandes mistérios existenciais”.

Dito isto, o poema sem título que antecede os primeiros capítulos de *Alice no País das Maravilhas* (aqui compartilhado em excertos, conforme o caminhar da discussão) oferece-nos a oportunidade de imaginar possibilidades de como ocorre este encontro da criança com a literatura. Navegando com suas mãozinhas que apenas fingiam saber o percurso, o eu-lírico

clama por uma história que pudesse acompanhá-lo naquela aventura. Em *Não conte para a mãe*, o início da vida escolar apresenta Antoinette ao mundo dos livros, e sua avó materna lhe presenteara com muitos, parte deles lidos com a mãe quando o convívio familiar se resumia às duas, enquanto o pai servia no exército. Os adultos ofereceram um mar a ser desbravado pela criança e, ao menos de início, a aventura para ela não era solitária.

Segue-se:

Imperiosa, Prima estabelece:
 “Começar já”; enquanto Secunda,
 Mais brandamente, encarece:
 “Que não tenha pé nem cabeça!”
 E Tertia um ror de palpites oferece,
 Mas só um a cada minuto.

Depois, por súbito silêncio tomadas,
 Vão em fantasia perseguindo
 A criança-sonho em sua jornada
 Por uma terra nova e encantada,
 A tagarelar como bichos pela estrada
 - Ouvem crédulas, extasiadas.
 (Carroll, 2009, p. 10-11)

A imagem da “criança-sonho” possui diversas conotações, mas a que está em foco aqui é justamente a perspectiva onírica entrelaçada a este sujeito. Há um exercício comum de projetar este ser infantil no mundo não correspondente à realidade. Ele estaria, assim, em seu fantasiar, criando para si aquilo que não há, mas deseja e, através dos sonhos, buscando explorar possibilidades de ir e vir. Possibilidades de navegar pelo desconhecido e de se entregar àquilo que não se sabe. Dessa maneira, pode-se inferir que a bússola da criança é guiada por sua curiosidade que vai se transformando à medida que segue o caminho. Processo similar ao de se adotar a cartografia como metodologia de pesquisa e ir além dos métodos convencionais, pois “A cartografia como método de pesquisa é o traçado desse plano da experiência, acompanhando os efeitos (sobre o objeto, o pesquisador e a produção do conhecimento) do próprio percurso da investigação” (Passos; de Barros; Escóssia, 2015, p. 17).

A pesquisa, portanto, torna-se experiência e um exercício de navegação no qual a etapa do deslocamento é tão importante quanto para onde se quer ir. Vive-se a aventura de dentro e aciona-se o verbo *estar* como mecanismo de ação para refletir sobre o *trânsito* da jornada e não apenas acerca dos locais de partida e de destino. Eis como Gilles Deleuze (1997) concebe o conceito de devir, quando ele analisa a literatura como algo vivo, que é impossível separar da vida; pois trata-se de um processo sempre inacabado, mais do que isso: “uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido” (p. 11). Com isso em vista, a própria noção de representação

literária é questionável, pois escreve-se a partir de um local de fala e com os conhecimentos de mundo e experiências vivenciadas pelo corpo, até então. Logo, a compreensão do processo beira a relatividade: é impossível ser o outro, mas a escrita proporciona que habitemos temporariamente o outro, caso nos permitamos a tal.

Mas, para isto, há algumas ressalvas, a começar pelo fato de que não é possível devir-Homem, pois este já é o sujeito plenamente privilegiado nas esferas sociais. O homem é tido como centro, ao ponto de sermos criados para cultivar a ideia de que o natural é ser e agir de uma determinada maneira; o que se opõe a esta “natureza” é o diferente.

Devir não é atingir uma forma (identificação, imitação, Mimese), mas encontrar a zona de vizinhança, de indiscernibilidade ou de indiferenciação tal que já não seja possível distinguir-se de *uma* mulher, de *um* animal ou de *uma* molécula: não imprecisos nem gerais, mais imprevistos, não-preexistentes, tanto menos determinados numa forma quanto se singularizam numa população. Pode-se instaurar uma zona de vizinhança com não importa o quê, sob a condição de criar os meios literários para tanto [...]. (p. 11).

Dessa maneira, *devir* é também um exercício de respeito e de não subjugar o *outro* aos nossos preconceitos. E, justamente por isso, é tão desafiador. No poema, a imagem da criança-sonho se lança à sua jornada sem mapas para guiá-la, sem ter em vista os perigos ou as recompensas que possa encontrar ao longo do caminho; sem priorizar que a lógica da aventura faça sentido. A descoberta é um processo e o leitor infantil, tal como um pesquisador cartógrafo, dispõe-se a navegar sem saber o que o espera. Este exercício é um processo semelhante também ao de escrever sobre si, observável na autobiografia em questão. Ao se converter em literatura, a autora constrói mapas que permitem lê-la e interpretá-la. O compartilhamento de suas inquietações, dores, experiências e memórias tornam acessível a sua história não apenas para seus leitores, mas a ela própria, que por muito tempo se calou. E é justamente escrevendo sobre si, sobre Antoinette e sobre Toni, que a narradora se põe em trânsito deleuziano: “De volta ao asilo, senti o frio na pele, à medida que as lembranças reviravam-se em minha mente, e incapaz de qualquer movimento. A cadeira dura me fez despertar. Antoinette não estava mais lá, e Toni, minha identidade adulta, voltara ao comando”. (Maguire, 2012, p. 45-46).

A estratégia de dividir-se em duas opera no livro uma divisão entre o passado e presente da narrativa. Além disso, a mudança de nomes para a mesma personagem revela o distanciamento de parte de si adotado pela narradora, que trata Antoinette como o outro. À medida que a história avança e os “mapas” são desenhados, a linha temporal se unifica: mesmo quando escreve sobre Antoinette, é Toni que apresenta suas impressões sobre ela própria, até o ponto de, em muitos momentos, não diferenciar as identidades quando se refere ao passado.

Através da escrita de si, o autoconhecimento emerge, tal como a compreensão dos detalhes daquilo que se viveu e do próprio presente:

Servi-me da vodca de minha garrafa de bolso, acendi um cigarro e encostei a cabeça na cadeira para refletir sobre a felicidade daqueles primeiros anos. Por que, perguntei-me, fora tomada por sentimentos de destruição iminente? Não havia nada naquele lugar para me causar medo.

– Há, sim, Toni – veio o sussurro. – Você está com medo de mim.

– Não estou – respondi – Você é meu passado, e o passado já foi resolvido.

Mas a negação era inútil. Ao olhar para os cantos da sala vazia, através da fumaça do meu cigarro, senti a força de Antoinette puxando-me de volta para atravessar o portão da casa de sapê. (ibid., p. 46)

Evidencia-se também que a escrita de si nem sempre é um ato agradável. Ela pode provocar desconfortos e levar o sujeito a confrontar-se consigo enquanto um estranho. Para além de pensamentos materializados em escritos, permitindo a leitura de um *eu*, há também do próprio tempo que se esvai sem nem sempre ir (no sentido de partir, mas não para necessariamente nunca mais voltar). Assim, é mais do que transformar papel e caneta em força de registros de memória, pois o que está em pauta vai além de um sujeito aprisionado em si, mas estrangeiro de si próprio. Em outras palavras, e parafraseando Maria Gabriella Llansol (2011, p.11), autora portuguesa de diários já publicados, “É a minha própria casa, mas creio que vim fazer uma visita a alguém”. É também um sujeito no mundo, ou melhor, em mundos: em trânsitos, em contato com outras figuras e com suas narratividades. E escrever sobre esse outro pode ser comparado ao de urdir o País das Maravilhas:

E sempre que a história esgotava
Os poços da fantasia,
E debilmente eu ousava insinuar,
Na busca de o encanto quebrar:
“O resto, para depois...” “Mas já é depois!”
Ouvia as três vozes alegres a gritar.

Foi assim que, bem devagar,
O País das Maravilhas foi urdido,
Um episódio vindo a outro se ligar –
E agora a história está pronta,
Desvie o barco, comandante! Para casa!
O sol declina, já vai se retirar.
(Carroll, 2009, p. 11)

Afinal, na medida que a escrita de si proporciona a quem a pratica a possibilidade de construir a si próprio através da linguagem, ela é uma experiência similar ao de brincar, em que

a percepção da passagem do tempo se confunde durante o processo. E, em meio a isto, constrói-se mais do que uma história, pois oferece-se vida às palavras ao longo da aventura. A intensidade da jornada, então, transborda e é posta em jogo, conforme sejam cartografados os mares e as terras encontrados, tal como se façam registradas as percepções do navegante acerca de suas descobertas.

No que concerne ao brincar, não foram poucos os que já se debruçaram em algum momento para teorizá-lo. Donald Winnicott (1975), por exemplo, defendia dentro da psicanálise a existência de um espaço potencial, o qual estaria entre a realidade interna e a externa, isto é, enquanto de um lado se encontrariam as fantasias e os desejos, do outro estaria a realidade factual, “o mundo real”. Neste *entrelugar*, a criança e o adulto poderiam explorar sua liberdade de criação e manifestar sua criatividade. Estariam aptos a se expressar e a compreender o mundo pela interseção de sua subjetividade e de como observam a vida ao seu redor, ao mesmo tempo em que compreendem os *eus*. Para o estudioso, portanto, o brincar é essencial à condição humana, pois permite não apenas ao sujeito expressar suas emoções, como também o auxilia na formação de sua personalidade, no seu desenvolvimento cognitivo e a melhorar suas relações interpessoais.

Por sua vez, no ensaio *Escritores criativos e devaneios* (1908/1907), Sigmund Freud compara a experiência do brincar para a criança com o ato da escrita para um escritor criativo, afinal, ambos estão em processo de “criar” um mundo que seja de seu agrado. Além disso, tanto a escrita criativa quanto o brincar para a criança são atividades sérias, opondo-se à ideia do real e não da seriedade. Não apenas o tempo é investido, como também o interesse e sua criatividade para lidar com o mundo estão presentes como elementos marcantes.

Dito isto, a metodologia adotada nesta dissertação caminha por este viés: o da brincadeira e da exploração do lúdico para lidar com diferentes entendimentos sobre os assuntos e teorias abordados. Assim, tal como uma viagem marítima, ela não se limita ao que está na costa; a exploração só se tornou possível para a pesquisadora quando, a partir da decisão de potencializar a criatividade e de permiti-la fazer parte da jornada, o descentramento do próprio texto e da perspectiva de pesquisa passaram a operar como uma brincadeira genuína sem se

abandonar, todavia, o rigor do valor acadêmico. Dado a tragicidade presente na obra literária estudada e ao método cartográfico aqui adotado, não foi possível impedir que o processo da pesquisa não afetasse a pesquisadora, que, por tantas vezes, tendia a levá-la à paralisia, ao não saber lidar com o objeto escolhido em certos instantes. Desta maneira, a busca por manejar o trágico pela ludicidade, pela fantasia, pela própria experiência de brincar usando a linguagem de brinquedo, demonstrou-se uma estratégia bastante profícua.

Curiosamente, estudar a subjetividade de Maguire e permitir que os *eus* brincassem entre si foi um exercício espontâneo, do qual só me dei conta após finalizado. O devir-criança, sobre o qual será falado a seguir, também emergiu neste trabalho como impulsionamento para o próprio *eu*, auxiliando no desenvolvimento do estudo realizado.

Buscando-se pensar a autobiografia em questão a partir de perspectivas que exploram as diferentes intensidades da infância, em sequência serão abordados alguns conceitos de infância, que tomam a criança enquanto um indivíduo tal como nós somos, sem aproximá-la do inumano: daquilo que precisa ser domesticado para ser inserido na sociedade ao atingir a maior idade – antes disso, um *selvagem*. O propósito é oferecer pequenos mapas para ler *Não conte para mamãe*, ainda sob a ótica do descentramento.

3.1.1 Devir-criança

Devir-criança é um processo no qual um sujeito pode se lançar a fabulação para então encontrar desvios do signo “adulto”. Não é mais alguém na posição de “maior de idade”, com poder de fala, o qual legisla sobre os jovens; mas uma escritora (neste caso) que se permitiu *estar como uma criança* para falar sobre a experiência da infância e, a partir desse movimento singular e não linear, cartografar os desconhecidos desvios das infâncias (abandonando, por sua vez, um modelo único e totalizador do que seria ser criança).

Em *Lógica do Sentido*, Deleuze (2015) discute sobre o tempo e o diferencia a partir das perspectivas estoicistas. Partindo de *Alice*, de Lewis Carroll, o estudioso comenta como a obra realiza um jogo de sentidos peculiar, cujo andamento ocorre não apenas por suas particularidades linguísticas, como pela exploração de noções caóticas. Através da linguagem, a construção do País das Maravilhas só é possível conforme uma lógica própria do mundo. A jornada de Alice é iniciada quando ela pula na toca profunda do coelho e se depara com todas aquelas estranhezas. Na sua jornada desde o pulo, passando pela exploração daquele mundo,

até sua busca por retornar à superfície, a menina vai percebendo o mundo pelos seus inversos, pelas suas extensões e avessos, pelas esquerdas e direitas – conforme o filósofo, “Não há, pois, aventuras de Alice, mas uma aventura: sua ascensão à superfície, sua desmistificação da falsa profundidade, sua descoberta de que tudo se passa na fronteira” (p. 10). Para tanto, a garota também habita outra lógica temporal: o tempo de Aión. Há, portanto, nas palavras do autor, um paradoxo:

Alice assim como *Do outro lado do espelho* tratam de uma categoria de coisas muito especiais: os acontecimentos, os acontecimentos puros. Quando digo “Alice cresce”, quero dizer que ela se torna maior do que era. Mas por isso mesmo ela também se torna menor do que é agora. Sem dúvida, não é ao mesmo tempo que ela é maior e menor. Mas é ao mesmo tempo que ela se *torna* um e outro. [...] Tal é a simultaneidade de um devir cuja propriedade é furtar-se ao presente. Na medida em que se furta ao presente, o devir não suporta a separação nem a distinção do antes e do depois, do passado e do futuro. Pertence à essência do devir avançar, puxar nos dois sentidos ao mesmo tempo: Alice não cresce sem ficar menor e inversamente. O bom senso é a afirmação de que, em todas as coisas, há um sentido determinável; mas o paradoxo é a afirmação dos dois sentidos ao mesmo tempo.

[...]

O paradoxo é, em primeiro lugar, o que destrói o bom senso como sentido único, mas, em seguida, o que destrói o senso comum como designação de identidades fixas. (Deleuze, p. 1-3, 2015).

Nessa linha de pensamento, o devir-criança só pôde acontecer, no livro de Maguire aqui estudado, pelo ato dela se lançar às estranhezas da infância, na medida em que a autora precisava se desprender das amarras do tempo de Chronos, tal como de ideias preestabelecidos pelo senso comum acerca do *ser criança*. Enquanto o tempo cronológico se caracteriza pela divisão do tempo em etapas (passado, presente e futuro) e pela sucessão delas, o tempo aiônico é um presente contínuo, em que passado e futuro, acontecimentos e efeitos, estão inseridos no tempo simultaneamente. A construção de sentidos, portanto, opera dentro desta perspectiva vinculada ao exercício da linguagem. Para tal, é necessário que se adentre neste outro tempo, o qual, de acordo com Fernando Monegalha⁷ (2018, p. 95), professor do curso de Filosofia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), refere-se à noção de que:

Aion está vinculado à questão primária da linguagem que é a questão do sentido: frases sobre o passado e o futuro somente têm sentido para nós porque nós somos dotados de uma segunda temporalidade, que se sobrepõe à temporalidade própria do presente vivo. É essa segunda temporalidade, propriamente simbólica, que Deleuze chama de Aion.

⁷ Monegalha, Fernando. O tempo do sentido: Cronos e Aion no pensamento deleuzeano. *O Mangueral*, Aracaju, v. 1, n. 2, a. 2, p. 88-95, jan/jun 2018.

Sendo assim, conforme o filósofo da educação Walter Omar Kohan, em seu texto “Vida e morte da infância, entre o humano e o inumano”⁸, “[...] o devir-criança é durativo e não sucessivo. Intensifica os modos de existência, interrompe a sequência dos tempos uniformes e modelares propostos pela instituição pedagógica”. (Kohan, 2010, p. 132). Dessa maneira, qualquer um de nós, em qualquer momento de nossas vidas pode devir-criança, ou seja, pode experimentar esse estado de intensidade – não sem dificuldade, obviamente. Ainda conforme Kohan, na mesma página, “[...] não há um sujeito numa idade pronto para se transformar, mas intensidades e fluxos a habitar em qualquer idade”. É como se fosse um processo de desterritorialização do *eu* para habitar um *estar* momentâneo, descontínuo e intenso, a fim de construir sentidos pela esfera da linguagem. Por isso, para Deleuze (2019, p. 13), “a literatura só começa quando nasce em nós uma terceira pessoa que nos destitui do poder de dizer Eu”.

No caso de Alice, suas aventuras nos mostram como ela deixa de ser a personagem de seu ponto inicial, embora não necessariamente se transforme em algo totalmente diferente:

“Quem é você? Perguntou a Lagarta.

Não era um começo de conversa muito animador. Alice respondeu, meio encabulada: “Eu... eu mal sei, Sir, neste exato momento... pelo menos sei quem eu *era* quando me levantei esta manhã, mas acho que já passei por várias mudanças desde então.”

[...] Por alguns minutos a Lagarta soltou baforadas sem falar, mas por fim descruzou os braços, tirou o narguilé da boca de novo e disse: “Então acha que está mudada, não é?”

“Receio que sim, Sir”, disse Alice. “Não consigo me lembrar das coisas como antes... e não fico do mesmo tamanho por dez minutos seguidos!”

[...]

“De que tamanho você quer ser?” perguntou.

“Oh, não faço questão de um tamanho certo”, Alice se apressou a responder; “só que ninguém gosta de ficar mudando toda hora, sabe?”

“Eu *não* sei”, disse a Lagarta.

Alice não disse nada: nunca fora tão contestada em sua vida e sentiu que estava perdendo a paciência. (Carroll, 2009, p. 55-60)

Questionada sobre quem ela seria, a menina não consegue encontrar uma resposta que não seja através de negativas ou respostas divagantes, sequer cogita em apenas informar seu nome, pois “Eu sou a Alice” não era mais suficiente para apresentá-la. Sua identidade, assim,

⁸ Esse texto de Kohan nos oferece pistas para compreendermos o conceito de devir-criança, tal como proposto por Gilles Deleuze, bem como nos apresenta concepções sobre a infância, a partir de proposições de autores como Rainer Maria Rilke e Jean-François Lyotard que nos serão úteis para a composição da discussão aqui realizada.

tornou-se estranha para ela própria ao longo da narrativa: a cada momento ela está de uma outra forma, de um outro tamanho, com os membros disformes, e isso a incomoda por fugir de seu controle (vide Figura 3). Em constante processo de transformação, Alice aprende sobre si, mesmo quando a lógica de cada acontecimento não é, em princípio, aparente.

Figura 3 – “Cada vez mais estranhíssimo!”



Fonte: *Aventuras de Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll (2009, p. 24).

Em *Não conte para a mamãe*, por sua vez, a escrita da autora pode ser vista como uma trajetória similar ao de devir-criança, visto que a estratégia utilizada para escrever sobre suas memórias na autobiografia é atravessada pela inserção do *eu* em tempo aiônico. Apesar de nomear Antoinette como seu “eu-criança” e Toni como seu “eu-adulto”, é a partir do encontro simultâneo dos tempos que ocorre a promoção de construção de sentidos na narrativa.

De volta à casa de repouso, fiz café para mim e acendi um cigarro, na tentativa de interromper o fluxo de lembranças, mas Antoinette, o fantasma de minha infância, ainda estava lá. Eu a ouvi mais uma vez.

– Toni, lembre-se por você mesma, lembre-se da verdade.

Eu havia aceitado que meu passado estava resolvido, mas o rosto de Antoinette continuava voltando para me assombrar. Eu destruíra quase todas as fotografias muitos anos atrás, imagens que revelavam a vida da criança que um dia eu fora. No entanto, elas surgiam diante de mim, uma por uma. (Maguire, 2012, p. 116)

Nota-se, portanto, a tentativa de segmentar a vida em etapas: as memórias de Toni são tão dolorosas, ao ponto de ela optar por enclausurá-las num tempo que já se foi e não gostaria de retornar. Contudo, elas fogem do seu controle através da aparição constante de Antoinette, a qual a incentiva não apenas a (re)visitar o passado, como também em (re)interpretá-lo tanto em tempo presente, como também a partir da perspectiva de quando garota. Dessa maneira, a simultaneidade dos tempos percorre o desenrolar da narrativa: o eu-adulto se lança aos olhos do eu-criança para contar a história de ambos e, à medida que os acontecimentos são narrados, os efeitos são expostos. Percebe-se, a partir daí, por exemplo, que em nenhuma dessas fotografias mencionadas havia a presença de outras crianças; desde muito nova, ela vivia em dissonância com as demais, fato que será explorado nos capítulos posteriores desta dissertação.

Isto posto, reitera-se que Toni Maguire escreve sobre uma infância real, silenciada, negligenciada, abandonada, e sua exposição rompe com o mito da “infância feliz”, ou com possíveis concepções acerca de como as crianças estão a salvo da perversidade humana dentro de suas casas, com suas famílias. A autora textualiza sua experiência e, ao textualizá-la, expõe claramente o quanto uma criança pode ser e é violentada por aqueles que deveriam protegê-la. Embora apresente seu exemplo, ela evidencia que seu caso não é uma exceção, mas parte integrante de uma realidade que nem sempre alcança visibilidade nas produções literárias e midiáticas. E, muitas vezes, ao ter sua história exposta (por ela ou por acontecimentos resultantes da violência, como ocorreu com Antoinette), a criança está passível de ser mal interpretada, julgada como cúmplice e pode não receber a ajuda devida da comunidade em seu entorno. Sendo então um sujeito de resistência, Maguire encontra na literatura espaço para lutar. Neste caminho, ao se expor, permite – ainda que não seja a regra – que a obra possa conversar com seus leitores (tenham sido eles ou não vitimizados sexualmente).

Destarte,

O devir-criança é também uma máquina de guerra contra o Estado e contra as instituições do capital. Ele é um espaço e um tempo de resistência: circula numa outra temporalidade que a habitada pela infância cronológica. O devir-criança não sabe de

modelos, maiorias, totalizações, normativas. É uma força de encontro que abre espaço a um mundo novo, ainda inabitado. (Kohan, 2010, p. 132)

Diante disto, evidencia-se a potência do devir-criança ressaltada por Kohan. Tal como fez Lewis para urdir o País das Maravilhas a partir do *non-sense*, ou, ainda, como o fez Maguire ao construir sua autobiografia, um jogo é estabelecido ao longo da experiência, cuja instrução inicial o senso comum não é capaz de dar conta, pois é preciso *habitar* um outro lugar, em outra compreensão de tempo. É necessário enfrentar os grilhões das ideias preconcebidas e das forças de normatizações da vida e, assim, torna-se possível, a partir da perspectiva de um rebelde infantil, o qual usufrui da sua imaginação, resistir e criar seu próprio espaço de elucidação.

Por fim, lembrar a menção ao diálogo de Alice com a Lagarta ainda é um gesto profícuo, porque ela pode ser utilizada também para pensar este processo vivido em *Não conte para a mamãe*. Ao se identificar a partir dos *nãos*, das dúvidas sobre si, a jovem aventureira não esconde seu descontentamento com as mudanças encontradas ao longo da jornada. De maneira equiparada, Toni se aventura com Antoinette e percebe, com o tempo, que as mudanças ao longo do caminho são inevitáveis e é possível aprender com elas. Logo, o *estar como uma criança* é, em certa medida, *estar em crescimento* nas medidas de Alice (em dado momento, com oito centímetros, em outros, com os membros tão extensos que se torna impossível atravessar uma portinhola); também é *estar em trânsito* para construção de sentidos sobre si e sobre o mundo.

3.1.2 A criança e o artista

A infância – o que ela realmente foi? O que *foi* ela, a infância? Não se pode indagar sobre ela senão com essa atônita pergunta – o que foi ela? Aquele arder, aquele espantar-se, aquele contínuo não-poder-fazer-de-outro-modo, aquele doce, profundo, irradiante sentir-as-lágrimas-aflorarem? O que foi isso? (Rilke, 2007, p. 123)

Em uma de suas cartas publicadas em *Cartas do poeta sobre a vida*, em específico, na seção intitulada “Sobre a infância e educação”, Rainer Maria Rilke (2007) argumentou que à medida que a criança vai crescendo é como se ela fosse moldada a ser o que não é e, com isso, a intensidade de sua infância vai se perdendo com o passar dos anos. Os adultos, muito atribulados com suas preocupações, desejos e demandas, perdem a forma de experienciar o mundo através dos olhos infantis, deixam de prestar atenção aos detalhes do mundo e passam a encará-los como frivolidades; seja por falta de tempo ou de interesse em surpreender-se com o mundo, seja por não se permitirem mais se sensibilizar tal como uma criança. Nesta

perspectiva, uma flor que desabrocha fora de época, por exemplo, já não os alegra como poderia fazer no passado. A beleza da vida é, muitas vezes, deixada de lado, tal como o prazer de apreciá-la em seus pormenores. Não em vão, o poeta declarou: “Arte é infância” (ibid., p. 124).

Diante disto, para o autor, a criança e o artista se equiparam, pois para ambos o tempo é o mesmo: não uma questão de cronologia, mas de intensidade. A infância não é um evento com data limite a ser festejado até certa idade, mas algo que pode nos acompanhar, caso não a deixemos à mercê do esquecimento. Trata-se de vitalidade, de permitir-se abraçar a alegria, apesar dos pesares.

Contudo, a cultura adultocêntrica da qual o sujeito adulto se considera porta-voz da existência é vigilante e castradora da infância. Sobretudo, levando-se em consideração o sistema educacional vigente⁹ na época, ao qual Rilke se opunha. Tanto as escolas quanto os pais e responsáveis pelos mais jovens são alvos da crítica do poeta, pois, enquanto a família está mais preocupada em “formatar” seus filhos para reproduzirem suas vidas já vividas e fazerem aquilo que eles acreditam ser o “melhor” para as crianças (ao invés de permitir que eles explorem suas potências infantis), a instituição escolar configura-se como o poder que preza pela manutenção destes valores. Nesta perspectiva, a escola não oferece o espaço adequado para que a infância explore o seu próprio tempo; porque o ensino está sempre mais voltado a um “vir a ser adulto”. Sobre isso, Kohan (2010) alega que “a escola deveria estar mais atenta a deixar que a infância se faça a si própria em vez de pretender fazer da infância algo predeterminado, diferente do que ela é” (p. 131).

Equiparadamente, o artista sofre com as instituições capitalistas e com a desvalorização de seu trabalho, que funcionam como agentes que reprimem a possibilidade do sujeito de explorar sua potência criadora e a intensidade de seu tempo. Portanto, tanto a criança quanto o artista, para Rilke, seriam sinônimos de resistência a um mundo que os oprime. Inclusive, seu desconforto sobre esta realidade é tamanho, ao ponto de ele questionar com fervor: “Por quê, meu Deus, alguém passa a vida de acordo com os costumes que nos envolvem como um traje apertado e nos impedem de alcançar a alma invisível, essa dançarina entre os astros?” (Rilke, 2007, p. 124). A educação contemporânea ainda pretende guiar os jovens para fazerem o ENEM, prestarem vestibular, na expectativa de que eles possam ter uma profissão considerada

⁹ Naquele período entre os séculos XIX e XX, o modelo educacional sofria influências pós-revolução Industrial. Assim, o ato de educar funcionava como mecanismo de controle das massas, ao mesmo tempo em que a pedagogia se expandia de maneira a pensar a educação como caminho para emancipação do povo. A escola também passou a ser obrigatória para todos na Europa, e os alunos aprendiam a respeitar a ordem social. “A seriação, a divisão do conhecimento em disciplinas compartimentadas, os horários, os conteúdos e o papel social conferiram à escola, desde então, a função de dirigir o aprendizado e o desenvolvimento das pessoas, ao passo que realizaria a intermediação entre a passagem da infância à vida adulta” (Fonseca, 2010, p. 40).

respeitável. Contudo, esta forma linear de pensamento, de que devemos nos tornar algo ou alguém, é, no mínimo, castradora. Primeiro, porque desde sempre somos (melhor: estamos) algo ou alguém. Segundo, por que será que cada um de nós realmente anseia apenas por *uma* possibilidade de viver? Às crianças, esta cultura parece inoportuna, pois elas fantasiam, devêm árvores, animais, brinquedos, objetos, sonham com outros mundos e outras possibilidades de ser. Com isto em vista, Rilke escreveu: “Ter infância significa viver mil vidas diante do Um” (ibid., p. 125).

Simpatizo com a ideia de não pensar o mundo de forma linear, com um único direcionamento daquilo que podemos ser. Pois, semelhante ao que os pensadores apresentados nesta seção até aqui declaram, acredito que é entre os desvios, os retornos, o *estar perdido* sem bússola que a vida se constrói. Assim, embora a maneira poética de Rilke encarar a infância seja passível de críticas, uma vez que o poeta a pincela através dos preceitos da beleza e da alegria, quase flertando com a utopia do imaginário infantil de pureza, como se a castração ocorresse só pelas vias educacionais, não mencionando a pluralidade da infância e das violências que acometem crianças das mais diversas ordens, ela ainda é proveitosa para ampliar a discussão. Faz-se necessário, nesse sentido, a atenção comedida para cada parágrafo de seu texto; afinal, muitos são os jovens que não têm acesso às escolas e não são poucos aqueles abandonados por seus pais ou explorados por eles, mas ainda assim são castrados dia após dia de explorarem a intensidade da infância. A esses sujeitos, o ser adulto não é questão de escolha, mas de sobrevivência. Com isto em vista, pergunte-se, caro leitor, se

A infância é um país independente de tudo. É um país em que há reis. Por que ir para o exílio? Por que não envelhecer e amadurecer nesse país? ... Para que se habituar àquilo em que os *outros* acreditam? [...] Parecia que a gente podia ficar feliz e grande com cada coisa, mas também que podia morrer em cada coisa... (ibid., p. 125).

Na autobiografia de Maguire, muitas são as menções à sua vida escolar. Ela pontua tanto suas experiências positivas, quanto as negativas. Se, no início, foram os primeiros anos como estudante que a inseriram no universo da leitura, quando ainda não sofria abusos e a mãe fazia questão de arrumá-la de forma distinta para frequentar às aulas, a fim de mostrar que a criança era amada e sua família era respeitável como das outras mães, foram nos anos seguintes, dentro do espaço educacional, que a segregação surgiu e atingiu seu ápice.

A partir do momento em que a vitimização sexual começa a ocorrer e a figura materna suspende seus cuidados para com a filha, a aparência da criança se converte no retrato do abandono. Ela se torna muito magra, os cabelos passaram a lhes cobrir os olhos, o uniforme antigo, incapaz de acompanhar o crescimento do corpo da menina, passa a não ser condizente

com os das próximas escolas (e não foram poucas as vezes em que precisou mudar o local no qual estudava). Era como se Antoinette fosse um incômodo aos olhos dos outros, sua estranheza não era bem recebida sequer pelos professores; por mais que tentasse, as crianças não se aproximavam dela (mesmo quando tentava atraí-las com doces), quase como se fossem instruídas pelos próprios pais a não fazerem amizade com ela. A narradora enuncia:

Eu sabia que não era popular entre meus colegas, tampouco com as professoras. Também sabia, por mais jovem que fosse, que os desagradava não apenas pelo modo de falar, mas também pela minha aparência. Eu notava que as outras meninas me olhavam de forma diferente, com seus cabelos bem-arrumados e sedosos. Algumas usavam fivelas, outras, penteados com fitas. Só o meu era caído e bagunçado. Seus uniformes eram bem-passados, as blusas eram brancas e limpas, e os suéteres, sem remendos. As outras crianças que moravam a alguns quilômetros da escola tinham bicicletas, e seus sapatos não ficavam gastos pela umidade constante que removera todo o brilho dos meus.

[...]

Todos os dias, indo para a escola com as mãos e os pés frios, eu já temia o que viria pela frente – a hostilidade das crianças, o desprezo pouco velado das professoras – e tentava pensar em uma forma de fazer com que gostassem de mim.

[...]

Eu era uma criança muito quieta, porque estava bastante deprimida. Aparentava ser bem-comportada, mas ninguém se interessava em como eu estava me sentindo. (Maguire, 2012, p. 67-69)

Assim, a escola cooperou para que a infância de Antoinette fosse castrada. Por ela não corresponder ao modelo de criança que os adultos postulavam, a garota foi negligenciada pela comunidade e encontrou poucas oportunidades para explorar a intensidade de sua infância; já não bastasse o fato de que a própria estrutura educacional do *vir a ser* pudesse dificultar o processo. Talvez, para alguns, aquele corpo estranho, por não se enquadrar no modelo, não tivesse direito a um futuro, e a tentativa de anular sua presença na sociedade fosse reflexo da própria incapacidade (quiçá, vontade) adulta de lidar com aquilo que lhe escapa. Afinal, somos convencidos a recusar o que não compreendemos.

Rilke salienta em seu texto a superioridade adulta frente às crianças. Ou melhor, do costume de se pensar e agir como se as crianças não soubessem de absolutamente nada e não vivessem, do equívoco de se esquecer que elas, tal como nós, já estão inseridas em suas próprias vidas¹⁰. Para ele, ser jovem está no ato de se permitir apreciar cada descoberta diária, de sentir

¹⁰ A este pensamento, o poeta brasileiro Junior Bellé retoma Lacerda para refletir sobre a literatura infantil e discutir sua densidade. Cita-se: “Muitos ignoram que elas [as crianças] ‘são pessoas como nós, com os mesmos dilemas existenciais que nós, e de certa forma com dilemas ainda piores, pois enquanto nós adultos já recebemos

prazer com esse gesto, de experienciar a intensidade da vida. Logo, contrapondo a expectativa adulta de educar as crianças para se tornarem *um* alguém, o poeta ressalta que o sujeito contemporâneo¹¹ não é alguma coisa, mas está, tal como uma criança, em constante processo de transformação e descoberta de si. A todo momento sofre influências e influencia o seu entorno, em processo contínuo de construção de si. Dito de outra maneira, embora o adulto esqueça-se da infância como a vivenciou, ela não o abandona: está ali, acompanhando-o, convidando-o para brincar com a vida. Reconhecer isto pode ser uma escapatória para a censura que nos rodeia e uma maneira de não nos exilarmos de nós mesmos, mas de experienciar pelo olhar infantil o sabor da vida (ainda que muitas vezes ela seja dolorosa).

3.1.3 A criança como um igual

Em uma edição de *As crônicas de Nárnia*, de C.S. Lewis, publicada no Brasil em 2009, na qual todas as crônicas foram compiladas volume único, encontramos, ao final da obra, um ensaio do autor intitulado “Três maneiras de escrever para crianças”. Nele, encontra-se uma crítica efusiva de Lewis sobre as formas, classificadas de três formas distintas, como autores tendem a se comportar ao escreverem para o público infantil e em como isso se relaciona com a perspectiva que eles possuem sobre esse grupo.

A primeira delas parte do pressuposto de que as crianças formam um grupo especial, portanto, devem ser tratadas de uma forma particular. Com isso, prolifera a criação de obras as quais mistificam as crianças como seres ingênuos e de fácil agrado: “basta descobrir o que elas querem e lhes oferecer exatamente isso” (ibid, p. 742). Esses autores, contudo, nem sempre se dão conta de que ao agirem desta maneira estão menosprezando o seu público e tornando seus livros pouco interessantes: pois se não há desafios, mistérios, ou tudo é muito fácil, o que tornaria a narrativa instigante para alguém?

Na segunda maneira, o autor direciona a sua obra para uma criança específica e normalmente é contada a viva voz. Os desejos do leitor, então, até podem ser atendidos, mas não de forma similar ao primeiro caso, pois aqui o escritor se preocupou em determinar uma criança e conhecê-la antes de escrever. Logo, “[...] não concebe as ‘crianças’, de modo nenhum,

algumas respostas da vida, a deles ainda está totalmente em aberto, o que é muito mais angustiante” (Lacerda apud. Bellé, 2014, p. 45). Diante disto, o pensamento de que a literatura para crianças deve passar por filtros temáticos é também consequência desta lógica que não raras vezes habita o espaço escolar.

¹¹ Situa-se que a contemporaneidade conhecida pelo poeta não é a atual, visto que ele viveu entre 1875 e 1926. As memórias retratadas por Toni Maguire, por sua vez, abrangem as décadas de 40 e 50, tendo em vista que nasceu em 1944.

como uma espécie cujos hábitos ele precisa ‘identificar’, como faria um antropólogo ou um caixeiro viajante” (ibid., p. 742). São exemplos aqui obras como as de Lewis Carroll (*Alice no País das Maravilhas*) e Tolkien (*O Hobbit*).

Por sua vez, a terceira forma, com a qual C.S. Lewis se identifica, “[...] consiste em escrever uma história para crianças porque é a melhor forma artística de expressar algo que você quer dizer” (ibid., p. 742). Desta maneira, o autor estabelece respeito tanto com seu público quanto com a obra que pretende criar. O processo criativo ocorre a partir da relação de sinceridade e equidade entre ambas as partes, o que faz a atmosfera da infância ser transmitida nessas histórias como consequência disso, e não a partir de ideias preconcebidas sobre o que deveria agradar o seu público. A esta questão, o ensaísta alerta:

Quando escrevemos longamente sobre crianças vistas pelos olhos de adultos, o sentimentalismo tende a se introduzir, ao passo que a realidade da infância, tal como todos nós a vivemos, tende a se excluir. Ora, todos nós nos lembramos de que nossa infância, tal como a vivemos, era infinitamente diferente de como os adultos a viam. (ibid., p. 743)

Não por acaso, ele considera que uma boa obra infantil é justamente aquela capaz de atravessar o tempo, pois uma história que agrade apenas algumas crianças e não desperte interesse dos adultos é uma história ruim, não sendo capaz de permanecer com o leitor. De fato, muitas pessoas depois que crescem temem visitar suas obras preferidas quando criança, alegando que “não querem estragar a memória”; e, muitas vezes, esses livros podem ser decepcionantes ou levar o leitor a questionar como ele foi capaz de gostar de determinada história no passado. Porém há ainda muitas obras que são relidas com frequência ou assistidas em adaptações cinematográficas, por exemplo. O erro, para C.S. Lewis, está no costume moderno de considerar o adjetivo “adulto” como sinônimo de positivo e reduzir o “infantil” à *coisa de criança* e, portanto, menor, menosprezando-se as produções direcionadas a este público. Como se *crescimento* fosse sinônimo de *abandonar parte de si* e o não abandono significasse *retardamento* do indivíduo.

Lewis discute, dessa maneira, como concepções acerca da infância podem interferir na prática artística, pois se se compreende, por exemplo, que as crianças são inaptas a determinados temas, linguagens etc., consequentemente haverá censura. Nesse caminho, a lógica seria: a criança não deve sentir medo, logo, as histórias não devem conter violência, morte etc.; a criança não deve ficar triste, então, todos os finais devem ser felizes; e assim por diante. O resultado é que se cria um universo da infância não condizente com a realidade. Realidade que só deve ser apresentada ao leitor quando ele atingir a maioridade. Dessa maneira,

negam-se infâncias violentadas, negligenciadas e traumatizadas, através do silenciamento. Nesse sentido, a literatura não aparece como uma instituição capaz de apresentar, levar a pensar e dialogar com seu leitor; ela é reduzida a um mecanismo transmissor de lições de moral e, com alguma sorte, um catalisador de risadas. Não em vão, C.S. Lewis considera que a fantasia maligna não é a que habita os contos de fadas, com trolls, bruxas e maldições, e sim a que se disfarça de realidade ideal: constituída por um imaginário em que personagens são ricos, detentores de beleza inquestionável e habitam locais paradisíacos – histórias as quais ele se refere como “o que poderia ter sido se o leitor tivesse tido a justa oportunidade” (ibid., p. 748).

Há, ainda, histórias que adotam o pensamento de John Locke¹² de que as crianças são tábulas rasas ou matéria prima para se construir adultos. Os adultos, segundo o mesmo pensamento, por terem vivido mais, conhecem o suficiente sobre o mundo para domesticarem as crianças sobre e para ele.

Nascida na década de 40, Toni Maguire vivenciou uma época em que livros para crianças ainda não possuíam a versatilidade de temas como os do século XXI. Mesmo hoje, obras que abordem temáticas consideradas tabus¹³ ainda estão vulneráveis ao silenciamento, seja por não receberem grandes tiragens, seja por sumirem do mercado¹⁴, seja por terem sua classificação indicativa alterada¹⁵ etc. Ela menciona ter, inclusive, abandonado quando nova a leitura de obras destinadas à infância, já que a representação de “família feliz” era um modelo recorrente e lhe causava dor, fato que será mais bem explorado na seção 4.2 desta dissertação.

Diante disto, nota-se que quando escritores ou editoras negam dar densidade a literatura infantil, isentando-a de determinados temas, fazem com que ela não acolha parte de seus leitores. Tal como o problema da escola na visão de Rilke, podem ainda cooperar para a manutenção do desamparo de vulneráveis em outra esfera, pois, na medida em que a superioridade adultocêntrica acredita que as crianças estão em um mundo à parte, ainda não prontos para lidarem com as mazelas da vida, ignoram as realidades em que elas já podem estar inseridas, castrando-as e não as instruindo para enfrentar o dia a dia.

¹² Mello, Leonel Itaussu Almeida. John Locke e o individualismo liberal. In: *Clássicos da política*. São Paulo: Ática, 2002.

¹³ A exemplo de: homoafetividade, lesbianidade, violência doméstica, estupro etc.

¹⁴ *A lagartixa verde*, de João Paulo Vaz (2005), é um exemplo dessas obras. Conta a história de dois irmãos que, através da brincadeira, vão conhecendo o corpo um do outro. Embora o livro não tenha abordagem com conotação sexual, retrata crianças na descoberta do próprio corpo, desagradando alguns leitores mais velhos.

¹⁵ *O abraço* (1998), de Lygia Bojunga, em sua primeira publicação foi classificado como literatura infantil. Posteriormente, ao ter seus direitos movidos para a editora da própria autora, essa classificação foi alterada para “literatura brasileira”. Como se, ao falar de sequestro e violência sexual infantil, o livro devesse ocupar a posição de livros para adultos para ser aceito pelo público e, assim, comercializado.

O ensaio de Lewis, embora não seja mencionado por Kohan, apresenta ideias que dialogam com o trabalho do filósofo, que defende a criança e acredita que ela deve ser tratada com equidade e respeito, afinal, ela também possui seus próprios problemas, dilemas e questionamentos sobre o mundo; é um sujeito tanto quanto nós. É dito que a criança está em processo de descoberta, mas esquece-se que o adulto também está neste período, pois a vida humana é curta demais para se aprender sobre tudo que existe, imagine, então, reduzir esse fato a alguns anos iniciais.

Para mais, a criança possui opinião e ter seus desejos atendidos nem sempre é o que lhe agrada ou do que precisa. Ela pode gostar do desafio, do mistério, de sentir um medo que leve os seus pelos do corpo a arrepiar. O ato de crescer, assim, não deve ser visto como algo negativo, pois é possível carregar a infância consigo e gostar da literatura infantil, de reler contos de fadas, de desgostar de azeitonas e beterrabas, mas também apreciar um bom vinho enquanto se assiste às aventuras de *Peter Pan na Terra Nunca*, por exemplo.

Logo, ao adulto é possível identificar-se como uma criança e com o universo da infância, desde que não tente preconcebê-los como algo estranho, particular e homoganeamente menor e ingênuo. Não são as crianças que agem de uma maneira especial, mas os velhos ranzinzas que buscam aprisioná-las em diretrizes que não condizem com a realidade e pecam pelo excesso de proteção através do silenciamento da pluralidade do mundo, despreparando-as para a vida em sociedade.

3.1.4 “Maravilhar-se”

A partir do que Kant propõe como “experiência transcendental”, em que se pensa ser impossível conhecer algo em sua totalidade, pois o entendimento humano sobre o mundo perpassa pela sensibilidade através de suas percepções, logo, não se caracterizando pela neutralidade, Agamben (2005) considera que a lógica da infância se opera pelo relacionamento entre linguagem e experiência, uma vez que só é possível compreendê-la a partir de sua autorreferencialidade¹⁶. Ele argumenta ser necessário pensar em seus limites para além do inefável (do indizível), sendo assim, a tentativa de conceber um *experimentum linguae*¹⁷

¹⁶ Para o autor só é possível compreender a linguagem a partir dela própria. Para tanto, difere-se língua (palavras e aspectos gramaticais) da produção de discurso (linguagem).

¹⁷ A partir de Walter Benjamin, Agamben entende que uma experiência da linguagem é quando a própria linguagem se deixa dizer – “A singularidade que a linguagem deve significar não é um inefável, mas é o supremamente dizível, a *coisa* da linguagem” (Agamben, 2005, p. 11).

(experimento da linguagem) acerca da infância seria possível a partir dela própria e da aproximação com os outros conceitos.

Lacan (2016), por sua vez, considera que o processo de encontro com a linguagem já é por si só um evento traumático. Afinal, tal como reitera Agamben (2005), a linguagem não nasce no corpo expressamente escrita no código genético, logo, não é possível considerá-la como natural. Dito isto, é preciso que a criança se insira no domínio da linguagem, já que o choro não é capaz de dar conta para transmitir seus desejos e suas necessidades, tampouco suficiente para que ela se expresse. Nesta perspectiva, Lacan afirma também que, enquanto a criança não aprender a se comunicar através das palavras, ela sempre estará submetida à vontade da mãe.

Dessa maneira, o inefável é característico da infância, pois o não-poder-dizer, de acordo com Agamben (2005), poderia ser aquilo que constituiria a origem humana. Além disso, ao tentar conceber a “in-fantia”, é preciso ter em vista a impossibilidade de substancializá-la, considerando a experiência transcendental antes mencionada. Então, para pensar os limites do conceito, a *descontinuidade* aparece como necessária para a identificação da ideia; afinal, se o humano já nascesse sendo capaz de produzir discurso, sendo falante, então, não seria possível a proposta de estudar a diferenciação feita, sequer identificá-la. Portanto, “[...] é na linguagem que o sujeito tem a sua origem e o seu lugar próprio [...]” (ibid, p. 56) e apenas pela autorreferencialidade da linguagem seria possível a sua compreensão.

Dito isto, faz-se necessário explicitar novamente que a infância não é aqui compreendida como etapa cronológica, porque se pensa em um processo: o humano não é o animal que possui linguagem, mas a recebe de fora. É a partir do ato de transformar natureza em história que a infância do homem opera. A linguagem, portanto, poderia ser considerada como o seu brinquedo para construir sentidos e significações para o mundo. Este constante brincar, então, configura-se como uma contínua experiência na e pela linguagem, sendo através do discurso que o sujeito passa a ter e a escrever a história. Também funciona como um jogo, no qual se pode entrar e sair a qualquer momento, tornando possível habitar a infância mesmo sem ser criança.

Diante do que foi apresentado, o filósofo atenta para a experiência de *maravilhar-se*, a qual considera como sendo a “experiência de ver o mundo como um milagre” (ibid., p. 17) e, para tal, a própria existência da linguagem já poderia ser considerada um feito milagroso. Embora não nasça conosco, ela incide sobre nós, nos permitindo o que em nascença não seria possível de igual forma. Como dito por Marina Miranda Fiuza (2021), em sua tese de doutorado em literatura e crítica literária, na qual estudou a teoria de Agamben aqui mencionada, “a

infância é a condição fundante do ser humano na medida em que esse se caracteriza como um ser de linguagem” (p. 98). Logo, é através do discurso que o sujeito transita entre o estado de mudez e o de produzir discurso – também o de aprender a fazê-lo de maneiras diversificadas para se inserir no mundo e tentar entendê-lo; justamente por isso a “in-fantia” é uma experiência que ultrapassa os limites do tempo de Chronos e, em certa medida, habita o divino. Cabe a nós, tal como parte das crianças se permite, contemplar cada descoberta como quem se depara com um evento mágico.

Contudo, esta proposta é um desafio. Afinal, como observa Benjamin (1987), o adulto moderno está inserido numa rotina capitalista que o poda há muitos anos e o desgasta, distanciando-o da experiência clássica, porque perde-se muito tempo no trânsito, no trabalho, e pouco lhe resta em comparação para apreciar o mundo e o vivido. O excesso de informações, a falsificação de notícias, as quais muitas vezes são de conhecimento instantâneo e não permanecem com o homem e o enriqueceria com a experiência nesta perspectiva clássica, também são obstáculos ao ato de apreciar cada instante. Mas a criança, para o estudioso, ainda habita este espaço no qual permite-se (e a ela é permitido) a experiência do maravilhar-se. Não apenas de *ver* o mundo, mas apreciá-lo e buscar entendê-lo como algo extraordinário (sem necessariamente recorrer à esfera religiosa para explicá-lo).

Em *Não conte para a mamãe*, Antoinette encontra nos animais a amizade. Há o cuidado da narradora em mencionar momentos de felicidade ao ganhar algum bicho de estimação ou de alimentar os da fazenda. Como sua vida em casa era dolorosa, o tempo gasto pelo trajeto solitário de ida e volta para a escola, embora fosse cansativo, permitia-lhe instantes de distração no início. A convivência com as outras pessoas, por outro lado, era cruel: as crianças zombavam e isolavam-na; os professores tinham ódio velado por ela; e os pais a maltratavam. Esse cenário culminou no “definhamento” da criança, que, aos poucos, foi perdendo sua capacidade de *maravilhar-se* com o mundo. Seu adoecimento, ao longo da narrativa, é visível: quase adolescente, ela opta pela tentativa de suicídio. Antes, em certo momento, é dito:

Naquele ano, à medida que o verão dava lugar ao outono, e as noites se aproximavam, trazendo com elas crepúsculos sombrios, minha caminhada de seis quilômetros para casa parecia mais longa a cada dia. As cercas vivas e as árvores lançavam sombras sinistras, transformando o que havia sido uma caminhada agradável em uma jornada assustadora.

Meu medo do escuro aumentou aos poucos, e o fim da tarde com suas sombras tornou-se um inimigo. Eu tentava andar mais rápido, mas a sacola, abarrotada de lápis apontados, livros de leitura e matemática, parecia ficar mais pesada a cada passo. Em meados de outubro, quando os relógios transformavam as tardes em noites, os ventos tiraram as folhas das árvores. Em novembro, encontrei outro inimigo, a chuva. De cabeça baixa, enfrentava todos os aguaceiros, sabendo que na manhã seguinte meu

casaco ainda estaria úmido. A água encharcava meu agasalho de ginástica e, ao longo das semanas, os vincos foram desaparecendo até que a menina esperta e confiante que eu tinha sido poucos meses antes desapareceu. Quando olhava no espelho, eu via uma criança desarrumada cujas bochechas haviam dado lugar aos ossos. Uma criança que usava roupas amarrotadas e cabelos escorridos na altura dos ombros, uma criança que parecia não receber cuidados e cujo rosto mostrava uma aceitação estoica das mudanças da sua vida. (Maguire, 2012, p. 62)

Nesta passagem da autobiografia, por exemplo, nota-se um encandeamento de situações que obscurecem o dia a dia de Antoinette e a encaminham para o estado de mudez. Além disso, recriminada muitas vezes pelas suas tentativas de falar o que os adultos não queriam ouvir, suas produções de discursos eram muitas vezes silenciadas pelos outros (tal como já indica o próprio título da obra). Este ato de emudecer o sujeito, assim, pode ser interpretado como uma tentativa de distanciá-lo de sua humanidade, de impedir que, através da linguagem, ele se faça ouvido. Mais do que uma criança que não recebia os cuidados familiares devidos, era também um ser que tinha o seu direito de fala negado e perdia sua capacidade de maravilhar-se com a vida e de se expressar.

Entretanto, já adulta, o reencontro com a infância ainda assim foi possível. Através da narração, da produção de seu discurso autobiográfico, Toni reconquistou seu direito à fala, permitindo que os leitores (e ela própria) vislumbrassem sua existência como parte da história do mundo. E nisto se evidencia a potência política de *experimetum linguae* e o seu valor a este trabalho para leitura da obra, afinal, foi através da experiência da linguagem que o eu-adulto pode (re)humanizar seu eu-criança enquanto sujeito de discurso. Ao recuperar a voz de Antoinette, a infância, assim, pôde ser ressignificada e reinserida na história.

3.1.5 O inumano

Jean-François Lyotard (1997), tal como Deleuze, acredita que as crianças são obrigadas a habitar um tempo que não os delas, mas o de *Khrónos*. Assim, a infância está, da modernidade em diante, fadada à desterritorialização de seu cerne e, ao longo do seu crescimento, o ser humano vai paulatinamente esquecendo-se do ser criança, deixando para trás o que é visto como uma etapa da vida pois a família, a sociedade, as instituições educacionais operam para que as crianças sejam tratadas desta forma: como vivenciando uma etapa na qual devem ser *formatadas* para um vir a ser adulto.

Ao pensar o humanismo, o autor indaga sobre *o que* poderia ser considerado, afinal, como humano. Tendo-se o nascimento de uma criança como ponto de partida, então, seria possível pensar o humano a partir daquilo que lhe seria *natural*? A sua falta de palavra, de

comportamentos, de postura e de tudo aquilo que apenas se adquire através do contato com o outro e da educação? Ou resultaria, ao contrário, em considerar a infância como inumana, pois essas ausências equiparariam o sujeito à imagem de um animal selvagem? Com isto em vista, o estudioso elucida que:

Desprovida da palavra, incapaz da paragem certa, hesitante quantos aos objetos do seu interesse, inapta no cálculo dos seus benefícios, insensível à razão comum, a criança é eminentemente humana, pois a sua aflição anuncia e promete os possíveis. O seu atraso inicial sobre a humanidade, que a torna refém da comunidade adulta, é igualmente o que manifesta a esta última a falta de humanidade de que sofre e o que a chama a tornar-se mais humana. (p. 11)

Assim, Lyotard afirma que, se pensarmos que a criança só acessa a humanidade à medida que cresce e se desenvolve socialmente, é preciso assumir a existência de um segundo inumano: o adulto, pois ele próprio é responsável por negar a humanidade de sua origem e esquece que o fez. Esse duplo esquecimento, portanto, é o que o autor considera como a nossa eterna dívida com a infância; sendo possível apenas pelas artes, pela literatura e pela filosofia o fluxo inverso: o de não esquecer.

E deste modo o faz Toni Maguire através da escrita de si. Uma vez evidenciado no campo literário as repressões vividas quando jovem, é notável que Antoinette sofreu traumas contínuos que não se restringiram ao passado, visto que seus efeitos ainda são pulsantes na subjetividade de Toni. A criança, além de ter sido tratada como inumana pelos demais, teve sua humanidade infantil revogada por seus pais em diversos momentos do livro. Afinal, enquanto o progenitor era quem a estuprava e transformava o corpo da garota em objeto para saciar suas vontades, ao mesmo que anulava as palavras da jovem e castigava os comportamentos que o desagradassem com torturas, ameaças, terror psicológico e emocional (dentre tantas outras violências que a anulavam enquanto sujeito); a mãe compactuava para o agravamento do cenário, não apenas porque dizia para ela não reconhecer e não falar sobre as atrocidades sofridas, mas também por, a todo momento, fingir que nada acontecia. Desde a descoberta do que acontecia em sua família, a figura materna tentou domesticar a menina de maneira a emudecê-la e a fazê-la esquecer a infância. Digo domesticar, levando em consideração que quando o assunto vinha à tona entre as duas, a criança passava a ser tratada como um ser bestial, um selvagem indigno de amor e cuidado, e não mais como a filha da família. Por consequência, a protagonista adotou os comportamentos de anular a si e a sua história por muito tempo.

Contudo, para Lyotard, a infância até pode ser esquecida, mas a *infantia*¹⁸ – “o que não se fala” (ibid, p. 13) – não. Assim, a cultura de enclausurar a infância num espaço que não o dela, em que se estipula um tempo limite para sua existência e transforma sua subjetividade em etapa cronológica, apresenta limitações. Para o filósofo, a *infantia* que nos habita vai além: ela resiste, tal como um sobrevivente, nas palavras de qualquer ser humano (tanto de uma criança, como de um adolescente, adulto ou idoso). Em *Não conte para a mamãe*, nota-se que a insurgência da escritora encontrou espaço de enunciação na arte literária.

Portanto, compreende-se aqui que o devir-infância se alinha também com o movimento de rechaçar o esquecimento a que somos expostos à medida que crescemos. Trata-se daquilo que perdura para além da jurisdição de *Khrónos* e, através das esferas artísticas, promove vida negando a sua própria morte. Com isto em vista, ao se pensar no subtítulo da autobiografia em questão, “memórias de uma infância perdida”, a partir dos conceitos de infância até aqui apresentados, reconhece-se no livro a sua capacidade de reviver aquilo que buscou por tanto tempo olvidar, tal como a potência deste processo tanto na esfera política quanto na de cuidar de si e do outro através da escrita – sendo necessário, portanto, um estudo mais aprofundado sobre os assuntos à medida que o trabalho aqui proposto se expande.

3.2 O ENTRELUGAR DAS INFÂNCIAS

Conforme exposto até aqui, concluiu-se neste capítulo que os conceitos apresentados sobre infância se assemelham em um quesito: é um universo que sofre com a regência dos adultos, os quais buscam tolamente circundá-la, castrando-a e a transformando em algo nem sempre condizente com a realidade. Não que a diferenciação entre crianças e adultos não tenha sua relevância e importância histórica, mas o ato de enquadrar a infância num imaginário único, desprovido de suas idiossincrasias, é algo que precisa ser revisto pela sociedade. Não em vão, Kohan (2010) considera que, ao se escrever, estudar, pesquisar etc. sobre a infância, o não esquecer é um ato político, ao passo que o esquecimento da infância decreta a sua morte. Pensamento semelhante pode ser encontrado, como vimos, em Lyotard, Rilke, Benjamin e Agamben.

Ter o respeito em pauta e a consciência de que o adulto se considera superior às crianças aparentam ser os primeiros passos para que seja possível pensar no imaginário infantil de

¹⁸ Nos dizeres de Kohan (2010), “a *infantia* é o que o sistema exige que esqueçam os que estão mais próximos do nascimento” (p. 135).

maneira cautelosa. Reconhecer que, em muitos casos, o conceito vigente opera pelos grilhões de faixas etárias e de limitações que escapam à infância é necessário para se falar em outras maneiras de pensar que desviam dessa construção e buscam o descentramento como metodologia de discussão. Mas, para tal, o adulto precisa se permitir habitar e a maravilhar-se com sua *infantia*, opondo-se ao esquecimento.

Não esquecer também é, portanto, como já reiterado, resistência. Motivo pelo qual este capítulo se demonstra tão necessário para o desdobramento da presente dissertação, a qual é voltada para o estudo de *Não conte para a mamãe*, obra em que o trauma, a memória e o esquecimento são elementos constituintes importantes para o seu desenvolvimento. Posto isto, notou-se aqui que reabitar a infância através da linguagem, como fez Toni Maguire ao devir-criança, permitiu a ela oferecer vida àquilo que, por muito tempo, tinha sido decretado como morto.

4 SOBRE O FIM DA AVENTURA E O ESQUECIMENTO DAS INFÂNCIAS

Retomando o poema de Lewis Carroll (2009, p.11), apresentado nas primeiras páginas do capítulo anterior, segue-se o desfecho, no qual é oferecido o que o eu-lírico desejava: uma história para acompanhá-lo.

[...] Alice! Recebe este conto de fadas
E guarda-o, com mão delicada,
Como a um sonho de primavera
Que à teia da memória se entretice,
Como a guirlanda de flores murchas que
A cabeça dos peregrinos guarnece.

Muitos de nós ainda guardam na memória alguma história consigo que, em algum momento, nos ofereceu conforto e diversão. Outros são mais flexíveis e se consideram incapazes de eleger apenas um único conto. Contudo, para uma parcela expressiva da sociedade, o contato com a literatura é dificultado e, muitas vezes, os livros são tidos como artigos de luxo. Em especial, em casos de crianças e de pessoas que tiveram infâncias marginalizadas, negligenciadas e violentadas, essas que correspondem a uma parte da população que não costuma ser levada em consideração quando se pensa no universo infantil. Contudo, há aqueles que não aceitam o silenciamento das instituições sociais sobre este cenário, ainda mais da literária, se tivermos em vista a influência e a importância da literatura para a história; assim, é preciso falar sobre outras infâncias para além do senso comum.

Na seção anterior desta dissertação, encontram-se noções que divergem da concepção de infância como uma etapa inicial da vida. Posteriormente, será apresentado o conceito de infância vitimizada, quando a criança é vítima de violência doméstica, a fim de tensionar ainda mais a discussão e propor rupturas no campo acadêmico quando o assunto é posto em pauta. Antes, faz-se necessário conceder ao leitor a oportunidade de viajar brevemente no tempo para entender como se formou o entendimento da infância como um período a ser superado por todos e as razões pelas quais essa visão projeta limites para a discussão, caso ela seja adotada como concepção universal.

De acordo com Philippe Ariès (2006), historiador francês, a partir de uma perspectiva cronológica, a arte medieval não conhecia ou simplesmente não tentava representar as crianças até o século XII, fato esse que o levou a concluir que não havia espaço para a infância neste mundo. As crianças, quando apareciam nas pinturas, eram retratadas como pequenos adultos: isto é, adultos em miniatura; casos raros eram os de pinturas que representavam as crianças tal

qual o Menino Jesus, de maneira angelical (entre o século XIV e XV). Parte deste movimento, para o pesquisador, é decorrente do fato de que a taxa de mortalidade infantil era alta. Embora nascessem muitas crianças, grande parte falecia (seja por conta da fome, seja por conta de doenças, seja por questões sanitárias desfavoráveis à vida na época).

Abaixo (Figura 4), encontra-se uma pintura do século XIII, em que é possível serem observadas as feições e as vestimentas adultas da criança. Esses detalhes, de acordo com o historiador, seriam mantidos em parte dos séculos seguintes.

Figura 4 - *Madonna di San Giorgio alla Costa* (1295), de Giotto di Bondone (1267-1337)



Fonte: Museo diocesano di Santo Stefano al Ponte.

Portanto, nos séculos anteriores ao XVII, não havia a diferenciação atual entre crianças e adultos, implicando, assim, que ambos os grupos fossem expostos aos mesmos conteúdos, sem qualquer viés de censura e de sentimento de vergonha diante de determinados temas (como a exemplo da nudez).

Robert Darnton (2014), em suas pesquisas em buscar entender o imaginário camponês pré-moderno, percebeu nos contos de fadas uma valiosa fonte de pesquisa e afirma que os contos de fadas eram narrados para entreter a todos após os longos dias de trabalho, ainda que

houvesse enredos trágicos, violentos ou eróticos. Além disso, o estudioso considera que reler essas histórias nos dias de hoje é uma maneira de manter a memória viva, tendo em vista que “para a maioria dos camponeses, a vida na aldeia era uma luta pela sobrevivência, e sobrevivência significava manter-se acima da linha que separava os pobres dos indigentes” (p. 43). Logo, tratava-se de uma luta constante contra a morte, fato retratado na imensidão das narrativas, nas quais se encontram embates contra a fome e a opressão dos senhores das terras, por exemplo.

Ao longo do tempo, mudanças socioeconômicas foram ocorrendo. Dentre elas, o fim do feudalismo e a ascensão da burguesia e do iluminismo, assim como do crescimento demográfico e do êxodo rural, que resultaram na crise dos poderes da nobreza e do clero e do crescimento de uma classe interessada em mobilidade social. Com isso em vista, Neil Postman (1999) observa que entre o final do século XVI e o início do XVII se tornou necessário inventar a infância e, portanto, era necessário o surgimento da diferenciação. Isto, pois, a emergência da classe burguesa desejava que seus filhos homens fossem educados para dar continuidade aos negócios da família. Dessa maneira, as crianças começaram a sair do anonimato e passaram a ser mais valorizadas.

Ariès (2006), por sua vez, aponta que, neste período, as imagens das crianças mortas nas pinturas religiosas são um retrato do sentimento que também foi se alterando, pois o falecimento dos mais novos deixou de ser tido como uma perda inevitável; no século XVII, retratos de figuras burguesas – a exemplo de banqueiros – com seus filhos também começaram a aparecer, evidenciando a valorização que os mais jovens estavam recebendo como símbolo daqueles que dariam continuidade ao nome da família. Logo, o alcance do conceito de infância ocorreu de maneira desordenada: ele alcançou primeiro os meninos burgueses europeus e, apenas mais tarde, ampliou-se para os demais. A escola e a alfabetização, então, foram elementos importantes para o seu desenvolvimento. Sobre o tema, Postman, que também leu a acima citada obra do historiador francês, (1999, p. 55) escreveu:

Como a escola se destinava a formar adultos instruídos, os jovens passaram a ser vistos não como miniaturas de adultos, mas como algo completamente diferente: adultos ainda não formados. A aprendizagem na escola identificou-se com a natureza especial da infância. “Grupos etários... são organizados em torno das instituições”, observa Ariès. E assim como no século dezanove a adolescência passou a ser definida pelo alistamento militar obrigatório, nos séculos dezesseis e dezessete a infância foi definida pela frequência escolar.

Por consequência, a noção da infância como uma fase mais inocente e diferenciada da adulta ganhou forma. Logo, textos como os referidos contos de fadas¹⁹ passaram a servir como veículo da moral vigente para as crianças, transmitindo-lhes lições e ensinamentos, a fim de prepará-las para a o que estava por vir: a vindoura vida adulta.

A obra *Contos da Mamãe Gansa: histórias do tempo passado com moralidades* (1697) é considerada um marco para a literatura infantil, pois nela Chales Perrault reuniu um compilado de contos da tradição oral por ele coletados e adaptados, de modo a acrescentar ensinamentos a cada um. Embora seja considerada a primeira obra destinada ao público infantil, Robert Darnton (2014) alerta-nos para o fato de que sua primeira edição havia sido endereçada aos cortesãos e aos frequentadores dos salões (membros da burguesia, principalmente); motivo que levou Perrault a fazer muitos retoques nas histórias da tradição oral com vistas a agradá-los. Aliás, outro fato interessante acerca dos *Contos da Mamãe Gansa* é que, em sua primeira edição, o intelectual francês não a assinou, colocando a autoria em nome do seu filho mais novo, Pierre Perrault d'Armancour. Após o imenso sucesso obtido pelos contos, a partir da segunda edição, Perrault admitiu a autoria e o compilado de contos passou a ser pensado como ideal para educar as crianças (essa classe de pessoas recém-surgida). Seu livro, portanto, pode ser lido não apenas como uma adaptação de histórias orais em texto escrito com moralidades, como ilustra seu subtítulo, mas também como objeto de estudo para compreender o desenvolvimento do sentimento de infância que se consolidava naquele período no qual foi escrito.

No que concerne as moralidades, em *Cinderela ou sapatinho de vidro*, por exemplo, após o desfecho da história, encontram-se dois textos moralistas curtos:

Moral

É um tesouro para a mulher formosura,
Que nunca nos fartamos de admirar.
Mas aquele dom que chamamos doçura
Tem um valor que não se pode estimar.

Foi isso que Cinderela aprendeu com a madrinha,
Que a educou e instruiu com um zelo tal,
Que um dia, finalmente, dela fez uma rainha.
(Pois também deste contexto extraímos uma moral.)

¹⁹ Conforme Adriane Duarte (2013), embora as fábulas ocupem presença marcante na literatura infantil moderna em diante, antigamente essas histórias de tradição oral, compiladas posteriormente em texto escrito, eram direcionadas para o público geral. Em resumo, destacam-se por se tratar de histórias protagonizadas com animais e por explorarem dilemas éticos, com alguma lição para a humanidade; a moral, por sua vez, nem sempre era exposta separadas do conteúdo narrativo. Nomes como de Esopo e Jean de La Fontaine são apontados como *pais* das fábulas na Antiguidade e na Era Moderna.

Beldades, ela vale mais do que roupas enfeitadas.
 Para ganhar um coração, chegar ao fim da batalha,
 A doçura é que é a dádiva preciosa das fadas.
 Adorne-se com ela, pois que esta virtude não falha.

Outra moral

É por certo grande vantagem
 Ter espírito, valor, coragem,
 Um bom berço, algum bom senso –
 Talentos que tais ajudam imenso.
 São dons do Céu que esperança infundem.
 Mas seus préstimos por vezes iludem,
 E teu progresso não vão facilitar,
 Se não tiveres em teu labutar,
 Padrinho ou madrinha a te empurrar.
 (Perrault, 2013, p. 59)

O conto de fadas em questão é um dos mais reproduzidos até hoje: recontado tanto nos lares e no espaço escolar, quanto nas esferas artísticas. Através da tradição oral, do cinema, em livros, em adaptações cinematográficas, em séries de televisão e em plataformas de *streaming*, Cinderela habita até hoje o imaginário da infância.

Na narrativa apresentada, uma menina é criada pela madrasta e é maltratada na ausência da figura paterna. O tratamento que ela recebe em nada se compara ao dado às suas irmãs, filhas biológicas da segunda esposa do pai da gata borralheira. É para ela que sobram todas as atividades domiciliares e as roupas mais desgastadas para vestir; a menina sequer possuía um quarto comparado ao das outras – dormia no sótão, em cima da palha. Ainda assim, a jovem mantém seu coração puro, em oposição ao das outras figuras femininas, cujas crueldades são características marcantes. Além disso, mesmo com as roupas maltrapilhas e com o trabalho exploratório, a jovem é descrita com uma beleza superior à das demais. Certo dia, a família real planeja uma grande festa para que as moças solteiras do reino sejam apresentadas, na esperança de que alguma delas seja considerada elegível para se casar com o príncipe herdeiro. Contudo, Cinderela é boicotada. Nunca a levavam junto para as festas, embora fizessem-na passar os vestidos estonteantes das irmãs e penteá-las em todas as ocasiões possíveis (Figura 5). É com o aparecimento da fada madrinha que a menina consegue ir ao baile, pois a figura mágica transforma suas roupas em algo belíssimo, transformando ainda uma abóbora na carruagem que levaria a garota ao evento. Entretanto, Cinderela é avisada de que a magia utilizada possuía prazo limite, passada à meia noite, tudo voltaria a ser como antes.

Figura 5 – Cinderela, por Rie Cramer, com comentários de Maria Tatar



RIE CRAMER, INÍCIO DO SÉC.XX

Esta Cinderela holandesa é fisicamente esmagada pelas irmãs postiças, quase duplos uma da outra, que se enfarpelam e se preocupam com ninharias enquanto a heroína as serve. Como se pode notar, a vaidade está associada ao procedimento aristocrático, ao passo que Cinderela é apresentada como uma jovem modesta, disposta a se humilhar diante das tirânicas irmãs postiças.

Fonte: Contos de Fadas (2013), Editora Zahar.

É assim que a protagonista não apenas conhece o príncipe, mas desperta a atenção dele, uma vez que a beleza estonteante de Cinderela também não poderia ser equiparada a de nenhuma das outras jovens que se encontravam no baile. Entretida com a festa e encantada pelo príncipe, quando o relógio badala meia-noite, a garota se dá conta da hora e corre em disparada. A pressa para fugir do castelo, a fim de que não fosse vista sem a magia que a cercava, faz com que um dos seus sapatinhos lhe saia do pé e ela acaba deixando-o para traz. O objeto, então, é encontrado pelo príncipe, o qual, apaixonado, o utiliza para sair em busca da dona do calçado que lhe fisgou o coração. Como é de se esperar, as irmãs de Cinderela tentam a todo custo fazer com que o sapatinho se encaixe nos seus pés, mas será somente no da menina que ele entrará com perfeição. Com isto, a gata borralheira não apenas é levada de volta ao castelo, como encontra sua salvação através do casamento.

Encerrado o conto, as morais de Perrault direcionam a leitura da narrativa para um viés comum: as mulheres admiráveis são apenas aquelas gentis e doces. Além disso, mais importante do que as roupas vestidas, é o coração puro que levará uma mulher a ser apreciada e escolhida pelo seu príncipe encantado, tal como o trabalho árduo para manter o coração puro e espírito

abnegado, apesar dos inúmeros sofrimentos a ela infligidos ao longo da narrativa. Não em vão, em muitas versões, as irmãs de Cinderela são castigadas por conta do modo como a tratavam até então; o que não acontece no conto de Perrault, onde a protagonista possui uma generosidade tamanha que não apenas instala as irmãs no castelo, como ainda encontra dois senhores da corte para desposá-las, concedendo-lhes, assim, um final feliz. Ademais, na segunda moral, é dito a importância do padrinho e da madrinha na vida de cada um, sendo importante, assim, não apenas o batizado, mas também que essas figuras sejam valorizadas e respeitadas pelas crianças.

A menção ao conto se dá pela semelhança em retratar a violência doméstica sofrida pela protagonista dentro do espaço literário, tal como Toni Maguire o faz em sua autobiografia, embora em escalas diferentes. Observa-se, então, que infâncias vitimizadas não são fenômenos nascidos na contemporaneidade, mas que podem ser encontradas ao longo dos séculos. Ainda que sejam recorrentes, nem sempre recebem a atenção devida, fato que corrobora para a manutenção de um sistema que torna permissível às crianças serem postas na posição de vítimas frente ao poder dos adultos. Muitos castigos infligidos aos jovens são ignorados, pois não são poucas as pessoas que acreditam que a violência educa e pode formar bons cidadãos. Também há aqueles que violentam por enxergarem as crianças como propriedades, sobre a qual podem governar livremente.

Evidencia-se, desse modo, que o imaginário acerca do que é a infância, formulado por adultos – é importante lembrar –, opera a partir de noções construídas no passado, as quais ainda vem colaborando para a manutenção de uma noção reducionista sobre a infância como algo a ser superado ao se atingir a maioridade.

Por muito tempo se convencionou que os meninos deviam ser educados para serem os herdeiros dos negócios e da manutenção dos nomes das famílias, ao passo que as meninas precisavam ser criadas para serem esposas modelos e responsáveis tanto pela prole quanto pela casa. Sendo assim,

[...] a tarefa do adulto era preparar a criança para a administração do mundo simbólico do adulto. Na década de 1850 os séculos da infância tinham feito seu trabalho e em toda parte do mundo ocidental a infância era tanto um princípio social quanto um fato social. A ironia, claro, é que ninguém notou que, quase ao mesmo tempo, estavam sendo plantadas as sementes do fim da infância. (Postman, 1999, p. 65)

Destarte, para além dos papéis de gênero impostos, Postman (1999) alega que a expansão da escolarização formal resultou em mudanças culturais as quais visavam a domesticação dos corpos infantis de maneira a fazê-los ser inseridos em um sistema onde seus instintos deveriam ser repreendidos. Era ensinado, então, a necessidade de que elas tivessem

consciência de seus atos, desenvolvessem o autocontrole e se envergonhassem perante determinados assuntos, tais como sobre o sexo e a nudez. Consequentemente, os contos de fadas sofreram com o processo de higienização em seus conteúdos. As versões mais recentes não trazem mais o terror apresentado nas versões dos Irmãos Grimm, por exemplo, com cenas mais grotescas e sanguinolentas; tampouco apresentam cenas de estupro que não sejam por metáforas (como aconteceu com Chapeuzinho Vermelho, conto no qual, em versão²⁰ recuperada por Darnton (2015) da oralidade, a jovem se despia lentamente para ser devorada pelo lobo – figura que pode ser compreendida como retrato do homem mal-intencionado, o qual deveria ser “evitado” pelas meninas). É curioso que nos casos em que a figura do homem não corresponde a de um príncipe, a culpa por sofrer em suas mãos é delegada às garotas; seja pelo excesso de ingenuidade, seja por serem desobedientes (no caso de Chapeuzinho, ela se desvirtuou ao desviar do caminho instruído pela mãe). Então, culturalmente, acostumou-se a contar histórias em que o homem mal não é culpado por ser o que é, em oposição às meninas, as quais, supostamente, devem ser castigadas pelos seus erros.

A presença da moral, portanto, tornou-se elemento muito presente na literatura infantil como fonte de ensinamentos e, em vários casos, também como mecanismo de formatação para as crianças e o apagamento de suas “inumanidades” (levando em consideração o conceito apresentado por Lyotard anteriormente).

4.1 ANTOINETTE E O HÁBITO DE LER: A POSSIBILIDADE DE VIVER POR OUTRAS LITERATURAS

Em *Não conte para a mãe*, a figura da fada madrinha não aparece. A criança, à mercê das vontades adultas, é castigada e violentada constantemente, sem que nenhuma “recompensa” apareça pelas suas boas ações. Também não foi o casamento que a tirou dos anos de sofrimento, afinal, sequer é mencionado qualquer parceiro romântico na obra. Foi a tragédia de engravidar do seu progenitor e o consequente aborto que a retirou de perto do adulto que a abusava. Dito isto, contos e histórias infantis que incentivam a total subserviência ou de submissão frente aos mais velhos, independente dos problemas que as crianças possam enfrentar, cooperam para a

²⁰ “[...] Então o lobo disse: / –Tire a roupa e deite-se na cama comigo. / – Onde ponho o meu avental? / – Jogue no fogo. Você não vai mais precisar dele. / Para cada peça de roupa – corpete, saia, anágua e meias – a menina fazia a mesma pergunta. E, a cada vez, o lobo respondia: – Jogue no fogo. Você não vai precisar mais dela. / Quando a menina se deitou na cama, disse: / – Ah, vovó! Como você é peluda! / – É para me manter aquecida, querida. / – Ah, vovó! Que ombros largos você tem! / – É para carregar melhor a lenha, querida. / [...] – Ah, vovó! Que dentes grandes você tem! / – É para comer melhor você, querida. / E ele a devorou”. (p. 22)

permanência de um cenário no qual a criança é condicionada a ocupar a posição de subalternizada e não a enfrentar, em alguma medida, as violências impostas a ela ou a procurar por ajuda em determinadas situações.

De acordo com Diana Lichtenstein Corso e Mário Corso (2006), autores de *Fadas no Divã* - psicanálise nas histórias infantis, não são raros os casos em que os pacientes mencionam algum conto maravilhoso em suas sessões que tenha marcado suas vidas de alguma forma. Muitas vezes, a menção vem acompanhada com a evocação do momento em que teve acesso à narrativa: quem lhes contou, o tipo de transmissão (se oralizada ou através da leitura silenciosa), o local e o quando. Em vista disso, os estudiosos consideram válida a análise das associações feitas pelo paciente ao pensar suas infâncias através da literatura. Afinal, segundo eles, a “criança é garimpeira”, isto é, ela vive no processo de busca, de encontrar objetos valiosos para ela entre as coisas que lhe são propiciadas pela vida. Neste sentido, justifica-se também valorizar a relação delas com essa ficção, a qual fez parte de suas construções enquanto sujeitos. Na obra estudada, a autobiografada escreve sobre sua relação com a literatura, conforme podemos ler abaixo:

Com sete anos e meio²¹, eu lia bem e, durante o tempo em que ficamos na casa de sapê, meu amor pelos livros cresceu. Uma biblioteca móvel passava aos finais de semana, e eu podia escolher os livros que quisesse. Além de meus bichos de estimação, os livros eram minha válvula de escape. Eu podia desaparecer em outros mundos de fantasia, aventura e diversão. Podia brincar de detetive com *Cinco famosos no caso*, de Enid Blyton, explorar o mundo submarino de *Os meninos aquáticos*, de Charles Kingsley, e sentir medo com *Os contos dos irmãos Grimm*. *Mulherzinhas* me fez ver que as mulheres podiam ser independentes. Eu sonhava em ser como Jo quando crescesse. Sob a luz dos lampiões, eu podia ter aventuras secretas com amigos imaginários e sumir com eles em uma vida em que eu vestia roupas bonitas em que todos gostavam de mim. À medida que meu amor pela leitura crescia, aumentava o ressentimento de meu pai.

[...]

Com ressentimento por qualquer pessoa que fosse feliz ou culta, os acessos de raiva e mau humor de meu pai eram imprevisíveis. (Maguire, 2012, p. 73)

É válido dizer que quase todas as obras mencionadas nesta passagem, exceptuando *Mulherzinhas*²², estão classificadas como infantojuvenis e foram apresentadas no livro quando Antoinette ainda era virgem. Com o agravamento das situações de violência, que se tornam

²¹ É no final deste capítulo, com esta idade, que Antoinette foi penetrada sexualmente pela primeira vez. A partir do que a narradora nos conta, é perceptível que o seu progenitor não apenas sentia prazer pelo ato em si, mas também em castigá-la por qualquer que fosse o motivo que lhe conviesse.

²² De acordo com a Editora Record, atualmente a obra é tida como um romance feminista para todos os públicos, mas, no início, era considerada infantojuvenil. Informa-se que 1868 foi o ano de seu primeiro lançamento em inglês.

cada vez mais frequentes com o passar dos anos, nenhuma outra obra do gênero, a exceção de *Alice no País dos Espelhos* e a releitura de *Mulherzinhas*²³, é mencionada na autobiografia. Contudo, ao lembrá-las em seus anos iniciais, Maguire endossa o que Diana Corso e Mário Corso (2006) escrevem sobre a relação dessas ficções com a infância e o seu papel na construção das subjetividades dos leitores infantis. Para mais, a escolha por abandoná-las também é significativa para o estudo aqui desenvolvido, pois à medida que Antoinette é vitimizada e se afasta da representação idealizada de infância, suas preferências literárias se alteram. A narradora nos diz que as histórias para crianças (de forma geral e não necessariamente se referindo apenas aos contos maravilhosos) lhe causavam dor por só trazerem o retrato de crianças felizes. Como resultado, ela foi em busca de outras histórias e, em muitas delas, sequer havia personagens infantis.

[...] Muitas vezes, quando eu lia algo sobre crianças com pais amáveis e atenciosos, as lágrimas derramavam de meus olhos e deslizavam pelo rosto, dando a meu pai a oportunidade que ele esperava. Ele erguia a cabeça.

– Por que está chorando, minha menina? – perguntava.

Eu tentava não olhar nos olhos dele, quando murmurava:

– Por nada.

Ao ouvir isso, ele se levantava, segurava minha nuca, me chacoalhava e depois me batia, geralmente nos ombros.

– Pronto – dizia ele, em voz baixa –, agora você tem um motivo para chorar, não?

Minha mãe não dizia nada.

Depois disso, parei de ler livros infantis sobre famílias felizes. Comecei a ler os livros de minha mãe. Não contei a ela os motivos. Ela nunca perguntou. Os primeiros livros para adultos que li foram da Série Carvalho Branco²⁴. Não eram livros tristes, mas não havia crianças nas histórias. (Maguire, 2012, p. 126).

²³ Como informado pela narradora, seu interesse pela obra deriva do desejo pela independência feminina. De se ver livre daquela realidade imposta a ela quando criança. Em *Mulherzinhas*, o leitor acompanha a história de quatro irmãs (Jo, Beth, Meg e Amy) que crescem sob dificuldades financeiras, com ajuda da mãe. Diferentes entre si, elas encontram muitos obstáculos pela narrativa em busca de alcançarem suas próprias ambições.

²⁴ Embora Maguire não mencione a autoria dessas obras, provavelmente, ela esteja se referindo à coleção de Mazo de la Roche composta por 16 livros (do original *Jalna*, também conhecida por *Whiteoaks*). Os romances não precisam ser lidos de forma sequencial e contam as histórias da família Whiteoak, sobre seus sucessos, fracassos e mortes, enquanto a mansão se mantém como sua estabilidade. Parte dos críticos acreditam que as narrativas misturam a ficção com fatos da vida da autora canadense. Vide: National Library Service for the Blind and Print Disabled (NLS). *The Jalna Series; or, The Whiteoak Chronicles by Mazo de la Roche*. 2015. Disponível em: <https://www.loc.gov/nls/new-materials/book-lists/jalna-series-whiteoak-chronicles-mazo-de-la-roche/>. Acesso em 10 nov. 2023.

Este abandono à literatura infantil evidencia também os limites do gênero literário e como a pulsão por proteger as crianças de temas sensíveis é prejudicial aos leitores que não se sentem representados por ele.

Afinal, a literatura infantil é moldada por uma sociedade adultocêntrica que irá escrever para as crianças e, na grande maioria das vezes, escolhe quais leituras elas terão acesso ou não; contribuindo, então, para a manutenção de um modelo estereotipado do gênero literário. Diante disso, enquanto a sociedade se mantiver preocupada em formar os pequenos por um único viés, incondizente para uma criança infeliz e isolada, sem amigos de infância, que já em seu aniversário de dez anos de idade percebeu que “[...] qualquer felicidade que sentisse era apenas uma ilusão momentânea” (Maguire, 2012, p. 117), a distância entre o gênero e as vivências infantis só se alargam e, como consequência, ocorre o abandono das obras infantis por seus leitores.

Dado a carência de diversidade de representações literárias infantis e em como isso repercutiu em *Não conte para a mamãe*, faz-se necessário se atentar melhor sobre o assunto. De acordo com Isabel Lopes Coelho (2020, p. 21), em estudo historiográfico sobre a representação da criança na literatura infantojuvenil,

Na primeira fase do período vitoriano, a criança era tida como um perigo, um indivíduo que precisava ser moldado de acordo com as mais rígidas normas da boa educação e dos bons costumes. A segunda fase – que já anuncia a chegada da era edwardiana (1890-1920) e, com ela, a Era de Ouro da literatura infantil, criando para sempre um modelo acerca da literatura ideal – compreende a criança como um ser emotivo, que necessita de cuidados, além de representá-la com extrema beleza.

Diante deste cenário, com o avanço das técnicas de impressão, essa concepção de criança se proliferou pela Europa e ainda hoje é disseminada no Ocidente. Obras que questionam esses valores também surgiram, utilizando, muitas vezes, o escapismo como recurso para confrontá-los e inventando um mundo à parte, onde a criança é exposta a situações nas quais precisa enfrentar sem o suporte de seus pais: a Terra do Nunca de *Peter Pan*, por exemplo, é este espaço de fuga do adultocentrismo; do mesmo modo, o País das Maravilhas, ainda que governado por mãos adultas, não nega o potencial de Alice para questionar e conversar com pessoas mais velhas do que ela de igual para igual; aqui no Brasil, o Sítio do Pica Pau Amarelo, de Monteiro Lobato, também empodera os mais novos.

Em certo momento do livro, entre seus dez e doze anos de idade, Antoinette foi internada por três meses no hospital devido a um quadro de nefrite²⁵. O hábito de ler, então, aparece mais uma vez como opção de saúde:

[...] Agora que meus olhos não estavam mais caídos de cansaço, a leitura voltou a ser um prazer. Duas vezes por semana, eu aguardava com ansiedade o carrinho com livros apropriados. Na primeira visita, quando informei ao bibliotecário que as histórias de detetive eram as minhas favoritas, recebi um olhar de desânimo diante de um gosto tão diferente para uma criança e um som de desaprovação. Entretanto, entramos em acordo quanto a histórias de Agatha Christie com as farsas de Tommy e Tuppence, seguidas de casos com Miss Marple e Hercules Poirot. Para minha sorte, Agatha era uma escritora prolífica, e meu suprimento parecia inesgotável. (Maguire, 2012, p. 149)

Neste trecho, evidenciam-se não apenas quais eram os livros que a menina preferia ler, mas também a desaprovação da figura adulta em relação às escolhas da criança, que não correspondiam ao idealizado para sua idade. Agatha Christie, por exemplo, escrevia ficção policial e muitas de suas publicações abordam temas como morte e assassinato.

Ademais, é neste momento do livro que a narradora menciona a visita de seus pais ao hospital. A de sua mãe ocorreu logo de início, quando demonstrou preocupação com o quadro médico da menina, mas foi a visita de seu progenitor, tempos depois, que recebeu maior espaço no livro. Isto pois ele adotou a imagem de pai carinhoso, passando falsa impressão às enfermeiras, as quais lhe disseram depois que ela era muito sortuda por tê-lo; além disso, o pai lhe prometeu um presente quando ela voltasse para casa (após obrigá-la a dizer que estava com saudades dele). Assustada, após a terceira visita do genitor, Antoinette tentou se enforcar com seu lençol, em uma tentativa frustrada de suicídio. Ao ser descoberta por uma das enfermeiras, pergunta nenhuma lhe foi feita sobre o acontecido, pois assumiu-se que a criança deveria estar deprimida pelo tempo no hospital e só queria retornar para o ambiente familiar.

Quando recebeu alta, contudo, a mãe levou Antoinette para casa de sua tia Catherine em Kentish, um lugar onde ela poderia descansar por alguns dias em paz. Naquela época, o segredo ainda não havia sido revelado e a aparência fragilizada de Antoinette foi justificada pelo tempo hospitalizada. Embora curto, o décimo quinto capítulo retrata instantes de felicidade da criança longe de seus pais e o encontro com um contexto familiar diferente do seu. Em especial, por ser um retrato do mundo que ela desconhecia.

Ao entrar numa vida que antes era apenas vislumbrada através de conversas com outras crianças, eu havia “atravessado o espelho”, como Alice, e não tinha nenhum

²⁵ Inflamação nos rins.

desejo de voltar. Naquele dia, esqueci-me de Judy, de quanto sentia sua falta, e me permiti saborear cada momento. Meu prazer evidente animou tia Catherine, que falou sobre os diferentes passeios que havia planejados para nós. (ibid., p. 159)

Naquele breve período, Antoinette viveu como em um conto maravilhoso, cujo “final feliz” infelizmente não lhe era possível. Ao fazer referência a obra de *Alice no País dos Espelhos*, a menina expõe o que C.S. Lewis (2009) apontou como um problema em algumas obras destinadas aos mais jovens: provocar no leitor a frustração de não alcançar a fantasia quando ela se camufla de realidade comum e acessível a todos. Considerando que o contato com uma família feliz lhe remontou mais ao País das Maravilhas do que ao mundo real, abandonar a literatura infantil foi para Antoinette a fuga de algo que lhe provocava dor.

Passado algum tempo, seus pais voltaram para buscá-la e a re inseriram numa história de horror violenta.

4.2 NOTAS SOBRE A JORNADA ATÉ AQUI

Enquanto a seção 3 deste trabalho foi destinada à apresentação de conceitos de infância desviantes do mais recorrente, este quarto capítulo retomou o viés moderno para embasar as discussões propostas nos capítulos subsequentes. Isto, pois, espera-se que o leitor deste trabalho, uma vez familiarizado com diversas propostas de leituras sobre a infância²⁶, possa se sentir, tal como no poema de Lewis Carroll, em uma embarcação sem bússola. Se o esperado era que fosse explorado inicialmente o que se compreende como “centro” para assim falar sobre tudo o que lhe escapa, concebeu-se até aqui o trajeto inverso: o de navegar construindo mapas sobre infância que fugissem ao usual, focalizando mais a fruição da aventura do que a organização estandardizada do sistema. Portanto, buscou-se que o leitor desta dissertação sinta o desconforto (ou mesmo conforto) de escapar de uma viagem linear e encontre, em alguma medida, a oportunidade de maravilhar-se com a descoberta do inesperado. Logo, que a ele seja permitido construir sentidos também a partir do estranhamento provocado pelo ritmo da organização dos capítulos deste trabalho.

²⁶ Compreendendo-se aqui por imaginário sobre a infância a construção de um sistema de signos para se referir à infância (histórias, objetos, vestimentas etc.), os quais vão além dos elementos genéricos impostos usualmente pelos adultos.

Alguns pontos até aqui abordados devem ser considerados para o avanço da jornada, pois foram pensados (pelo menos foi este o desejo) enquanto mapas que apresentam uma infinidade de caminhos a serem escolhidos pelo leitor. Dentre eles, o fato de como a representação mais recorrente de criança é (quase) incapaz de dialogar com um leitor infantil que não corresponda ao modelo idealizado pelos adultos. Não obstante, tem-se em vista que, tal como propõe Postman, o surgimento do conceito de infância na modernidade nasce acompanhado por sua própria morte – e, portanto, justifica-se o “sobre o fim da aventura” usado como subtítulo desta seção.

Dessa maneira, propor mapas móveis de leitura foi um exercício que demonstrou ser mais proveitoso para realização do trabalho que hora se apresenta; a tentativa é de não seguir o convencional, mas sim o *non-sense*²⁷ de *Alice* – isto é, caminhar seguindo uma lógica própria. Isso posto, ressalta-se que os tensionamentos teóricos até aqui apresentados, tal como as aventuras no País das Maravilhas, ainda serão acionados ao decorrer da discussão para o estudo do livro de Maguire, de maneira que o leitor talvez tenha a impressão de já ter enfrentado determinadas correntes marítimas, embora as ondas se apresentem com ritmos e intensidades diferentes.

Reconhecendo a relevância dos contos maravilhosos para a construção de parte do entendimento sobre a infância, buscou-se nesta seção mostrar como esta relação se constituiu na história. A decisão de apresentar um capítulo com recorte cronológico sobre o surgimento do conceito se deve ao estranhamento provocado nesta pesquisadora por *Não conte para a mamãe*, no que diz respeito às menções às narrativas que permaneceram na memória da narradora da autobiografia. Em especial, porque à exceção de *Alice no País dos Espelhos*, nenhuma referência foi feita às histórias tradicionais. A inquietação em mim provocada decorrente deste fato, assim, apenas encontrou respostas ao debruçar-me sobre o passado, pois somente ao refletir acerca de como, desde sua eclosão, a literatura destinada ao público infantil é formada pelas mãos controladoras e limitantes dos mais velhos, tornou-se evidente o quão

²⁷ “Carroll abre novas portas para a literatura quando introduz novos conceitos na escrita: já era presente a auto-reflexão da literatura, feita principalmente através da ironia; porém, atrás do Romantismo, acreditava-se em uma moral edificante e que havia uma interpretação correta, e o autor de *Alice* vai exatamente contra essa moral única: ele brinca com conceitos, demonstra através de jogos lingüísticos e lógicos que algumas das consistências que acreditamos encontrar não são senão imposições que nós mesmos colocamos, destruídas pelas próprias palavras. É, em outros termos, o elemento que o deixou reconhecido como inovador, o *non sense*”. (Monzani, 2011, p. 125)

legítimo e potente é que Antoinette tenha negado o gênero desde muito nova. A negação ao gênero constitui-se, portanto, neste caso, como autoafirmação da criança.

Em suma, o abandono pela garota da literatura infantojuvenil, na qual representações de crianças felizes são as mais recorrentes, pode ser interpretado como a resposta da criança leitora à realidade vivenciada: dentre o pouco que podia fazer dadas as circunstâncias, o hábito da leitura e o gesto de escolher o que lia era como seu ato de insurgência frente à opressão dos adultos e até mesmo tal insurgência evidencia a saúde da literatura, capaz de lhe oferecer outros modos de viver pelo exercício da imaginação.

5 O MITO DA FAMÍLIA: O PERIGO DA REPRESENTAÇÃO ÚNICA DE UM MODELO CENTRALIZADOR

De acordo com Azevedo e Guerra (2015), ao longo da história, a família organizada com base nos interesses da burguesia e da sociedade falocêntrica, nos quais há papéis destinados a cada membro familiar, tornou-se o modelo emergente. Neste, o pai funcionaria como o provedor e chefe do grupo, a mulher como dona da casa e responsável pela criação dos filhos e as crianças como símbolo da perpetuação da linhagem. A partir dessa lógica, as crianças também são os sujeitos destituídos de qualquer poder ou de direito à fala, pois ocupam um lugar de subalternidade irremediável (como defendido muitas vezes pela Profa. Dra. Mônica de Menezes Santos, em reuniões do Cartografias da Infância²⁸). Isso ocorre porque vivemos em uma sociedade classificada por Braun (2002) como adultocêntrica, onde o adulto não apenas está no centro do poder, como também opera através dele para falar pelos menores. Não se espera da criança que se diga algo valioso ou algo que vá contribuir para a sociedade, justamente porque muitos sequer as consideram como sujeitos plenos e sim como seres ainda em formação que pouco sabem sobre o mundo, como se nós, adultos, também não estivéssemos em constante formação.

Diante disso, a manutenção dessa configuração de família promove a construção de um discurso sobre os adultos enquanto responsáveis pela criação e proteção das crianças. Contudo, em muitas realidades familiares isso não ocorre e falar sobre esses casos é por muitos tratado como “um abalo à sagrada instituição” (Braun, 2002, p. 74). Um ataque ao signo e à sua estrutura, se pensarmos com Derrida²⁹ (2004). Logo, muitos problemas que ocorrem dentro dos grupos parentais são mantidos em silêncio, gerando um cenário no qual o silenciamento atua como agente permissivo para perduração de violências intrafamiliares³⁰ distintas (situações de

²⁸ Grupo de pesquisa da Universidade Federal da Bahia destinado aos estudos sobre a infância e a juventude. Os projetos vigentes do Cartografia se propõem a ler crítica e comparativamente a literatura infantojuvenil com o viés de pensar questões emergentes na contemporaneidade.

²⁹ Ao pensar a oposição entre natureza/cultura para Lévi-Strauss, em consonância com o autor, Derrida menciona a proibição do incesto, a qual é classificada como um “escândalo” para este sistema. Neste sentido, a proibição referente ao signo habita os dois universos tidos classicamente como antagônicos, pois não apenas há a proibição natural e biológica, na medida em que há mais chances de ocorrerem mutações genéticas desfavoráveis a prole, como também é uma proibição sistemática e cultural. Há legislações instituídas para a proibição do incesto, tido como tabu social, que abrangem a universalidade. E, justamente por isto, por escapar da bipolaridade e habitar um entrelugar entre os dois conceitos, o incesto por si só em sua estrutura já promove, em alguma medida, o descentramento epistemológico do próprio signo.

³⁰ “Na definição de violência intrafamiliar destacam-se dois aspectos: o primeiro é de que se trata de uma violência interpessoal perpetrada, no caso das crianças e adolescentes, por pessoas investidas de função parental. O segundo aspecto ressalta que é uma violência cuja prática não se restringe ao espaço doméstico, ou seja, a violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes é por vezes cometida pelos pais e responsáveis também em espaços públicos” (Moreira; Sousa, 2012, p. 15).

negligência, de abuso de poder, de violência física, de tortura psicológica, de violência sexual etc.). Destarte,

A violência intrafamiliar, em sua face da violência física, tem sido muitas vezes justificada como necessária ao processo educativo. As ações de “bater para que as crianças aprendam” ou “bater para corrigi-las” são toleradas socialmente, desde que não causem danos físicos e visíveis às crianças. [...] Frequentemente as opiniões convergem no sentido de que a palmada não causa danos, é leve, necessária, enfim, um ato educativo. (Moreira; Sousa, 2012, p. 18)

Nas primeiras lembranças apresentadas ao leitor, Toni reconhece ter sido bem tratada pelos seus pais até os cinco anos de idade: “Minha mãe não apenas tinha tempo ilimitado para me ensinar brincadeiras, como também adorava me vestir com roupas lindas, muitas das quais ela mesma fazia, levando horas nas casinhas de abelha sobre o corpete, como era moda na época” (Maguire, 2012, p. 22). O pai, por sua vez, era do exército, mesmo após o fim da guerra. Quando as visitava, os momentos eram descritos como um *evento*, como se ele fosse um “visitante benevolente” e, portanto, era tratado como um rei. Todavia, ao retornar para a vida civil, a realidade familiar foi drasticamente alterada: não podendo mais ser descrita, ou sequer aproximar-se, enquanto modelo idealizado de família, senão por fingimento em raras ocasiões. O homem, que não tem o nome completo mencionado (apenas o apelido pelo qual a esposa se referia a ele, “Paddy”), desenvolveu o vício pelo álcool, o qual, junto ao pôquer, levaram-no a perder todo o dinheiro da indenização pelos anos de serviços prestados ao exército e pelas sequelas relacionadas ao período, ocasionando constantes brigas entre marido e mulher e o fracasso do sonho da casa própria. Tudo isso transformou aquela casa num cenário conturbado, onde as frustrações dos adultos eram muitas vezes descontadas na única criança ali presente.

Ao se dar conta da situação, e desejando melhorar a conjuntura familiar, a mãe de Antoinette percebe que já não seria mais possível se contentar em ser dona de casa. Então, ela sai em busca de emprego, conseguindo-o numa oficina mecânica, como caixa no turno da noite, em que se oferecia um pequeno apartamento como parte do pagamento. Acerca deste acontecimento, a narradora tece breve comentário, no qual é possível visualizar os pesos dos papéis de gênero na instituição familiar e do falocentrismo, mesmo em condições desfavoráveis:

Minha mãe percebeu que, com uma filha crescendo e nenhuma reserva com que contar, teria de trabalhar se quisesse realizar o desejo de ter sua própria casa. Porém, não seria fácil. Não apenas não havia salários igualitários para mulheres na década após a guerra, como era mínima a oferta de trabalho. Os soldados vitoriosos que permaneceram no Exército para ajudar na reconstrução de uma Alemanha devastada estavam retornando e tendo de enfrentar um desemprego em massa, acomodações

precárias e racionamento. Com a determinação rigorosa que era parte marcante de seu caráter, minha mãe nunca admitiu a derrota, e sua persistência foi recompensada.

[...]

Meu pai também teve dificuldade em conseguir emprego.

[...]

Assim, o padrão da nossa vida foi modificado. Ele voltava para casa de manhã, reclamando do cansaço e indo direto para a cama, enquanto minha mãe, que tinha a casa e uma criança pequena para cuidar, dormia quando era possível. (ibid., p. 25).

O pai, por sua vez, também começou a trabalhar numa fábrica no período noturno. Contudo, contentava-se em apenas “sustentar a família financeiramente”, mesmo quando não mais era a única fonte de renda. Assim, a companhia da menina ao longo do dia era Jumbo (seu elefante de pelúcia, presente oferecido por ele em uma de suas visitas quando ainda era soldado). Até mesmo as visitas da avó materna diminuíram, depois que o genro retornara para o convívio familiar.

Em seu livro *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, Judith Butler (2017) questiona o falocentrismo e a heterossexualidade compulsória, investigando como essa noção de binaridade vinculada ao gênero fundamenta a organização social dos indivíduos, fazendo-se, assim, necessário expandir as fronteiras de gênero, sexo, corpo e desejo para que haja uma mudança. No caso da autobiografia aqui estudada, observou-se que a binaridade resultou num cenário desigual para os pais de Antoinette. Enquanto o pai, figura masculina central do poder, não tem interesse algum em ajudar nas atividades domésticas, a mãe da criança é posta em posição silenciosamente obrigatória de mantenedora da família: o homem descansa todos os dias, mas a mulher quase nunca teve essa possibilidade como direito. Apoiando-se em Butler (2017, p. 13), é possível observar que as “fábulas de gênero estabelecem e fazem circular sua denominação errônea de fatos naturais”, tornando permissível a configuração familiar desbalanceada entre seus integrantes, tal como o controle do poder dentro dessa instituição.

Após algum tempo, Paddy foi promovido para um trabalho permanente, no qual havia condições melhores de remuneração, o que permitiu à Ruth (a mãe de Antoinette) o retorno à função de dona de casa em período integral, além de todos os três se mudarem para uma pequena casa germinada com jardim. É nesta época que a criança recebe um presente de seus pais: Jude, filhote de terrier, que a acompanhou pelos anos seguintes e se tornou sua melhor amiga. A menina também foi matriculada numa escola particular, onde despertaria seu interesse pela leitura aos cinco anos de idade: “[...] Um livro com palavras a serem aprendidas a cada dia, ou um livro com números, com o qual eu aprendia a ver as horas, era retirado da sacola. Eu

trabalhava à mesa, enquanto minha mãe fazia o jantar e Judy deitava exausta aos meus pés” (ibid., p. 28-29).

Contudo, no ano seguinte, com a mudança para a Irlanda do Norte, terra natal do pai, a felicidade teve seu fim decretado. Além do afastamento mais intenso da avó materna, cuja comunicação se restringiria às cartas nas quais a realidade de sua nova vida não era revelada, Antoinette também logo deixaria de ver com frequência a agora conhecida família paterna, por quem se apegara nas primeiras semanas, quando ainda não haviam encontrado uma casa para se estabelecerem em definitivo. A nova moradia no interior, além de afastada e com apenas uma rota de ônibus passando em dois horários específicos (o de levar os trabalhadores pela manhã à cidade, e o do trajeto inverso ao entardecer), era o oposto do esperado ou sonhado por ela e a mãe: eles morariam numa casa de sapê abandonada há muito.

É ao compartilhar essas memórias com o leitor que Toni retorna para seu eu-adulto, o qual servia de acompanhante para a mãe internada no asilo. Ela relata que sentiu a necessidade de consumir nicotina e álcool após visualizar a casa de sapê novamente, apesar de ciente de que naquele espaço encontrava-se fisicamente segura – longe de Paddy e com Ruth debilitada devido ao estágio terminal. A interrupção em narrar fatos passados, contudo, é momentânea, e Antoinette ressurgiu desafiando-a, acusando-a de estar com medo dela, e a faz atravessar a entrada da casa, onde logo seria narrada a primeira cena de violência explícita vivenciada por ela, ocorrida enquanto passeava com Judy certo dia:

– Antoinette, onde você está?

Virei-me e corri confiante na direção dele, segurando firme meu ramallete de flores silvestres. Mas o homem que vi aproximando-se não era o belo pai sorridente que nos encontrara no barco. Em vez dele, vinha um homem carrancudo, de rosto vermelho, que eu mal reconheci, um homem que de repente parecia enorme, com olhos injetados de sangue e a boca tremendo de raiva. Meu instinto me disse para correr, mas o medo me manteve parada onde estava.

Ele me agarrou pelo pescoço, colocou o braço com força em volta da minha cabeça e puxou-a contra o corpo dele. Ergueu o meu vestido de algodão até a minha cintura e baixou a calcinha na altura das minhas meias de algodão. Sua mão calosa segurou meu corpo seminu contra as coxas dele, passando a outra mão em minhas nádegas e apertando uma delas com força. Segundos depois, ouvi um estalo e senti uma dor cortante. Consegui me mexer e gritar, em vão. Segurou meu pescoço com mais força ainda, enquanto com a outra mão me dava golpes seguidos. Judy curvou-se debaixo de mim, e o ramallete, agora esquecido, ficou esmagado no chão. (ibid., p. 50-51)

Esta cena desencadeou, pela primeira vez, os sentimentos de humilhação, de terror e de dor mencionados pela autora, pois nunca alguém havia a machucado de propósito. Após o ocorrido, o homem ordenou que ela voltasse para a casa e jamais “saísse andando por aí desse

jeito”; ela sabia que a mãe havia ouvido seus gritos, mas se negara a prestar socorro. A menção a este episódio aqui ocorre, sobretudo, porque foi neste dia que ela aprendera a temer seu progenitor, afinal, fora despida contra à vontade, alisada sexualmente e espancada.

A reação da mãe de não se intrometer no ocorrido, a partir daquele momento, seria algo recorrente na rotina familiar. Como se buscasse fingir que aquilo não estava acontecendo no seu sonho de “família perfeita”, Ruth Maguire nunca admitiria os crimes cometidos pelo marido e se negaria a falar sobre eles enquanto fosse viva. Dessa maneira, observa-se que o silenciamento sobre a situação de Antoinette foi praticado também pela figura materna, que deveria, de acordo com o mito familiar, prezar pelo bem-estar da sua filha.

Por sua vez, o silenciamento é interessante e positivo apenas para quem ocupa posições privilegiadas (neste cenário, em vias estatísticas, a figura masculina é a que se sobressai: o pai, o tio, o avô...), pois são esses sujeitos, quando tomados pela “Síndrome do Pequeno Poder” – conceito da área da psicologia, estudado por Azevedo e Guerra (2007) para pensar a violência sexual na infância –, que representam os maiores índices, conforme será apresentado no início da próxima subseção, de agressores no Brasil. Pelo viés do conceito, o adulto é observado como um sujeito o qual, por si só, nem sempre apresenta particularidades que o posicionem em um local de destaque na sociedade em contexto macro. Entretanto, ao encontrar uma pequena fagulha de poder em determinado contexto de menor escala, como dentro de sua residência, ele pode dela se apossar para exercer superioridade sobre outros corpos de maneira autoritária, sem limites para violência, pois acredita que ali ele é o chefe que deve ser obedecido:

– Não discuta comigo, *minha menina* [grifo meu] – esbravejou ele, agarrando a gola do meu vestido e puxando-me da cadeira. Fui atirada ao chão, fiquei sem ar, as mãos dele estavam em volta do meu pescoço. Ouvi o som distante do grito de minha mãe.

– Paddy, pare, você vai matá-la!

Minhas mãos lutavam com as dele, tentando soltar os dedos que me apertavam. Indefesa, eu não conseguia respirar e minhas pernas debatiam-se no chão.

Ouvi-o berrar:

– Você faz o que eu mandar, minha menina. – Em seguida, ao som dos apelos de minha mãe, senti seus dedos afrouxarem. (Maguire, 2012, p. 115)

Neste fragmento, destaca-se o fato de o pai considerar a criança como sua propriedade. Abusando da hierarquia domiciliar, o adulto ameaça a própria filha e a castiga sem receios. Este ato acaba se tornando um costume, e Antoinette desde cedo passa a temer o pai, cujo

temperamento é instável, descontando na menina todas suas frustrações, raivas e desejos (tanto em âmbito físico, quanto psicológico, emocional e, até mesmo, sexual).

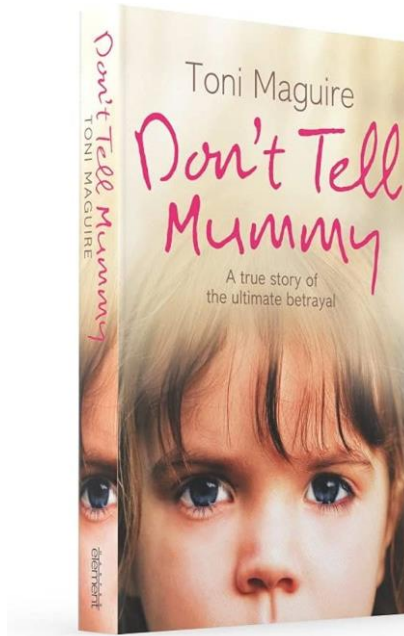
Antes de continuar, algumas considerações precisam ser compartilhadas. A primeira delas corresponde ao poder coercitivo que os pais possuíam sobre o corpo da escritora. Mesmo adulta e não convivendo mais com eles, revelou que foi apenas com o falecimento dos dois que ela finalmente conseguiu reunir coragem para revelar sua própria história ao mundo, não tendo a contado antes sequer para amigos de sua confiança. Assim, embora tenha tido sua primeira publicação em 2006, a escrita do livro que a precede foi um evento póstumo aos seus parentes. Quando, enfim, já não haveria possibilidade alguma deles fisicamente a reprimirem.

Para além de sua produção autobiográfica, é possível ter acesso às informações sobre a autora em seu site oficial e em poucos textos curtos disponibilizados em seu blog pessoal. Há também fragmentos compartilhados por ela própria em seu perfil no Facebook, porém, para além deles, há pouco conteúdo produzido sobre ela. Algumas poucas entrevistas escritas podem ser encontradas, mas, de fato, a maior parte das produções sobre Toni são escritas por ela própria. É difícil afirmar os motivos possíveis para isto, já que pode ser tanto uma escolha da autora em não se expor pelos olhos dos outros, como também, dentre outras possibilidades, pelas dificuldades, inseguranças e temores de terceiros tentarem dar conta de sua história.

Por fim, é relevante mencionar que tanto a imagem que integra a capa original do livro quanto a edição brasileira expõe uma garotinha explicitamente censurada, sem direito à própria voz, reforçando a intensidade do que o “*Don’t tell*” (o “Não conte”) teve sobre ela. Abaixo, seguem-se as Figuras 6 e 7 que exibem a sensibilidade dos olhares de Antoinette e a ausência da boca, as quais são acompanhadas também pelos seus respectivos subtítulos: “*A true story of the ultimate betrayal*” (uma história real da traição final) – na edição britânica – e “Memórias de uma infância perdida” – na versão publicada no Brasil. Embora sejam distintas quanto a este

último aspecto, o conjunto em ambas as capas ilustram não só a repressão como também a presença marcante do sofrimento logo em seus primeiros anos de vida.

Figura 6 – Edição britânica



Fonte: HarperCollins UK Publishers (2007)

Figura 7 – Edição brasileira



Fonte: Bertrand Brasil (2012)

5.1 UM PANORAMA VIOLENTO: DIFERENTES CENÁRIOS, MILHARES DE VÍTIMAS

De acordo com a Cartilha Maio Laranja, publicada em 2021 pelo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (2021, p. 11), atualizados conforme os relatórios Disque 100 (2019), “72% dos casos de violência contra crianças e adolescentes ocorrem na casa da vítima ou do agressor” no Brasil. Além disso, “69% dos casos de violência contra crianças e adolescentes são recorrentes”. Quando somados, os números referentes ao ano de 2020 correspondem à 95.247 de denúncias e violações. Destes, 14.621 referem-se à abuso sexual físico, estupro e exploração sexual contra crianças e adolescentes brasileiros. Embora a cartilha não ofereça números exatos, pesquisas de anos anteriores revelam que a maioria dos agressores correspondem a um parente masculino. Além disso, é importante dizer que é difícil dimensionar esta violência, pois nem todos os casos são registrados por motivos diversos, dentre eles, ameaças constantes às vítimas. Por sua vez, o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2022) registra que em 95,4% dos casos de estupro de vulnerável (isto é, envolvendo menor de 14 anos) o homem foi o agressor e em 82,5% era conhecido da criança (em que 40,8% eram pais ou padrastos da vítima); além disso, 76,5% dos casos ocorreram dentro de casa. Ademais, também com base nos dados do Disque 100, o Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (2023) alerta para o aumento dos registros de violações sexuais contra crianças e adolescentes no primeiro quadrimestre desse ano. Do total superior a 17 mil (68% a mais em relação ao período em 2022), em torno de 60% dos casos foram cometidos por suspeitos no ambiente domiciliar. Por fim, o Anuário de 2023 aponta que os números registrados em 2022 foram equivalentes a 73.024, destes, em torno de 57 mil representam estupro de vulnerável com até 13 anos de idade e 72,2% correspondem a cenários de residências. Do total, 44,4% dos números identificados mostram que foi o pai ou o padrasto da criança quem a vitimou.

Além dos dados do Brasil, tendo-se em vista que a autobiografia estudada retrata o contexto britânico entre as décadas de 50 e 60, faz-se necessário apresentar dados atualizados sobre a violência sexual contra as crianças e adolescentes referentes à região em questão. Pesquisas institucionais reconhecem a dificuldade de mensurar com exatidão números acerca dessa violência na região da Inglaterra e do País de Gales, em especial, por conta da quantidade existente de agentes oficiais e pela própria dificuldade das vítimas de identificarem e denunciarem o crime sofrido (o qual nem sempre apresenta a penetração do pênis no orifício infantil para classificação como tal). Dessa maneira, de acordo com as pesquisadoras Karika Karsna e Liz Kelly (2021), as autoridades estimam que em torno de 500 mil crianças sofrem com abuso sexual todos os anos, deixando claro que a ocorrência da violência pode ser tanto um evento único como frequente na vida dos menores.

Até o momento de finalização da presente dissertação, não há dados sobre o primeiro semestre do ano de 2024. Portanto, apresentam-se aqui dados referentes aos publicados em 2022³¹, acerca dos registrados em 2020/2021 (período no qual o mundo enfrentava a pandemia decorrente da Covid-19 e a imposição do *lockdown*, que regulamentava restrições de interação social em busca de reduzir o contágio e avanço da doença), e dos que se referem ao período de 2022/2023, fornecidos em fevereiro de 2024.

De acordo com as tabelas e documentos publicados em sites institucionais britânicos, mapeados por Karsna (2022), foram identificados na Inglaterra mais de 84 mil casos de atentados sexuais contra crianças, ao passo que no País de Gales o número totaliza em mais de 5 mil. Destes, 5.094 meninas abaixo dos 13 anos foram estupradas e 2.110 meninos na mesma faixa etária sofreram do mesmo crime. 12.871 crianças abaixo dos 13 anos também foram agredidas sexualmente³² no mesmo período. É válido dizer ainda que nem sempre os casos de abusos sexuais apresentam o contato físico direto entre o agressor e a vítima (a exemplo de: tentativas de toque, constrangimento sexual através de palavras, incentivo à masturbação etc.). Os dados britânicos também consideraram que, durante a pandemia, parte dos casos podem ter ocorrido em ambiente virtual, tornando preocupante a situação de proteção das crianças e a identificação e denúncia dessas situações. Ademais, as pesquisas revelam outros casos e outras faixas etárias de menores, mas foram selecionados para esta dissertação como exemplo apenas os dados condizentes com classificações similares às violências sexuais vivenciadas por Antoinette.

Acerca dos casos registrados, a dificuldade de encontrar dados precisos quanto às vítimas sexuais em contexto familiar ocorre porque as autoridades britânicas registram os processos de formas distintas. O Ministério da Justiça, por exemplo, publica os crimes de atividade sexual familiar separados dos outros crimes envolvendo crianças e atividades sexuais. Além disso, as autoridades locais da Inglaterra e do País de Gales consideram como *child sexual abuse* (abuso sexual infantil) os casos em que algum parente da criança foi o agressor e *child sexual exploitation* (exploração sexual infantil) quando quem agride é uma figura externa da

³¹ Karsna, Karika. *Child Sexual Abuse in 2020/21: Trends in Official Data*. Londres: Centre of expertise on child sexual abuse, 2022. Disponível em: <https://www.csacentre.org.uk/app/uploads/2023/09/Child-sexual-abuse-in-2021-22-Trends-in-official-data.pdf>. Acesso em 19 jun. 2023.

³² Os dois casos se referem a atos de violação sexual sem consentimento da outra parte. Enquanto o estupro é visto como o ato mais grave de violência sexual, em que pode ocorrer não só a conjunção carnal (penetração), mas também sexo oral, introdução de objetos nas partes íntimas, masturbação; as agressões sexuais, por sua vez, dizem respeito a beijos indesejados, toques sexuais, apalpar as partes íntimas de outra pessoa, pressionar-se contra outra pessoa (a fim de obter prazer sexual), levantar a roupa de outrem de maneira sexual etc. Vide: LEGISLATION.GOV.UK. *Sexual Offences Act 2003* [online]. Disponível em: <https://www.legislation.gov.uk/ukpga/2003/42/contents>. Acesso em 19 jun. 2023.

família. Então, nas tabelas consultadas, é mais frequente a menção a “adultos de confiança” (a exemplo de professores e outros sujeitos que convivem frequentemente com os menores) do que necessariamente a crimes cometidos por figuras parentais. Isso se deve ao fato de que a própria legislação britânica considera como intrafamiliar não apenas parentes consanguíneos, mas também envolvendo pessoas que são tidas como familiares na perspectiva da criança, tais como padrasto/madrasta, babás e um amigo muito próximo do núcleo familiar.

É importante salientar que, conforme Karsna e Bromley (2024), os dados coletados em pesquisas atuais ainda condizem a uma parcela mínima das estimativas de casos de violência sexual contra menores de 18 anos, haja vista que, dentre outros fatores, poucas crianças são capazes de reconhecer o crime sofrido e denunciarem para alguma autoridade. Dentre as pessoas que forneceram algum registro para profissionais, muitas revelam que não tinham coragem de denunciar antes de completarem 16 anos por terem medo de serem humilhadas, desacreditadas e não conseguirem lidar com as possíveis consequências após a revelação do segredo.

A respeito dos dados identificados em 2022/23³³, mais de 99 mil crimes de violência sexual infantil foram apresentados. Destes, 5.141 meninas abaixo dos 13 anos foram vítimas de estupro, junto a 1.987 meninos na mesma faixa de idade. 14.626 crianças abaixo dos 13 sofreram com agressão sexual no mesmo período, demonstrando um aumento comparado a 2020/21. No que se refere aos casos envolvendo uma pessoa em posição de confiança, 274 correspondem aos dados mais recentes, contra 257 dos anos anteriores. Informa-se que não foi possível encontrar números precisos para cenários envolvendo violência intrafamiliar na Inglaterra, porém, de acordo com Sara Scott (2023), quase metade dos crimes denunciados à polícia britânica envolvendo abuso sexual de crianças entram nesta classificação; sendo que a maioria foi cometida por figuras masculinas.

Quanto à Irlanda do Norte (menção válida, considerando que parte da infância de Antoinette foi vivenciada no país), a PSNI – Police Service of Northern Ireland³⁴ divulgou o número de 4,232³⁵ casos registrados de crimes sexuais entre abril de 2022 e março de 2023 – um aumento de 4,7% comparado ao ano anterior. Além disso, informou³⁶ que 2,276 crimes de

³³ Karsna, Karika; Bromley, Paige. *Child Sexual Abuse in 2022/23: Trends in Official Data*. Londres: Centre of expertise on child sexual abuse, 2024. Disponível em: <https://www.csacentre.org.uk/app/uploads/2024/02/Trends-in-Official-Data-2022-23-FINAL.pdf>. Acesso em 03 jun. 2024.

³⁴ Serviço de Polícia da Irlanda do Norte.

³⁵ Mccracken, Niall. Northern Ireland sexual offences reach highest on record for year. *BBC News NI*, 20 maio 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/uk-northern-ireland-65622633>. Acesso em: 19 jun. 2023.

³⁶ Police Service of Northern Ireland. 43% increase in targeted searches as police crackdown on child predators. *PSNI.POLICE.UK*, 14 mar. 2023. Disponível em: <https://www.psni.police.uk/latest-news/43-increase-targeted->

abuso sexual infantil foram identificados no ano de 2022. A organização observou a necessidade de seguir investindo no combate aos mitos prejudiciais vinculados à cultura de culpabilização da vítima, a fim de que o país propicie um cenário favorável às vítimas de denunciarem e buscarem justiça. Logo, reconhece-se a impossibilidade real de mensurar os números condizentes com a totalidade dos casos, pois muitos são mantidos em segredo.

Ressalva-se ainda que por muito tempo não existia uma legislação especial que protegesse as crianças ao redor do mundo, de acordo com a Profa. Dra. Mária Regina Azambuja (2021). O Estatuto brasileiro, por exemplo, foi promulgado apenas em 21 de novembro de 1990, embora a diferenciação entre crianças e adultos já não fosse mais novidade, tendo em vista o que foi apresentado na seção 4 desta dissertação.

Diante do exposto, infere-se aqui que o discurso vigente de mito familiar (enquanto espaço de proteção, zelo e cuidado) contribui para formular um imaginário no qual os problemas da família em si muitas vezes são aprisionados ao próprio grupo e são tratados, como sugere Braun (2002), como “problemas de família”. Neste sentido, há discursos que se perpetuam até hoje: “em briga de marido e mulher ninguém mete a colher”, “eu apanhei quando criança e isso nunca me fez mal, pelo contrário”, “o filho é meu quem cria sou eu” etc.

Segundo Guerra (2005, p. 31),

A violência doméstica [...] apresenta uma relação com a violência estrutural (violência entre classes sociais, inerente ao modo de produção das sociedades desiguais). No entanto, tem outros determinantes que não apenas os estruturais. É um tipo de violência que permeia *todas as classes sociais* como *violência de natureza interpessoal*³⁷.

Assim, a criança por muitas vezes é tida como um “objeto de maus-tratos” e a cultura ocidental é, historicamente, permissiva para que essa condição seja perpetuada. Isto posto, a mistificação da família como algo natural e benéfico “encobre uma verdadeira ditadura familiar, corroborando para a construção de um imaginário social denegatório e permitindo que a família incestogênica se perpetue imune e intacta a intervenções externas” (Oliveira; Pinheiro, 1999, p. 229).

Seria possível tensionar mais enfaticamente sobre essas questões do mito familiar e suas problemáticas em diversas nuances, mas, justamente porque o esgotamento do assunto não é algo possível, a delimitação se faz necessária. Para tanto, este trabalho se concentrou na

searches-police-crackdown-child-predators#:~:text=It%20can%20happen%20in%20the,offences%20from%20the%20previous%20year. Acesso em: 19 jun. 2023.

³⁷ A autora define como violência interpessoal “o processo de vitimização, com uso coercitivo de poder dos pais/responsáveis” (Guerra, 2005, p. 34).

violência sexual da infância que ocorre em contexto intergeracional³⁸, pois é o contexto abordado em *Não conte para a mamãe: memórias de uma infância perdida*. Contexto esse que desmistifica o modelo de família e expõe a necessidade do descentramento do discurso operante sobre ele.

5.2 ESCREVER A PARTIR DA EXPERIÊNCIA: UM GESTO POLÍTICO DE DESCENTRAMENTO DA REPRESENTAÇÃO FAMILIAR

Na autobiografia estudada nesta dissertação, é possível acompanhar, pelo exercício da leitura, os desdobramentos de sua narradora enquanto sujeito violado, traumatizado e subalternizado. Há, no livro, as memórias de alguém que fora constantemente violentada sexualmente pelo próprio progenitor ao longo de 8 anos; situação que só foi interrompida quando a vítima engravidara de seu agressor, aos 14 anos de idade, e, a partir daquele momento, a sociedade ao seu redor já não podia mais ignorar o que estava acontecendo sob o conhecimento de muitos, inclusive da própria mãe.

Importa enfatizar que, antes deste desdobramento, a criança tentou se comunicar com outros adultos, mas nenhum deles ofereceu apoio ou ajuda para que ela saísse daquela situação. Além disso, é notável ao longo da narrativa que a criança tinha uma vida sofrida, perceptível mesmo para quem não soubesse do contexto de violência sexual.

Ao descobrir o que estava acontecendo entre o marido e a filha, a mãe de Antoinette para de corresponder ao seu papel social enquanto figura materna. Então, a menina não mais recebia os cuidados devidos por nenhum de seus responsáveis, sendo tratada com negligência dentro de casa – tanto em relação a sua aparência e vestimentas, quanto em outras dimensões: física, emocional e psicológica. Com o tempo, nem mesmo os colegas de escola queriam se aproximar daquele corpo que não correspondia mais à representação do que seria uma criança dentro de uma concepção higienizada de infância, a qual se refere a conceber a infância de maneira idealizada, como um universo de pureza, inocência e beleza que destoam da realidade (Santos, 2011). O abandono pode ser visualizado em alguns trechos do livro, dentre eles, em uma passagem após a menina descobrir a gravidez e, desesperada, buscar ajuda na casa da Professora Isabel, a qual já havia lhe ajudado depois de um episódio de espancamento sofrido no passado. Contudo, a mulher não reage como a menina esperava, deixando-a sozinha na sala para conversar com seu marido, que acaba por expulsá-la.

³⁸ Quando envolve gerações diferentes de uma mesma família (avós e netos, pais e filhos, avós e netos etc.).

– Minha esposa não quer vê-la aqui de novo – foram suas últimas palavras ao fechar a porta de um modo definitivo que, ao longo das semanas seguintes, eu passaria a esperar de todas as pessoas, ainda que não pudesse entender o porquê.

O aviso de meu pai ecoou em meus ouvidos. *Todos culparão você. Se contar, sua mãe não a amará mais.*

Peguei a bicicleta e fui para casa. Meu pai estava na cama quando cheguei, mas não dormindo.

[...]

– Bom, lembre-se do que lhe disse, minha menina, culparão você se contar. Será levada daqui e presa. Sua mãe não irá impedir. Todos culparão você. (Maguire, 2012, p. 217)

Nota-se, portanto, que a narrativa autobiográfica de Maguire expõe o horror da violência sexual intergeracional na infância, em que a figura paterna é um agressor que conduz a filha para um caminho destoante de qualquer representação positiva do universo da infância e de família, além de manipulá-la para que ela se mantenha calada e os crimes cometidos por ele não sejam descobertos. A mãe, ciente de tudo, não sabe como contornar a situação em que a filha é transformada em “amante” do pai (de maneira unilateral) e a negligencia. A filha, vítima dos dois, entra em estado de depressão desde muito nova e é vitimizada costumeiramente, não apenas em âmbito sexual.

Olhei para ele, tentando disfarçar o desprezo que sentia, pois não via apenas meu pai, mas o que ele representava: o abuso grosseiro da autoridade. Ao ver minha mãe concordar com ele por meio do silêncio, notei como ela era condescendente com a tirania dele. Olhei para o rosto arrogante e complacente dele e senti uma onda de ódio tão grande que era a única coisa que me mantinha de pé ali. E me peguei rezando para um Deus em que eu não mais acreditava, para que acabasse com a vida dele.

Na minha cabeça, por um rápido instante, vi a imagem dele morto e eu e minha mãe felizes juntas, pois ainda acreditava que as ações dela eram totalmente controladas por ele. Ao observar a mãe que eu adorava, eu pensava que sua vida certamente seria melhor sem ele. Eu a vi com ele e percebi um sorriso amoroso e íntimo, o que ela reservava apenas para ele. Sorrisos assim nunca eram dirigidos a mim.

Esse foi o momento em que finalmente percebi que o motivo para minha mãe ficar com ele era o desejo dela. Entendi de repente que ela sacrificaria qualquer coisa para ficar com o homem com quem se casara, para agradá-lo e fazê-lo feliz.

Naquela noite, eu, que durante anos sempre culpara meu pai e nunca via qualquer responsabilidade por parte de minha mãe, vi nela apenas uma pessoa fraca. Ela pareceu ser uma mulher que não apenas perdera a chance de uma vida normal e feliz, mas alguém que se perdera através do amor que sentia por ele. (Maguire, 2012, p. 191-192)

Trazer essa situação de violência para o campo literário pode ser encarada como um gesto político, na medida em que fratura o mito da família feliz, referida anteriormente, e rompe

com as representações tradicionais de seus membros, bem como de seus papéis sociais. Sobretudo, porque o livro se tornou um *best-seller* britânico e foi traduzido para outros países, incluindo o Brasil, tendo conquistado um alcance considerável e rompido com o silenciamento de um corpo que foi violado e rechaçado durante a infância. Desta maneira, a narrativa autobiográfica de Maguire é tida aqui como um ato de resistência, a partir da compreensão deleuziana dessa palavra.

Em se tratando de resistência, Agamben (2018) compreende, a partir de sua leitura do abecedário³⁹ deleuziano, que o termo não se resume a ideia de oposição, mas também “a liberação de uma potência de vida que estava aprisionada” (Deleuze apud. Agamben, p. 12, 2018). Desta forma, resistir pode ser entendido como liberar o sujeito das prisões nas quais ele está enclausurado. Desprender-se, para o filósofo francês, então, é algo possível para o artista que o faz no exercício de sua arte. Em *Não conte para a mamãe*, nota-se que a liberação da autora se realiza em conjunto com o exercício de devir-criança, o qual permite que a infância aprisionada de Maguire se desvencilhe das opressões e encontre voz em tempos atuais dentro do espaço literário. Logo, ao mesmo em que se opõe aqueles que a oprimiram, ela também libera o próprio corpo traumatizado de seu apagamento existencial e o reinsere na história.

Em pesquisa sobre adultos sobreviventes de violência sexual na infância, Noel Smith, Cristian Dogaru e Fiona Ellis (2015) reconhecem existirem poucos estudos sobre a temática no Reino Unido. Majoritariamente, tais estudos estão focados nas perspectivas de profissionais sobre os impactos traumáticos e acerca das formas de tratamento para controle dos sintomas relacionados à ansiedade e depressão decorrentes da violência, sem dar visibilidade a perspectiva dos sobreviventes sobre o assunto. Além disso, boa parte das publicações se atentam mais aos agressores e aos aspectos jurídicos dos crimes cometidos. Diante disso, os autores da pesquisa mencionada propuseram um estudo que visibilizasse o outro lado: de quem foi violentado e o que ocorre após à vitimização, levando em consideração que nem todos tiveram ou possuem acesso à terapia e procedimentos medicamentosos para ajudá-los. Não em vão, os pesquisadores adotaram o termo *survivors* (sobreviventes) ao invés de *victims* (vítimas) para se referirem aos entrevistados, com o cuidado de preservar o anonimato dos participantes, já que a exposição dos mesmos não é conveniente nem para a realização dos estudos nem para

³⁹ O autor também percebe através de Deleuze que “A ligação entre criação e resistência e ação e potência pertence à esfera do indiscernível” (Agamben, 2018, p.12). Afinal, no abecedário, o filósofo francês alega que o exercício da escrita não ocorre sem alguma intenção em vista e a arte permite que o homem escape das prisões impostas a ele.

os sobreviventes. Abaixo, encontra-se um dos depoimentos presentes na publicação, a fim de que o leitor possa vislumbrar a forma como os testemunhos são apresentados:

Figura 8 – Depoimento⁴⁰ de um dos sobreviventes entrevistados



Fonte: Hear me. Believe me. Respect me. #Focusonsurvivors (2015).

No universo de 395 entrevistados apresentado, 87% correspondiam a mulheres. Do valor total, 78,5% revelaram terem sido violentados sexualmente antes dos 11 anos de idade. Quanto à duração, 50% afirmaram terem sido vítimas por 6 anos ou mais, enquanto 28% por 10 anos ou mais. Assim, concluiu-se que quanto mais jovem era a criança, por mais tempo ela tinha chances de sofrer continuamente com o crime, tendo em vista a dificuldade de denunciarem ou escaparem da situação. 68% declararam que foram vitimizadas dentro da própria família e em 51% dos relatos os correspondentes foram abusados por mais de um agressor (não necessariamente no mesmo momento).

Na autobiografia de Maguire flagramos situações parecidas com os dados expostos acima. Afinal, embora ameaçada, a menina denunciou o crime sofrido para sua mãe, cuja atitude foi de negação e silenciamento diante do crime, contribuindo para que o processo de vitimização de Antoinette perdurasse por oito anos:

Antoinette, aos seis anos e meio, viu apenas a raiva. Com os ombros frágeis caídos, expressões de perplexidade e dor passavam por seu rosto à medida que perdia sua última esperança de amparo. A mãe não pretendia protegê-la daquilo.

Ouvi mais uma vez a voz da mãe ordenando: “Nunca, nunca mais fale isso de novo, está bem?”

Eu a ouvi responder: “Está bem, mamãe.”

Seu treinamento havia começado, o silêncio estava garantido, e o caminho para o que viria a acontecer em seguida havia sido liberado com eficiência.

– Está vendo? Você contou a ela, contou sim – sussurrou minha atormentadora.

Durante anos eu havia bloqueado a imagem de minha mãe ouvindo meu relato. Eu a forcara a desaparecer da minha mente. Eu forcara Antoinette, a menina amedrontada,

⁴⁰ “As pessoas não me ouviram quando eu era jovem. O abuso foi escondido e não se falava sobre. Era como se isso não acontecesse na sociedade.” – Adulto sobrevivente de abuso sexual infantil, pesquisa focada em sobreviventes entrevistados (tradução nossa).

a desaparecer, e ela levava junto minhas lembranças. Percebi, com tristeza, que minha mãe sempre soubera o que meu pai sentia por mim. De que outra forma a criança poderia ter descrito aquele beijo se não tivesse, de fato, passado por aquilo? Não poderia ter inventado. No interior, naquela época, não havia nenhuma exposição à TV, ela não tinha livros nem revistas que pudessem ter ensinado tais coisas. Minha mãe tinha ouvido apenas a verdade vinda de sua filha.

[...]

– Você foi esquecida. Ela nunca a perdoou, mas perdoou seu pai. (Maguire, 2012, p. 57-58)

Observa-se, então, que, já adulta, através da revisita ao passado e da escrita de si, Toni Maguire passou a reconhecer a realidade vivenciada quando era criança. O cuidado de si através da literatura, portanto, aparece de forma latente: como possibilidade de (re)acessar suas memórias e de interpretá-las no presente a partir de uma nova perspectiva, dado que o sujeito escrevente foi afetado por outras experiências ao longo da vida. Com isso, ele passa a ser capaz de reconhecer situações que talvez não fosse capaz de compreender quando elas ocorreram e essas percepções permitem formular conhecimentos sobre si próprio com mais nitidez, tal como torna possível que, caso ele se disponha a tentar, aprenda a lidar consigo e com seus traumas.

Este processo pode ser melhor entendido a partir do conceito de “perlaboração”. Em uma aula disponibilizada virtualmente em seu canal no YouTube, o psicanalista Fábio Belo (2020) comenta sobre o assunto, adotando como texto base “Perlaboração, feminilidade, transformação do EU na técnica da psicanálise”, de Paulo César de Carvalho Ribeiro (1997). Em sua fala, ele chama a atenção para a importância de que, na análise, o *eu*, enquanto um conjunto, não seja descartado. Afinal, durante o processo analítico, o *eu* está em (des)construção, porque ele sofrerá as ações de (des)tradução, (re)tradução, (re)escrita e (re)composição de si ao longo do percurso. Dessa maneira, o exercício de perlaborar é o de trabalhar através e entre as camadas deste inconsciente que é trazido à tona. Por consequência, o sujeito passa a se (re)conhecer à medida em que, segundo Belo, se transforma, indo além da rede de significações, pois também acessa seu lado mais primitivo. Com isto em vista, é possível equiparar, dada as devidas proporções, a perlaboração com o exercício da escrita de si, pois o escritor também exercita o trabalho de (des)construir-se em diferentes nuances, conforme observado na autobiografia de Maguire.

Retomando os dados da pesquisa de Smith, Dogaru e Ellis (2015) citados acima, sobre o fato de 51% dos entrevistados terem relatado que foram abusados por mais de um agressor, em um momento de *Não conte para a mamãe*, é mencionado outro homem que buscara Antoinette para atender suas vontades. Aproximando-se como amigo do pai dela, às escondidas, ele confessa saber do que acontecia entre ela e Paddy, demonstrando interesse em também se

aproveitar da menina. Contudo, ele não o faz, pois ao denunciá-lo para a figura paterna, Antoinette acabou garantindo que aquele homem jamais fosse visto em seu entorno novamente. Afinal, para seu progenitor, a criança pertencia a ele e não desejava compartilhá-la. Cita-se:

[...] contei a meu pai sobre seu amigo. Com o rosto vermelho de raiva, ele me chacoalhou.

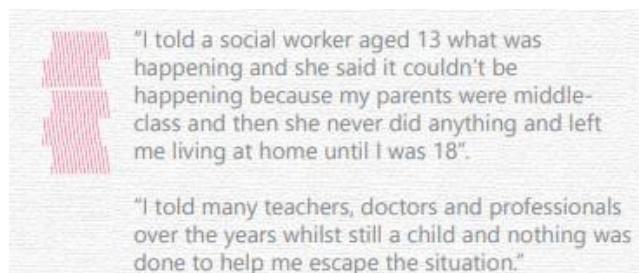
- Não faça isso com ninguém a não ser comigo, minha menina – sussurrou ele, erguendo os punhos.

Dessa vez, no entanto, ele baixou os punhos sem me bater e saiu da sala. Nunca mais vi o amigo de meu pai e nunca descobri como ele veio a saber sobre mim e meu pai. Só pode ter sido meu pai que contara a ele. Parece que até os monstros sentem a pressão de viver uma mentira. Até eles precisam que alguém conheça e aceite a pessoa real. (Maguire, 2012, p. 128)

Reitera-se, portanto, que a pedofilia pode ocorrer envolvendo mais de um agressor, dado que, como já mencionado, a criança culturalmente é um corpo passível da objetificação dos adultos. Embora não tenha acontecido com a autora do livro, devido a intromissão do pai logo quando a possibilidade foi anunciada, a breve menção do outro sujeito, o qual tinha interesse em vitimá-la, representa a tentativa de descaracterização de Antoinette como uma criança, sobretudo, quando ele afirmou que ela era adulta demais para uma “menina pequena”, considerando os livros lidos por ela e o que sabia sobre sua situação familiar.

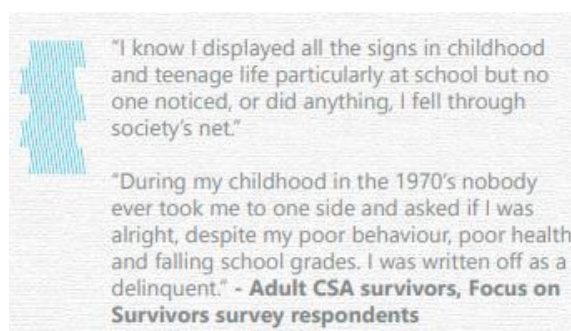
Ainda no que concerne aos dados da pesquisa de Smith, Dogaru e Ellis (2015), 94% alegaram ter contado para alguém sobre o assunto, mas apenas 27% confessaram para autoridades competentes (tais como polícia e serviço social). Por outro lado, quase metade dos entrevistados não falou sobre o crime antes dos 20 anos de idade. Observa-se que, como os participantes da pesquisa foram recrutados em organizações de apoio a sobreviventes, não é de se espantar o grande número de pessoas que revelou aos entrevistadores terem sido abusadas na infância. Porém, confessar ter passado pelo problema não necessariamente significa que os ouvintes darão credibilidade à vítima. O descrédito, por sua vez, leva à intensificação do sofrimento. A seguir, declarações anônimas sobre o assunto:

Figura 9 – Depoimentos⁴¹ de sobreviventes sobre as denúncias



Fonte: Hear me. Believe me. Respect me. #Focusonsurvivors (2015).

Figura 10 – Depoimentos⁴² de sobreviventes entrevistados sobre as denúncias II



Fonte: Hear me. Believe me. Respect me. #Focusonsurvivors (2015).

No caso de Maguire, as tentativas de denunciar o pai, quando criança, também ocorreram, mas a reação dos adultos ao escutarem seus relatos a levou a transformar o problema em um segredo por muitos anos. Tal como apresentado nas declarações dos entrevistados, ela fora desacreditada e negligenciada. O vício na nicotina e no álcool, assim, tornaram-se seus alicerces por muitos anos. Mesmo durante o período em que ficou internada num hospital psiquiátrico, após sua segunda tentativa de suicídio, os profissionais não a respeitavam. Inclusive, a autora afirmou que a realidade após a descoberta do “segredo” foi além do que ela podia suportar.

Como já exposto, a escritora aborda um contexto no qual a mãe escolhe negar a realidade, ainda que estivesse ciente do que acontecia em sua casa. De modo similar, os depoimentos aqui dispostos, embora nos apresentem outros cenários, ratificam a omissão de

⁴¹ “Aos 13 anos, eu contei para uma assistente social o que aconteceu e ela disse que isso não poderia ter acontecido, porque meus pais eram de classe média, então, ela nunca fez nada e me deixou vivendo na casa deles até os meus 18 anos”. / “Eu contei para muitos professores, médicos e profissionais ao longo dos anos quando criança, e nada foi feito para me ajudar a escapar da situação.” (tradução nossa)

⁴² “Eu sei que eu demonstrei todos os sinais na infância e na adolescência, especialmente, durante a escola, mas ninguém percebeu, ou fez nada, eu caí totalmente na rede da sociedade”. / “Durante minha infância na década de 1970, ninguém sequer me chamou e perguntou se eu estava bem, apesar do meu mau comportamento, saúde debilitada e as notas escolares em declínio. Eu era tratado(a) como um(a) delinquente”. – Adulto sobrevivente de abuso sexual infantil, pesquisa focada em sobreviventes entrevistados. (tradução nossa)

pais, professores, assistentes sociais e evidenciam como o olhar sobre a infância é preconceituoso, pois,

[...] o relato da criança é frequentemente desacreditado porque ainda temos no imaginário social a ideia de que a criança “não sabe o que diz”, que ela “não distingue a realidade de sua fantasia”. Quanto aos adolescentes, muitas vezes também o seu relato cai em certo descrédito, pois se acaba por culpabilizar a vítima, sobretudo as mulheres adolescentes, taxadas de “sedutoras” e “assanhadas”. (Moreira; Sousa, 2012, p. 21)

Diagnosticada com depressão profunda, após a revelação do segredo e o encaminhamento do crime para a esfera judicial, Antoinette encontrou dificuldades em conversar com os psiquiatras, os quais lhe faziam perguntas invasivas e consideravam suas respostas como de uma pessoa rabugenta, não cooperativa e paranoica. Devido a sua idade na época, o tratamento prescrito não seria medicamentoso, mas com sessões diárias de terapia, nas quais lhe inqueriam com frequência se ela sentiu prazer alguma vez com o pai, acreditando que “assumir” isso a faria melhorar. Logo, ela encontrou conforto apenas entre outros pacientes internados e com os livros a que tinha acesso, não demorando a perceber que sua mãe não a visitaria. Apenas muito depois, após ser requisitada pelo hospital, Ruth Maguire procuraria a filha. Ainda assim, fabulando que o colapso da jovem se dera por outros motivos não vinculados à realidade apresentada. Portanto, foi com a escrita de seu livro que Toni encontrou espaço para a quebra do silenciamento de maneira mais respeitosa.

A autora, inclusive, revelou em seu *site*⁴³ pessoal que as suas publicações a aproximaram de outras pessoas, pois suas obras foram capazes de encorajar seus leitores, em específico, os que também mantinham em silêncio os traumas vivenciados na infância, propiciando, de certa maneira, encontros afetivos capazes de construir uma zona comum, de uma comunidade que, como dito por Peter Pál Pelbart⁴⁴ (2006), não possui relação com o sangue e a etnia de seus participantes.

⁴³ Disponível em: <http://tonimaguire.co.uk>.

⁴⁴ Em seminário apresentado à 27ª Bienal de São Paulo, o filósofo parte de Barthes (“Como Viver Junto”) para pensar possibilidades para uma outra idiorritmia (“Como Viver Só”). Nesta perspectiva, a solidão profunda aparece como algo positivo em um mundo no qual as pessoas já não são mais deixadas sozinhas, visto a quantidade de informações, barulhos e acontecimentos que as bombardeiam a todo momento (questionando para tanto o “viver” e o “sobreviver” nesta organização social). Ainda com base também em outros autores (a exemplo de Deleuze, Cortázar e Guatarri), reflete que o estar sozinho é uma maneira de se ouvir, de se compreender e de sentir vivo. Estar no mundo a partir de um exílio voluntário pode funcionar como possibilidade de repensar o coletivo, pois, afinal, como habitar um coletivo que respeite a dimensão da singularidade? Como compreender o “deserto” que nos habita, de acordo com Deleuze, povoado por tantas outras tribos? Contemporaneamente, como viver só ao mesmo tempo em que se vive junto? Particularmente, nesta dissertação, considerou-se a *escrita de si* como uma alternativa para essas reflexões, em especial, ao se levar em consideração a discussão proposta no Capítulo 6.

A situação a motivou a continuar escrevendo sobre violência sexual na infância através da literatura, ao ponto de, até o presente momento, ter publicado 8 livros e, dentre eles, 2 são autobiográficos, sendo que apenas o primeiro foi traduzido para o público brasileiro. Além disso, a autora demonstra uma preocupação latente em romper com o caráter tabu da temática e acredita que, através de suas obras, ela pode rasurar o silêncio social existente no que se refere a essa violência contra a infância (“*I hope that my books have helped expose and lift the social taboos of acknowledging physical and emotional abuse together mental illness.*”⁴⁵). Sobretudo, tendo em vista como ela era tratada no passado, ao considerarem-na um corpo-tabu, situação a ser melhor abordada no próximo capítulo.

Desta maneira, partindo da leitura de sua obra autobiográfica, bem como de suas notas em seu *website*, acredita-se aqui que a autora promove a construção de um projeto de viver junto. De reconhecer as individualidades dos sujeitos e não as resumir à noção de um grupo de vítimas ou de pessoas com transtornos e doenças psicológicas; mas de abraçá-las, ampará-las e, em alguma medida, oferecer esperanças para um amanhã, através de sua própria experiência e de seu trabalho contínuo com a literatura. De viver respeitando a si e aos demais. Da possibilidade de construir aquilo que falta: a voz em meio ao silêncio da sociedade sobre a realidade de milhões de crianças ao redor do mundo.

Este exercício de resistência resulta em um cuidado de si e do outro através da escrita. Logo, torna-se possível dialogar com o pensamento de Gilles Deleuze (2019), quando o filósofo francês apresenta a literatura – por seu caráter fabulatório – como um empreendimento de saúde, tanto para os escritores quanto para os leitores.

⁴⁵ “Eu espero que meus livros tenham ajudado a expor e a eliminar os tabus sociais, a fim de que seja possível reconhecer as violências físicas, emocionais, tal como as vinculadas às doenças mentais” (tradução nossa). Em: Maguire, Toni. *About*. Disponível em: <http://tonimaguire.co.uk/about/>. Acesso em: 18 nov. 2021.

6 POR UMA FANTASIA DA ESCRITA DE SI

Na apresentação do livro *Como viver junto: simulações romanescas de alguns espaços cotidianos*, Roland Barthes (2003) apresenta uma série de anotações para pensar a ideia de “como viver junto”, tendo a idiorritmia como paradigma; ou seja, a possibilidade de coexistir respeitando o ritmo de cada um. Para tanto, ele escreve sobre método, cultura e, dentre outros termos vinculados ao trabalho do pesquisador, sobre fantasia. Segundo ele, as pesquisas devem partir de uma fantasia e aliar a ciência com o imaginário não resulta em trabalhar entre opostos nem “um direito de uma frustração vivida como avesso” (ibid., p. 9), mas na positividade do *desejo* que potencializa a busca.

MINHA FANTASIA: A IDIORRITMIA

Uma fantasia (ou pelo menos algo que chamo assim): uma volta de desejos, de imagens, que rondam, que se buscam em nós, por vezes durante uma vida toda, e freqüentemente só se cristalizam através de uma palavra. A palavra, significativamente maior, induz da fantasia à sua exploração. Sua exploração por diferentes bocados de saber = a pesquisa. A fantasia se explora, assim, como uma mina a céu aberto. (ibid., 2003, p. 12)

A fantasia adotada nesta perspectiva, então, precisa do exercício de exploração, de pesquisa, que o desejo pode induzir o sujeito a realizar. Assim, a idiorritmia conforma-se com a fantasia de um viver junto do filósofo, não de forma romântica (ele ressalta), mas como uma coexistência na qual os ritmos individuais não são excluídos. Com isto em vista e considerando que a fantasia é tão cara à infância, fase em que a fabulação aparece como descoberta do mundo – daquilo que falta, do desconhecido, do desejo de descoberta daquilo que já existe antes da própria existência particular –, é possível pensar a escrita de si como um trabalho no qual o autor está em constante processo de devir pesquisador.

Então, podemos pensar a autobiografia, gênero que abre espaço para o autor escrever sobre suas memórias, traumas e lembranças, como cenário em que os sujeitos são escritores de si e, portanto, estão no exercício de fantasiar sobre suas histórias de vida. Logo, o desejo de se escrever na literatura permite à exploração constante de um tempo passado, mas que ainda se desdobra no presente. Do mesmo modo, leva o escritor em devir a entender seu ritmo particular e a pensar sobre o ritmo daqueles que o afetaram de alguma forma, como também que ele aprenda a respeitar seus próprios limites (e amadureça isto).

Em ensaio sobre o gênero, Philippe Lejeune (2014) dialoga com outros autores para pensar a autobiografia como espaço de elucidação, não apenas para que a vida seja contada,

mas também para expressar os sentimentos e pensamentos de quem escreve. Um desses autores é o Vapereau, para quem o gênero não se esgota nas noções tradicionais de fatos, confissões e de verdade, mas também “abre um grande espaço à fantasia” (ibid., p. 63).

Em *Não conte para a mamãe* a narradora-personagem revisita seu passado, que é parte constituinte de si. Ao trazer o vivido quando criança para sua escrita, Toni Maguire possibilita seu (re)encontro consigo mesma, através da reconstrução de Antoinette, e da oportunidade de interpretar a si, além de restaurar um *Eu* silenciado há muito, e não apenas pelos outros, mas também por ela mesma. Isso repercute no cuidado de si através da escrita como um ato de reciprocidade consigo. Nesse caminho, é possível dialogar com o pesquisador e professor Bruno Abilio Galvão (2014), em *A ética em Michel Foucault: do cuidado de si à estética da existência*, quando ele comenta que o “retorno de si”, por ser como um processo no qual o sujeito está “fora de si” e retorna à sua subjetividade, de forma reflexiva, então, corresponde também na saída do estado de “descuido de si” – que, para o filósofo, “consiste em não nos ocuparmos com nós mesmos” (ibid., p. 159).

Assim, pensar o cuidado de si através da escrita é operar, conforme Foucault, pela negação ao esquecimento. Ao lermos a obra de Maguire percebemos que, por muito tempo, o esquecimento de si foi latente, ao ponto de a própria pessoa esquecer-se de que tinha esquecido. Retomar sua subjetividade pelo viés da memória e da rememoração não apenas trouxe este *eu* olvidado à tona, como também permitiu a exploração dele para, assim, explorar o próprio *eu* que escreve em tempo aiônico.

Retomando o artigo de Kohan (2010), apresentado no capítulo 3, reitera-se a perspectiva filosófica para pensar a infância, mais especificamente a morte dela, a partir da noção do esquecimento. Em como, por questões diversas, os indivíduos crescem e nesta medida vão se olvidando dos resquícios de seu passado – de ser criança –; infância essa, então, que desde seu nascimento já está vinculada à sua morte. Escrever sobre a infância, portanto, é um gesto encarado pelo filósofo com dimensão política. É um ato de resistência, pois, ao escrever, ele se coloca em devir-criança, acorda em si a própria infância e outras infâncias silenciadas. A potência do gesto é tamanha que o faz tremer só ao pensar em escrever sobre o tema. Esquecer a infância, logo, é um mal que infligimos a nós mesmos, mas não a esquecer nem sempre é convidativo e confortável. Pois, para ele, “O início e o fim se encontram na infância. Ainda que doa cada palavra [...] Dói também a quebra do silêncio e seu iminente retorno” (Kohan, 2010, p. 136).

Na obra, Maguire (2012, p. 18) narra o dia em que ela despertou em seu quarto sangrando em 1959. Assustada, sua mãe foi ao seu encontro e logo percebeu o que estava

acontecendo com a menina: após a cirurgia⁴⁶ de aborto, a filha de 14 anos estava morrendo. Quando o pai chegou depois e perguntou o porquê do barulho, a mulher apenas apontou para a jovem e disse que seria preciso chamar uma ambulância. No momento em que o socorro chegou e perguntam para qual hospital gostariam que a garota fosse levada, Ruth Maguire optou pelo mais distante, onde ela havia feito o procedimento cirúrgico. Daí em diante, a narradora comenta sobre o trajeto e o desespero dos enfermeiros, preocupados que ela fosse desfalecer a qualquer momento. Quando finalmente chegaram ao local, a enfermeira⁴⁷ questiona o motivo para a terem enviado para lá, considerando os riscos, mas Toni revela que sentira que as duas sabiam o motivo. A narradora, então, considera que a mãe a teria enviado para a morte, para aquela “que ela deve ter acreditado ser minha última viagem” (p. 228); ela não queria que a filha tivesse muitas chances de retornar para casa. No excerto a seguir, observa-se como passado e o presente se entremeiam de forma dolorosa no processo de rememoração:

[...] Sem querer aceitar o que sabia ser verdade, tranquei a lembrança numa caixa e nunca mais abri.

– Pare – gritei em silêncio na clínica, tentando calar o sussurro daquela criança. – Pare. Quero que a tampa dessa caixa fique fechada!

– Não, Toni, você tem que se lembrar de tudo – murmurou a voz suave, com firmeza, enquanto eu sentia estar sendo puxada entre dois mundos: o mundo em que Antoinette vivia e aquele que eu criara. Contra a minha vontade, o jogo de “pertencer a uma família feliz”, que eu herdara, estava sendo forçado a acabar.

A caixa ficou aberta, e eu vi mais uma vez a imagem de minha mãe parada ao lado do médico, diante da ambulância, enquanto minha maca era colocada lá dentro. (ibid., p. 228)

O esquecimento da infância, portanto, além de ser uma consequência das demandas do capitalismo, das opressões a que o sujeito está imposto dentro desse sistema enquanto cresce (como já dito em capítulo anterior), também pode ser um processo decorrente de eventos traumáticos vivenciados pelo indivíduo e das dificuldades que ele possui para lidar com eles na continuidade da vida. Ou melhor, no mundo neoliberal no qual vivemos, em que Estado e sociedade estão à serviço do mercado, dos interesses do poder econômico e os sujeitos cada vez mais são pressionados pelas urgências do trabalho e pelas necessidades financeiras vinculadas à sua sobrevivência, o esquecimento tornou-se um regime, pois não há tempo de se pensar sobre

⁴⁶ Embora o aborto fosse ilegal na Irlanda do Norte, ele foi concedido no julgamento sob a alegação de “instabilidade mental”. Na época, a enfermeira a olhava com desprezo e a julgava pelo acontecido. Além disso, a notícia se espalhou pela cidade.

⁴⁷ Foi a mesma profissional que cuidara dela da outra vez. Mas, desta vez, ela estava horrorizada em ver que a menina chegou tão perto da morte e se compadeceu. Com tristeza, revela que já não seria mais possível para a paciente engravidar novamente.

quem somos, o que fazemos e acerca daquilo que nos constitui. Afinal, os movimentos midiáticos, os costumes e a cultura local também são elementos que impulsionam e pressionam o sujeito a silenciar as dores sentidas e os traumas adquiridos quando criança, sobretudo quando eles recaem na esfera no tabu e questionam a estrutura dos poderes. Ademais, o sofrimento e a aflição decorrentes de eventos traumáticos levam, não raro, os indivíduos ao esquecimento (ainda que momentâneo) dessas memórias dolorosas, por isso romper o silêncio e retornar à infância se torna, nesta medida, desafiador.

No capítulo 24 do romance, o desconforto, o medo e a dor gerados pelas lembranças se fazem presentes. Treze dias após sua chegada à clínica onde a mãe estava internada, Toni reencontra o pai. Mas, pouco antes, ela conhece uma outra mulher que também estava como acompanhante de um paciente. Elas conversam e descobrem que ambas viveram na mesma cidade irlandesa, Coleraine, além de terem uma conhecida em comum, Maddy, prima de Paddy. É neste momento, então, que a narradora sente a presença do homem atrás dela, que pede licença e diz precisar falar com a filha.

Senti seus dedos segurando meu cotovelo. Ele me levou ao canto mais afastado de Jane, depois me soltou de modo abrupto. Olhei para seu rosto, para os olhos vermelhos, e vi que todos os traços do velho triste de dias atrás haviam desaparecido. No lugar dele estava o pai “repugnante” da minha infância. Não vi o homem que estava chegando aos oitenta anos, mas o homem de quarenta que fora preso. Os anos se foram, levando com eles minha identidade adulta, deixando em seu lugar a criança pequena e assustada que um dia eu havia sido.

Em meio a meu medo inato, ouvi sua voz ameaçadora:

– Não vá andar falando da gente por aí, minha menina. Não tem necessidade de ficar dizendo que você morou em Coleraine. Não vá falar em que escola estudou. Está me ouvindo, Antoinette?

A menina de seis anos que existia dentro de mim acenou com a cabeça e sussurrou:

– Sim.

Meu eu adulto sabia que o tempo de disfarces havia passado. O medo que meus pais tinham de serem reconhecidos, caso tivessem de deixar seu isolamento, tornara-se realidade. Que ironia, pensei, que isso tivesse ocorrido justamente pelo medo de morrer da minha mãe.

Lutei para controlar o medo e o ódio que vinham de minha infância, forçando a volta da máscara de Toni, a mulher de negócios bem-sucedida. Dei um olhar de desprezo a ele e me afastei. (ibid., p. 234-235).

Nesta passagem, nota-se que o agressor e os anos de violência sofridos ainda surtem efeito sobre a narradora. Seja como Antoinette, seja como Toni, seja quando as duas se tornam indiscerníveis uma na outra, o medo e o ódio são presentes. E, mesmo após os anos de prisão,

e décadas depois, o homem ainda se sente no controle sobre o corpo da filha. Mais do que isso: sob tom velado de ameaça e temor, a ordena a silenciar o passado.

Diante do exposto, conclui-se que o rompimento do silêncio, aqui tido como o ato de sair da zona de conforto a partir do relembrar, ocorre por intermédio de um exercício de devir-criança na obra. Ao devir-Antoinette, portanto, Maguire torna possível pensar a infância para além do centro, e, ao reescrevê-la, depara-se com sua liberdade, rompendo as amarras sociais. Logo, graças ao exercício de escrever sobre si no trânsito entre *Eus*, devindo seu outro, Maguire transformou sua história em literatura, confrontando o poder coercitivo dos pais. Quanto a este processo de “corporificação” através das palavras, Foucault (2004, p. 152) descreveu que:

[...] O papel da escrita é constituir, com tudo o que a leitura constituiu, um “corpo” [...]. E é preciso compreender esse corpo não como um corpo de doutrina, mas sim - segundo a metáfora da digestão, tão frequentemente evocada - como o próprio corpo daquele que, transcrevendo suas leituras, delas se apropriou e fez sua a verdade delas: a escrita transforma a coisa vista ou ouvida “em forças e em sangue” [...]. Ela se torna no próprio escritor um princípio de ação racional.

Não em vão, em estudo exploratório acerca da relação da literatura e da psicanálise, Lúcia Castello Branco e Ruth Silviano Brandão (1995) consideram a literatura como *corpo estranho da linguagem* – “Seja por dizer sempre as mesmas coisas com uma outra voz, seja por dizer outras coisas com uma mesma voz, seja por nada dizer, esse corpo estranho-familiar retorna e procura falar” (ibid., p.15). Sem perder em vista a impossibilidade de se falar sobre tudo e de se pensar as bordas e limites do corpo e da palavra (e, afinal, quais seriam esses?).

Uma vez posto o *corpo* como elemento de discussão, faz-se necessário falar sobre aquilo que o afeta a todo momento como possibilidade de urdir outro mapa para estudar a obra em questão.

6.1 SOBRE AFETOS E A POTÊNCIA DE AGIR EM SPINOZA

*Eles me disseram pra eu desistir
Depois me falaram pra eu concordar
Eles me roubaram o direito
De decidir o meu destino
Levaram embora a minha liberdade
Que crime foi esse que eu cometi?
[...]
E decidi
Tá na hora, tá na hora de questionar
Não vou fugir
Mais da minha essência, não vou me afastar
[...]*

Bom mesmo é achar que a gente só passa pelo que tem que passar
(PITTY, 2019)⁴⁸

Em *Ética*, Spinoza (2022) discute a natureza dos afetos e em como eles interagem conosco. Ele os divide em afetos alegres, aqueles que impulsionam o corpo positivamente e o coloca em atividade, e em afetos tristes, que o imobilizam e alienam; também fala em “desejo”, o qual pode ser despertado tanto pela impotência quanto pelo apetite interno da potência de agir. Neste âmbito, de acordo com a releitura freudiana feita por Lacan⁴⁹, sendo o trauma um tempo passado ainda presente, em que memórias e sentimentos são frequentemente (re)vivenciados, é possível pensar que o trauma estaria na condição unicamente de paralisia do corpo, por estar vinculado majoritariamente aos afetos tristes que impulsionam a mente de forma negativa, devido às repercussões que os eventos traumáticos podem provocar no traumatizado. Em *Não conte para a mãe*, contudo, é possível ir além e acompanhar não apenas os desdobramentos de sua narradora enquanto sujeito violado, negligenciado e subalternizado, que por muitos anos se encontrou em posição de definhamento; como também a ressignificação do trauma pela própria traumatizada, a qual impulsiona seu corpo através do exercício da escrita e pela busca de cura na literatura de si. Do apetite de viver e pela busca de um futuro que superasse sua realidade presente, a sobrevivente encontra na escrita: a possibilidade de (re)construir-se; a sua própria potência enquanto sujeito; e a força da palavra que afeta seu corpo positivamente e a retira do apagamento.

Não em vão, a instituição escolar que frequentava é mencionada em vários momentos ao decorrer do livro, ainda que a menina não seja bem recepcionada pelos colegas. Ela sonhava em estudar, entrar para faculdade e construir uma família sobre os pilares do cuidado e do amor, que já não eram encontrados em sua casa. Foi na escola, quando lhe solicitaram um trabalho sobre o *apartheid*, por exemplo, que a menina construiu comparações entre um fato e sua própria

⁴⁸ A escolha de trazer versos da música “Sol Quadrado”, composta por Pitty para o álbum *Matriz* (2019), foi motivada não apenas pela letra, mas também pela performance ao vivo da cantora em conjunto com sua banda e participação de Bayana System e Larissa Cruz, que pode ser apreciada no canal oficial do YouTube da cantora (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bObJK-8kL8c>. Acesso em 13 mar. 2023). Além de apresentar múltiplas possibilidades de interpretação, a canção performada com artistas negros e elementos musicais afros, em mistura com o rock nacional, foi escolhida para introduzir esta seção da dissertação, pois neste espaço há não apenas a menção ao *apartheid*, como também do reencontro consigo e da teoria dos três afetos de Spinoza, que serão discutidos ao longo do tópico. Assim, reconhece-se aqui que “Sol quadrado” pode servir poeticamente para representar a discussão abordada, em especial, sobre a potência de agir após anos de supressão da liberdade do sujeito em questão.

⁴⁹ Apresentada em estudo bibliográfico realizado por Marcelo Guzmán e Carla Derzi (2021), psicanalistas que tiveram o cuidado de (re)visitar muitas obras de Freud e Lacan em diferentes momentos, para analisar o trauma e seu tratamento, tal como as contribuições de ambos para a compreensão psicanalítica contemporânea.

realidade e, desse modo, nos ofereceu, a nós leitores, sua perspectiva acerca tanto da violência da qual era vítima quanto da escravização de pessoas negras.

À medida que eu lia, ficava cada vez mais indignada com a injustiça do apartheid, um sistema criado unicamente para beneficiar os brancos. Primeiro, declararam que a terra era deles. Depois, passaram a exercer controle sobre os habitantes de origem, restringindo sua liberdade de todas as formas, da liberdade de movimento até a liberdade que a educação pode trazer. Tais pensamentos e opiniões tornaram-se a base do meu trabalho de escola aos treze anos de idade.

Por que eu ficara tão fascinada por um país do qual, até então, eu conhecia tão pouco? Ao refletir agora, vejo que me identifiquei com as vítimas, devido ao controle que os europeus exerciam sobre elas. Reconheci ali a arrogância de homens que acreditavam fazer parte, a partir de sua mera existência, de uma raça superior. Eu havia entendido que os adultos também se achavam superiores às crianças. Também as controlavam, restringiam suas liberdades e a submetiam à sua vontade.

Para os negros africanos, assim como para mim, a comida no prato e o teto sobre a cabeça eram providos por pessoas que, por estarem em posição de poder, abusavam dele. No meu caso e em muitos dos casos entre eles, a crueldade era usada para nos fazer sentir desamparados, e o nosso desamparo fazia com que se sentissem superiores. (p. 189)

Observa-se ao longo da obra que a narradora-personagem não encontrou suporte externo para sua redenção por muito tempo. Se, quando jovem, encontrou conforto através da leitura de muitas histórias (ficcionalis ou não), adulta amparou-se na escrita e no resgate de si tanto pela tentativa de terapia em consultórios quanto pela literatura autobiográfica. Essa afirmação não se pretende reducionista, uma vez que a própria Maguire ressalta em seu livro que depois de conhecer o álcool e o cigarro, apoiou-se naqueles mecanismos para se manter de pé e apaziguar as dores físicas e emocionais que a atormentavam.

Acerca deste processo, é possível analisá-lo com base na perspectiva de Deleuze (1997) sobre as três éticas de Spinoza. Em texto breve, ele comenta sobre a teoria de seu antecessor e destaca a *variabilidade* como eixo importante para compreensão do assunto. Se um corpo pode ser afetado pelas sombras de outro corpo, ainda que em momento e condições similares, não necessariamente resulta em uma fórmula de resultado único. Pois até mesmo as afecções geradas num mesmo corpo não são estáticas: “o que é crescimento para uma parte do corpo pode ser diminuição para outra parte, o que é servidão de um é potência de outro, e uma ascensão pode ser seguida de uma queda e inversamente” (p. 180). Neste sentido, faz-se compreensível falar em “estados de corpo (afecções) e variações de potência (afectos) que remetem uns aos outros” (ibid.), dado que, ao mesmo que os entorpecentes amortizavam a autora, também serviram de muletas por longos anos. As práticas de leitura e de escrita, por sua vez, também operaram para projetar espaços de refúgio neste âmbito.

Para mais, em entrevista para a Childhood Brasil⁵⁰, ao ser perguntada sobre a dificuldade do processo de escrita, ela relata que foi muito mais difícil parar do que escrever. Também revela em seu site pessoal que: “*Writing about my experiences was hard emotionally, but in retrospect it has helped me deal with my past and realize that there is no shame in being the victim*”⁵¹. Em outras palavras, a própria autora reconheceu a potência do agir, de romper com o silêncio e dos efeitos positivos que isso trouxe para sua mente e seu corpo. Em especial, para (re)conhecer a violência vivida e os sentimentos que a acompanharam ao longo da infância: não se tratava mais de uma questão de vergonha; ao contrário do que seu pai pregava, não era culpa dela, pois era vítima e não cúmplice do ocorrido. Acrescenta-se a este raciocínio a proposição 53 de Spinoza (2022), em que lemos: “Quando a mente considera a si própria e sua potência de agir, ela se alegra, alegrando-se tanto mais quanto mais distante imagina a si própria e sua potência de agir”. (p. 133). Assim, a escrita a afetou e a pôs em movimento para descobrir possibilidades que haviam sido negadas pelos seus progenitores no passado. Foi a escrita que a levou a se compreender como um sujeito detentor de potência de agir, capaz de ditar seu próprio ritmo e ficcionalizar um amanhã; trouxe-lhe esperança de imaginar o que poderia para além do “não conte”; deu-lhe a possibilidade de promover a cura de si ao se transfigurar em texto escrito; em alguém a ser lido pelos demais, a partir das palavras que ela escolhera compartilhar.

Como dito anteriormente, Toni decidira falar sobre sua história apenas após o falecimento dos pais. Ainda assim, outros marcos precisam ser postos em pauta, dentre eles, a emergência dos movimentos feministas do século XX, os quais visavam não apenas combater o machismo, mas lutar pelos direitos das mulheres e pela busca de que elas pudessem ter seus espaços, histórias e corpos respeitados por todos. Neste âmbito, discussões sobre violência sexual contra mulheres também começaram a ganhar visibilidade em diversos campos, não apenas profissional. Desta maneira, ao publicar *Não conte para a mamãe* no início do século XXI, Toni Maguire já se encontrava em uma faixa temporal que lhe permitia uma melhor recepção do mercado editorial do que a dos tempos vividos na sua infância.

⁵⁰ Childhood Brasil. Escritora que foi vítima de abuso diz que é possível superar o drama. *Childhood* - pela proteção da infância, 26 nov. 2012. Acesso em: 13 mar. 2023.

⁵¹ “Escrever sobre minhas experiências foi emocionalmente difícil, mas em retrospecto me ajudou a lidar com meu passado e a reconhecer que não há vergonha em ser a vítima” (tradução nossa). Em: Maguire, Toni. *About*. Disponível em: <http://tonimaguire.co.uk/about/>. Acesso em: 13 mar. 2023.

6.2 UM “EU” A SER LIDO POR OUTROS

A partir do momento em que a obra é lançada, seja para ser lida por uma, duas, centenas ou milhares de pessoas, abre-se espaço para a recepção dos seus leitores. Dessa maneira, a narrativa do “Eu” é compartilhada com um público, o qual, de maneiras distintas, será afetado por ela. Tal como um preceito da física, no qual se estipula que cada ação possui uma reação, o público reage ao material lido (seja através de resenhas publicadas em revistas de crítica literária, seja através da publicação de conteúdo digital – tais como vídeos de indicação de leitura e imagens-texto –, seja através de discussões de leituras em grupos de estudos, seja através de cartas ou comentários direcionados à autora em suas redes sociais, seja através de conversas entre amigos ou, por que não, com estanhos etc.). Ainda é possível que o público reaja de maneira mais particular, quando o seu leitor se encontra sozinho e sente o livro ecoar dentro de si.

Dentre tantas possibilidades, reconhece-se aqui a possibilidade da construção de uma comunidade, da fabulação daquilo que falta: palavras as quais enveredem pela resistência, pela re(existência) e pelo reconhecimento de sobreviventes de violência sexual na infância. Nesta dinâmica, a construção de um espaço simbólico para a insurgência de uma subjetividade coletiva. Afinal, a leitura de *Não conte para a mamãe* torna possível o processo de *identificação* e o de *sentir* a dor do outro, visto que a literatura é este espaço no qual a afecção é possível, mesmo quando se fala em experiências que não necessariamente nos pertencem, mas, em alguma medida, podem nos habitar por serem compartilhadas conosco através da leitura e encontro com o outro.

Por fim, graças às editoras que o publicaram e aos seus leitores, o livro alcançou a categoria de *best-seller* na Inglaterra em 2007. Logo, a vida de Antoinette deixou de ser silenciada e apagada, pois Toni não apenas a recuperou como reinscreveu-a na história. Documentou-a de tal maneira na instituição literária que fora capaz de desvencilhar-se das ameaças paternas e de se tornar, além de vítima e sobrevivente de uma violência que ainda aflige milhões de crianças e jovens pelo mundo, testemunha. Por esta razão, reconhece-se importância dos estudos sobre literatura de testemunho para o desenvolvimento desta dissertação. Simbolicamente, é possível considerar a violência doméstica como uma guerra silenciosa que afeta números exorbitantes nas mais diversas culturas, de dimensões catastróficas, tal como propõe Azevedo, Guerra e Braun, mencionadas no capítulo anterior. As batalhas e atentados que constituem essa guerra são singulares. Tentar comparar as experiências, relativizando-as ou minimizando uma em detrimento de outra, ou mesmo

equiparar dores e transformá-las em “graus de sofrimento” de acordo com algum “termômetro” são também atos de violência. Afinal, conforme escreveu Seligmann-Silva, em texto sobre o testemunho diante de grandes catástrofes históricas, mas cujas discussões são relevantes para pensarmos o ponto de vista das pessoas vitimizadas:

Do ponto de vista das vítimas - e este ponto de vista é fundamental ao se estudar o testemunho [...] - toda catástrofe é única. Radicalizar esta singularidade, assim como condenar toda comparação entre os genocídios, por outro lado, pode gerar uma espécie de teologia negativa concentracionária, muito improdutiva e que apenas tende a reproduzir dois males: em primeiro lugar a própria situação do traumatizado na sua resistência à simbolização e, em segundo lugar, o discurso dos algozes que também visa estender um tabu sobre o discurso que recorde as atrocidades cometidas. (Seligmann-Silva, 2008, p. 73)

Contudo, ressalva-se que nem todos os sobreviventes se sentem à vontade para compartilhar suas experiências e as violências sofridas, mesmo sob anonimato. E mesmo para aqueles que se encontram em situações favoráveis ao pronunciamento, barreiras ainda podem emergir para mantê-los silenciados, conforme os relatos apresentados no capítulo anterior e nas experiências narradas por Maguire. Para Joël Candau (2011, p. 105)

E quando a transmissão é impossível, indizível, como imaginar que se possa ter um compartilhamento (de uma língua, de “convenções verbais”, de representações, de saberes e fazeres, de crenças, de comportamentos, de gestos ou posturas) capaz de fundar as representações de uma identidade coletiva? Sem essa mobilização da memória que é a transmissão, já não há nem socialização nem educação, e, ao mesmo tempo, se admitimos, como diz E. Leach, que a cultura é “uma tradição transmissível de comportamentos apreendidos”, toda identidade cultural se torna impossível.

Ainda assim, a tradição escrita é um aspecto cultural que permite o trânsito e a longevidade da memória nas duas vias: tanto para quem emite (o escritor) quanto para quem recebe (os leitores). Ainda segundo Candau (2011, p. 118), ela é capaz de gerar o sentimento de pertencimento de um grupo, pois “[...] transmitir uma memória e fazer viver, assim, uma identidade não consiste, portanto, em apenas legar algo, e sim uma maneira de estar no mundo”. Destarte, a escrita de si não é apenas um meio para cura de si, mas revela-se também como possibilidade de insurreição e de afirmação, tal como ocorreu com Toni Maguire, que, ao tempo que compartilhou sua memória, também erigiu outras possibilidades de existência, ou, como escreveu Deleuze (2019), construiu aquilo que falta: um “eu” capaz de representar tantos outros, sem perder em vista o descentramento. É também sobre transmitir vivências individuais e afetos que se referem a um coletivo (in)visível.

Para além do que foi apresentado até o momento, e considerando que durante todo o processo de pesquisa não se encontrou uma fortuna crítica sobre o livro, surgiu o interesse em saber como a obra tem afetado os seus leitores. Diante disto, plataformas digitais em que os usuários tenham ao seu alcance a possibilidade de catalogar, escrever e publicar suas impressões de leitura, a exemplo de Skoob (brasileira) e Goodreads (global), mostraram-se úteis para se ter uma noção do panorama geral acerca da recepção de *Não conte para a mamãe*. É válido dizer que nestes espaços os leitores são dos mais diversos, o que impacta nos níveis de resenhas dispostas no site, e permite o acesso à visão de pessoas para além do mundo acadêmico das Letras. Assim, há avaliações densas, em que os usuários se preocupam em abordar pontos variados com certo rigor crítico, como também há aqueles que são concisos e rasos em seus comentários, isto quando não se contentam em apenas designar uma certa nota numérica para a obra lida.

Dessa maneira, observou-se que parte das avaliações publicadas⁵² em ambas as plataformas ressalvam a profundidade da história de Maguire e elogiam a força dela para contá-la. Muitas reconhecem o potencial da obra de promover reflexão e empatia nos leitores, e em como a obra põe em pauta a importância de existir uma rede de apoio às vítimas de violência sexual. Não obstante, também destacam a gravidade do problema que atinge milhões, dentre os quais grande parte não é tratada com seriedade e cuidado devidos (alguns, inclusive, relatam terem sido abusados na infância e não terem tido coragem para denunciar sequer para as pessoas mais próximas). Além disso, as críticas positivas destacam como é relevante que a autobiografia evidencie que nem todas as histórias são como contos de fadas ou possuem finais felizes, dada a realidade apresentada.

Por outro lado, há também usuários que avaliaram o livro negativamente por considerarem a narrativa “angustiante”, “uma leitura difícil e pesada demais”; então, por acreditarem que ela não é apropriada para qualquer pessoa, não indicam que ela seja lida por todos. Encontram-se publicadas também relatos de leitores que decidiram pular algumas partes do livro para conseguirem concluir a leitura, em especial, as que narram as cenas de violência sexual praticadas pelo pai de Antoinette. Além disso, menos de 1% dos comentários no Goodreads demonstraram revolta com o posicionamento da autora em não buscar por vingança

⁵² No Skoob, 3.146 usuários manifestaram ter lido a obra. Destes, 2.376 ofereceram uma nota entre 1 e 5 estrelas, mas só 342 escolheram escrever resenhas sobre suas percepções de leitura na plataforma. No Goodreads, 12.195 avaliaram a obra com notas entre 1 e 5 estrelas, ao passo que apenas 1.410 publicaram comentários.

no final da narrativa, ao invés de, após tudo o que viveu, retornar para acompanhar a mãe adoecida.

Com isto em vista, notou-se que parte expressiva das resenhas disponibilizadas pelos leitores nestes sites consideram a obra potente, importante e necessária aos leitores, quer eles tenham ou não passado por situações similares à da escritora, ainda que cause revolta saber dos fatos compartilhados pela autora. Um número mínimo alegou que a obra é indigesta e não se sentiu confortável em encarar a realidade apresentada, mesmo ciente de que se trata de uma autobiografia e a história narrada seja uma representação da de muitas outras pessoas reais. Neste sentido, o “não saber lidar” ou o “não querer saber” com situações dolorosas aparecem como impedimento para que alguns usuários dessem prosseguimento à leitura, optando pelo seu abandono.

Diante do exposto, ressalta-se aqui que a existência de uma obra literária não implica que seja uma obrigatoriedade que ela deva ser lida por todos os leitores. Contudo, para aqueles que se disponham a conhecer a história pela visão de sobreviventes, a possibilidade de ler parte da realidade por outra ótica que não a contada pelos outros se demonstra, tal como defendido neste trabalho, de extremo valor. Não apenas por visibilizar o problema, como também por ser capaz de impulsionar os seus leitores a despertarem o interesse em saber mais sobre esse cenário da infância e de buscar por maneiras de combatê-lo; além de propiciar o fortalecimento de uma rede de apoio às vítimas e do encontro com outros que talvez tenham sofrido situações similares em silêncio.

6.3 O QUE VEM DEPOIS: VIOLÊNCIA, MEMÓRIA E TRAUMA

“Ora, a memória, com frequência, recusa calar-se. Imperativa, onipresente, invasora, excessiva, abusiva, é comum evocar que seu império se deve à inquietude dos indivíduos e dos grupos em busca de si mesmos”
(Candau, 2011, p. 125).

Quando a gravidez foi comprovada e o crime cometido à criança não era mais possível de ser mantido entre quatro paredes domiciliares, o silenciamento da violência foi rompido. Contudo, ainda que tenha decretado um fim a sua recorrência, não trouxe o conforto esperado pela sobrevivente. Em primeiro momento, consideram-na cúmplice do pai, seu agressor, acreditando que ela permitiu que aquela situação perdurasse por tantos anos, do contrário, ela teria encontrado uma forma de escapar (e então talvez poderia ser considerada como “vítima” pelos demais). Antoinette, assim, foi convertida no próprio horror e naquilo que deveria ser rechaçado e evitado pela sociedade. Essa situação remete-nos ao conceito de *transmissibilidade*

do tabu, de Freud (2013): ao entrar em contato com um tabu e supostamente violá-lo, o sujeito automaticamente é convertido em parte do tabu (como um processo de contaminação). Neste caso, ao ser vítima de violência sexual na infância, a criança passou a ser evitada pelas pessoas e foi convertida em um assunto proibido na sociedade ao seu entorno, pois ela própria agora se tornou algo que não é permitido pelas instituições de poder: o Estado, a Escola, a Igreja etc. Toni, ao falar sobre os tempos escolares, comentou que era como se outras crianças possuíssem uma “aversão instintiva” a ela.

No capítulo 24 da obra, quase duas semanas após sua chegada, Toni procura o padre da clínica. Conversando com ele, reconhece a rejeição sentida ao longo da vida. Também se questiona sobre o porquê de ela ter agido por muito tempo como se tivesse tido pais amorosos e se prestara a manter o mito familiar da mãe, mesmo adulta, percebendo que aquilo a impedia de se libertar. Confessa que embora tivesse o desejo de se reaproximar dos parentes paternos, eles a baniram de suas vidas, tornando-se apenas a família *dele* e não mais dela. Relembrar isso a faz refletir e perceber quão solitária ela era, pois mesmo para sua avó, ela já não era mais bem-vinda.

– O que senti foi mais profundo que solidão. Era um sentimento de ser estranha a todas as pessoas do mundo. Anos depois, quando ele foi a um casamento da família, dos quais havia muitos e eu nunca era convidada, não questionei. Aceitei o fato de que não me queriam. Nunca comentei nada sobre a injustiça que havia nisso. Eu sabia que eles haviam tomado uma decisão coletiva. Não tinha volta, pois expulsaram a mim do coração deles, e não a ele. Fui excluída até mesmo do funeral de minha avó. Um dia ela me amou, e eu a ela. Tudo isso foi tirado de mim pelos atos dele, não os meus. E minha mãe nunca falou disso. Ela simplesmente aceitou.

[...]

Até minha avó [materna], de quem eu fora tão próxima quando estava na Inglaterra, foi separada de mim pelos segredos da família. Não permitiram que ela soubesse por que eu saíra da escola e desistira dos planos de ir para a faculdade que um dia contara a ela com tanto entusiasmo. Só a vi mais algumas vezes antes de sua morte. (Maguire, 2012, p. 239-240)

Adiante, quase ao final do livro, não mais na presença do padre, Toni narra sua segunda tentativa de suicídio para o leitor. Aos 15 anos, na busca por amortecer a dor, ela misturou aspirinas com whisky, sentou-se em um banheiro público e se cortou com lâminas, perguntando-se quanto tempo demoraria para que fosse esvaziada. A decisão foi movida pela percepção de que ninguém jamais a amaria novamente, pois ela era a jovem que conhecia o sexo e que tinha engravidado do pai, sendo repelida pelos outros por isso. Quando acorda e é questionada pela enfermeira responsável e pelo padre do hospital, ela comenta:

[...] A realidade do que ocorreu após a descoberta do “nosso segredo” fora além do que eu pudera suportar. Não expliquei que sentia um formigamento da nuca, nem descrevi as sensações de queda e náusea que invadiam meu estômago toda vez que entrava numa loja e sentia o silêncio pesar. Eu sempre sabia que o burburinho das conversas que aumentavam no momento em que saía era sobre mim.

Aos poucos, passei a me ver pelo olhar dos outros, alguém a ser ignorada a ponto de acabar desaparecendo. Eu era uma pessoa tão contaminada que os outros temiam que o simples fato de reconhecer minha existência também os difamaria.

Eu não apenas não tinha nada, como não era nada. E, no entanto, ainda havia uma pequena faísca de orgulho que me impedia de falar sobre tais sentimentos. Nunca falei. Era quase como se eu esperasse que, ao não verbaliza-los, poderia fazer com que deixassem de existir. (Maguire, 2012, p. 278).

Evidencia-se, portanto, que a violência sexual na infância não consiste apenas em uma situação com dois lados (vítima-violentador), mas tripla: a comunidade também tem seu *mea culpa*. Destarte, a cultura do tabu e a aversão vinculada ao corpo-tabu são também parte dos motivos para que não seja possível dimensionar com exatidão o número de casos de violência, pois a própria organização da estrutura social (e não apenas quem as violentou) por si só já promove a coibição das vítimas. O estudioso Seligmann-Silva é bastante lúcido quando se refere a “resistência ao real” da nossa atual sociedade:

Se existe de um lado o negacionismo, como uma prática tradicional dos autores de crimes e sobretudo dos autores coletivos de crimes contra a humanidade, e, do outro lado, a tendência do sobrevivente e da vítima a querer se “esquecer” do seu passado traumático, podemos distinguir ainda uma terceira modalidade de resistência ao real que seria a marca de nossa atual sociedade caracterizada pela presença traumatizante da violência. (Seligmann-Silva, 2008, p. 78)

Quanto à Antoinette, acrescenta-se à condição traumática o rompimento com às expectativas e fantasias cultivadas pela criança, as quais ajudaram-na por muito tempo a preencher um mundo que faltava. Como já informado, ela sonhava com a possibilidade de futuro, de um dia voltar a ser amada pelos adultos e de constituir uma família que desejava para si; também de estudar numa faculdade e ter um emprego que precisasse do diploma, mas a realidade dos acontecimentos contrapôs todas suas esperanças e agravaram ainda mais seu sofrimento:

Eu não podia me forçar a abrir todas as feridas, a contar a eles todas as rejeições que eu sofrera, e como elas me fizeram sentir que eu não tinha valor algum e não era amada por ninguém. Ou a culpa que eu sentia porque a vida de minha estava em ruínas e eu sabia que ela me responsabilizava por isso. Tampouco falei do sonho que havia alimentado, de que, quando meu pai fosse descoberto, os adultos viriam me cercar de amor e cuidados. Não contei que sonhara com minha mãe me livrando dele e me levando a um lugar seguro. A realidade do que ocorreu após a descoberta do “nosso segredo” fora além do que eu pudera suportar [...]. (ibid., p. 278)

Após a violência vivenciada, a sobrevivente adquiriu um trauma que não apenas se converteu em sintomas corpóreos, mas também resvalaram em afetos tristes capazes não apenas de a paralisarem, como de a levarem a desistir de si, o que resultou em suas tentativas de suicídio e no seu autoabandono. O fato é que, além da violência sofrida e do tratamento recebido dos pais, o posicionamento da sociedade ao seu entorno, objetificando-a de tal maneira a ponto de descartá-la, levou a menina ao máximo do desespero. Diante do cenário, foi na experiência de escrever sobre si que Maguire ressignificou a violência, o trauma e a memória de maneira a reencontrar sua potência de agir e a escapar das tentativas dos outros de subalternizá-la. Entretanto, a exposição de sua vida também a colocou em posição de vulnerabilidade quanto à opinião pública em escala maior, um risco que ela se dispôs a enfrentar.

À medida em que o livro vai se aproximando do final⁵³, fica mais difícil separar Antoinette de Toni (porque quanto mais lembranças e mais memórias são apresentadas, maior é o reconhecimento que a narradora-personagem tem sobre si mesma). Embora Toni alegue ter sido finalmente capaz de deixar o fantasma de Antoinette descansar, é notável a presença dela para construção de seu *eu-adulto*. As “memórias de uma infância perdida” recuperaram, em certa medida, sua própria existência, já que ao mesmo tempo em que as violências vivenciadas a fizeram desenvolver o sentimento de perda da infância, conforme teoria aqui apresentada, notou-se o (re)encontro com ela e com um *eu* que não devem ser abandonados.

É importante evidenciar que a presença da memória nem sempre é positiva. O comportamento de tentar esquecer os eventos traumáticos é, de certa forma, também um mecanismo de defesa da mente para proteger o corpo de seus efeitos e dilacerações, pois nem sempre o ato de (re)lembrar pode ser feito sem se arriscar a ser transportado para (re)viver o momento separado de suas emoções e intensidades. Embora o sujeito possa aprender a lidar com o vivido, isso não impede que ele também possa vir a perder o controle de si parte das vezes. Assim, o esquecimento também tem sua importância, porque ele também permite que a condição humana possa seguir. Afinal, conforme defendido por Friederich Nietzsche (2003), sem o esquecimento a mente humana viveria sobrecarregada, dificultando a continuidade da vida.

⁵³ Totalizado em 307 páginas ordenadas em 30 capítulos e um epílogo.

6.4 (RE)ESCREVER A INFÂNCIA

“Eu escrevo como se fosse para salvar a vida de alguém. Provavelmente a minha própria vida. Viver é uma espécie de loucura que a morte faz. Vivam os mortos porque neles vivemos.”.

(LISPECTOR, Clarice, 2020)

Dada a possibilidade de considerar a palavra escrita como um elemento criativo, os estudiosos Idonézia Benetti e Walter Oliveira (2016), doutores em saúde pública, consideram-na também como um recurso terapêutico, tal como uma ferramenta de autoajuda. Sobretudo, quando a palavra falada não é mais tida como único caminho psicoterapêutico para o tratamento dos traumas adquiridos. Independente da modalidade, os autores reconhecem a importância da expressão, pois

[...] As emoções provocadas por conflitos e traumas não resolvidos, se não forem descarregadas através da expressão, permanecerão presas no corpo, ocasionando diversos problemas. Se as emoções forem liberadas através da expressão, sua força será dissipada, os sintomas atrelados poderão ser aliviados ou mesmo desaparecer, e impactos nocivos sobre a saúde poderão ser controlados ou neutralizados. Por isso algumas modalidades terapêuticas modernas enfatizam o valor da expressão de emoções reprimidas e o uso da catarse como ferramenta para a terapêutica. (ibid., p. 70)

Assim, o ato de escrever é capaz de prover melhorias na qualidade de vida do sujeito, ajudando-o no controle de níveis de estresse e de sintomas depressivos, conforme Smyth. Pennebaker e Arigo (2012), citados no artigo. É preciso dizer que não é levado em consideração neste processo a qualidade da escrita e o domínio da língua, mas sim a relação que o escritor possui com sua escrita e o efeito que ela opera nele. Curiosamente, Benetti e Oliveira (2016) mencionam que pesquisas sobre escrita traumática, como as feitas por Pennebaker e Chung (2011), analisam a presença maior de palavras relacionadas a emoções negativas do que positivas. Ainda assim e fazendo uma conexão com a teoria de Spinoza, no estudo aqui realizado, observou-se que a escrita do trauma, mesmo majoritariamente apresentando emoções negativas, torna possível transformar dores e angústias em movimentos do corpo, em potência de vida (e não unicamente desencadear a sua paralisia).

Ao escrever sobre o ato de narrar o trauma, Márcio Seligmann-Silva (2008) considera o testemunho como um movimento por si só terapêutico. Ao longo do caminho, o testemunho encontra obstáculos diversos, dentre eles: o negacionismo e as tentativas de apagamento que buscam manter uma história única (escrita pelo vencedor em situações de guerra). Esses obstáculos podem ser encarados como gestos de violências contínuas com os discursos dos sobreviventes. A crueldade, então, se mantém mesmo após a ocorrência dos eventos

potencialmente traumáticos, pois, como ressalta o autor ao mencionar Hélène Piralian (2000)⁵⁴, "Os algozes sempre procuram também apagar as marcas do seu crime" (Seligmann-Silva, 2008, p. 75). A literatura emerge, logo, como arquivo, um documento cultural que registra a memória, podendo servir como "arma" simbólica para quem escreve combater as opressões encontradas. Assim,

O trauma encontra na imaginação um meio para sua narração. A literatura é chamada diante do trauma para prestar-lhe serviço. *Et pour cause*, se dermos uma pequena olhada sobre a história da literatura e das artes veremos que os serviços que elas têm prestado à humanidade e seus complexos traumáticos não é desprezível. (Seligmann-Silva, 2008, p. 70)

Para mais, é ao escrever sobre sua infância que Toni Maguire busca encontrar sentidos para os eventos do passado. Ao se (re)encontrar com Antoinette, seja através de seu retorno à casa de sapê, seja em tempo recente – na clínica onde estava internada sua velha mãe – quando a adulta capturou uma visão de si menina, outros ângulos são oferecidos aos acontecimentos vividos: reconhece-se, por exemplo, que o pai não foi o único a vitimá-la, pois a negação e a repressão da mãe levaram-na a negligenciar a própria filha, além de torturar a criança emocional e psicologicamente, ao invés de protegê-la. No livro, não há nenhuma passagem que remeta a um confronto com a figura materna (tanto envolvendo Antoinette quanto Toni, que sempre se submetem à vontade de Ruth, ainda que isso significasse trair a si própria). O abismo entre as duas, instaurado quando a menina contava 6 anos de idade, permaneceu até o fim. Nem mesmo em seus últimos instantes de vida, internada em estágio terminal, Ruth Maguire foi capaz de oferecer alguma palavra de conforto, de arrependimento ou de reconhecimento que sequer respingasse no tabu da família. Foi em *Não conte para a mamãe* que a ressignificação do trauma e da compreensão do passado se revelaram para a sobrevivente. Assim,

Ao refletir sobre o desenrolar destes fatos, os processos psicológicos que envolvem a compreensão podem potencializar significativamente o processo de autoconhecimento. E, de repente, as coisas podem tornar-se mais claras: padrões de comportamento podem ser mais bem observados e explicações diversas podem emergir. (Benetti; Oliveira, 2016, p. 71)

Com o autoconhecimento, também emerge o sentimento de alívio, pois a escrita muitas vezes apresenta caráter libertador. Além da expressão de si, é através dela que o sujeito pode se ler e compreender-se como até então não conseguia. No que consta a escrita autobiográfica,

⁵⁴ Indica-se que a menção a autora é feita para se pensar o genocídio e em como a escrita pode operar contra as forças do negacionismo. Vide: Piralian, Hélène. *Genocídio y transmisión*. México/Buenos Aires: Fondo de Cultura, 2000.

portanto, infere-se envolver o passado de tal maneira que é possível visitar “outros tempos e lugares, onde as coisas eram feitas de forma diferente; um tempo e um lugar sem retorno de concretude” (ibid., 71).

A autobiografia implica, portanto, uma série de desafios íntimos, éticos e artísticos, que nem sempre são enfrentados ou feitos superficialmente. Porém, quando é feito de maneira profunda, envolve ou deve sempre implicar a revelação de uma verdade desconhecida, oculta, nunca dita antes. Portanto, buscar essa verdade no passado íntimo, privado ou coletivo, e revelá-la com lucidez e qualidade literária constituem os desafios fundamentais do gênero. (Alberca; Marinho; Costa, 2020, p. 10).

Diante do exposto, o gênero autobiográfico proporciona, através da palavra, visibilizar o invisível. Por intermédio da linguagem, concede-se a possibilidade da cura de si, embora esse não seja um caminho a qual todas as pessoas necessariamente tenham propensão, pois, de acordo com Benett e Oliveira (2016), há aqueles que consideram a escrita uma exposição a qual não conseguem se adequar por se sentirem embaraçadas, assustadas ou, até mesmo, perturbadas com esse encontro. Reitera-se, pois, que a escrita de si é uma possibilidade de caminho para os traumatizados como forma de autocuidado, mas não é a única opção. Nesse caminho, recusa-se qualquer possibilidade de totalização, visto que escrever revisitando o passado é estar vulnerável a se (re)encontrar com dores, feridas e angústias que foram deixadas de lado por muito tempo. Além do mais,

Inimigo da memória, o esquecimento, “segredo inquietante da lembrança”, por vezes objeto de medo e tentação, impõe-se sempre sobre as lembranças. Se “nossa mente é porosa para o esquecimento”, é sem dúvida porque encontra ali um abrigo, pois o esquecimento, tranquilizador como o vinho de Helena, pode acalmar a dor [...], e, de outro lado, porque sem o esquecimento, nossas lembranças não teriam nenhum alívio. A memória esquecida, por consequência, não é sempre um campo de ruínas, pois ela pode ser um canteiro de obras. O esquecimento não é sempre uma fragilidade da memória, um fracasso da restituição do passado. Ele pode ser o êxito de uma censura indispensável à estabilidade e à coerência da representação que um indivíduo ou os membros de um grupo fazem de si próprios. (Candau, 2011, p. 127)

Aos quase 80 anos de idade, Maguire segue escrevendo⁵⁵ sobre infâncias sexualmente vitimizadas. Logo, considera-se que, ao escrever e publicar, a autora continuamente atesta sua existência e a de tantos outros, de uma comunidade que compartilha entre si traumas decorrentes de violências sofridas na infância, após ela própria ter se silenciado e de ter sido

⁵⁵ Em abril de 2023, ela publicou seu mais recente romance sobre o tema, “Why, Daddy”. Além disso, uma segunda autobiografia foi publicada em 2007, “When daddy comes home”, mas nenhum anúncio foi feito até então de que essas e outras obras da autora viriam para o território brasileiro.

silenciada pelos outros por tanto tempo. Ao (re)escrever sua infância e suas memórias, ela renasce, pois se liberta do regime do esquecimento e da morte que ele decreta.

Algumas diferenciações precisam ser feitas para evitar possíveis confusões: a escrita de si é um processo subjetivo que abrange diferentes formatos de expressão através da linguagem, sem necessariamente se apresentar como diários, por exemplo. Foucault (2004) explora o conceito para pensar as práticas de subjetivação e o processo de autorreflexão vinculados a ela, como um meio para que os indivíduos possam refletir e moldar suas identidades e comportamentos através da escrita, e em como este processo se vincula à noção de ser uma prática que permita a quem escreve produzir verdade sobre si. A autobiografia, por sua vez, costuma focalizar na vida do autor, nos seus sentimentos e pensamentos, e em eventos que tenham sido significativos para ele (no caso aqui estudado, a configuração é através de uma narrativa estruturada seguindo um fluxo de tempo próprio). Conforme Lejeune (2014), há um pacto autobiográfico entre o escritor, o texto e o leitor, em que se aceite que o texto apresentado é uma representação do autor, sem obrigatoriamente dar conta de seu todo. Assim, compreende-se neste trabalho que a autobiografia é uma possibilidade para a escritora explorar a escrita de si de maneira individual.

Quanto à compreensão da literatura de testemunho, o professor e pesquisador Jaime Ginzburg (2022) alega que não há um consenso nos estudos literários brasileiros sobre o assunto. Ainda assim, há um ponto comum entre os estudiosos da área: a escrita não aparece como “arte pela arte”, ao invés disso, tenta aliar o ético com o estético. Seligmann-Silva (2003), por sua vez, comenta que escrever a partir da perspectiva de sobrevivente em cenários de violências que atingem um coletivo é trazer a memória dos que não sobreviveram à tona, oferecendo-lhes um túmulo a partir da memória. Não que a história contada pelo testemunho seja capaz de dar conta do todo, pois ao mesmo em que se há o desejo de narrar o vivido, também há a dificuldade de lidar com o indizível e com as incompreensões vinculadas ao trauma. Fato é: a literatura de testemunho permite que se desconstrua a história oficial.

Com isto em vista, embora ambos pesquisadores ressalvem a importância de se diferenciar a autobiografia da literatura de testemunho, isto é, uma experiência particular de uma subjetividade coletiva, diante do cenário apresentado e do alcance de *Não conte para a mãe*, do trabalho contínuo da autora em dar voz não apenas para si como também para as vítimas de violência sexual na infância (como já dito, uma guerra simbólica e, muitas vezes,

silenciosa, por acontecer às escondidas), notou-se no presente estudo que a experiência individual de Toni Maguire tem o potencial de oferecer memória a um coletivo de excluídos da história contada pelos outros. Em especial, porque reconhece-se aqui o poder que esta obra possui em visibilizar não só outros sobreviventes, como também as vítimas que não resistiram aos eventos traumáticos e seus danos, ainda que não os mencione na narrativa. Afinal, a obra repercute em seus leitores, os quais são cientes de que a vivência da autora não é uma ocorrência isolada, mesmo que não tenham ciência dos números totais.

Trata-se, portanto, de uma autobiografia capaz de romper com o silêncio posto sobre as vítimas, ao mesmo que, a partir da experiência individual, testemunha uma guerra simbólica que violenta milhões. Além disso, que permite a escritora perlaborar e a compreender a si própria.

6.5 “OS VAGA-LUMES DESAPARECERAM TODOS OU ELES SOBREVIVEM APESAR DE TUDO⁵⁶?

De acordo com Georges Didi-Huberman (2011), nos contextos de guerra, de repressão, os subalternizados podem operar como “vaga-lumes”. Esses pequeninos animais utilizam a emissão de seus feixes de luzes para sobreviver. Através da ação, eles podem se comunicar com seus semelhantes. É válido dizer que as luzes emitidas são de intensidades e padrões de repetição diferentes, a depender das informações que eles desejam passar aos demais, desde informar sobre a presença de alimento ou de abrigo, até para acasalar e se reproduzirem. Então, ainda que estejam sob o risco de extinção, os vagalumes resistem, e é a partir desta compreensão que o autor desenvolve sua teoria.

A imagem dos vaga-lumes pode ser utilizada também aqui para se pensar sobre as vítimas e sobreviventes de violência sexual, pois, como já dito, elas estão em um contexto semelhante ao de guerra. Além disso, tanto na pesquisa de Smith, Dogaru e Ellis (2015) quanto em *Não conte para a mamãe*, são notáveis diferentes modos de (re)existência dos corpos violentados, os quais encontraram no poder da palavra a possibilidade de se reconstruírem e se conectarem com outros que tenham passado por situações similares, por exemplo.

Ainda assim, quando se põe em pauta crianças violentadas, não são poucos os questionamentos que nós adultos podemos fazer: afinal, como representá-las na literatura de

⁵⁶ O questionamento apresentado no título deste subtópico refere-se a uma passagem presente no livro “Sobrevivência dos vaga-lumes”, de Didi-Huberman (2011). Em específico, quando ele apresenta o segundo capítulo, “Sobrevivências”.

maneira digna? Qual o espaço simbólico que esses corpos ocupam nas publicações direcionadas ao público infantil? Como ainda é possível que se apresente resistência de parte dos autores e editoras em visibilizar o tema, apesar de esses corpos negligenciados não serem exceção, mas parte da realidade de milhões? É possível refletir sobre estes questionamentos, a partir de Santos (2017), quando ela expõe que as adaptações pelas quais os contos de fadas passaram ao longo dos séculos, em que cenas de violência extrema (dentre outras) foram suprimidas, ainda influenciam em alguma medida a produção contemporânea de literatura infantojuvenil. Assim,

Nota-se [...] que o caráter especificamente pedagógico da literatura infantojuvenil foi gestado por um desejo formativo, disciplinador. É justamente por conta disso que assuntos como morte, discriminação, violência, sexualidade, preconceito, entre muitos outros, até bem pouco tempo atrás, estiveram silenciados na produção literária para “menores”, uma vez que seus produtores, editores, pais e instituições optaram por lhes representar um mundo quase sempre homogêneo, ordenado, igualitário, como uma desejada projeção de um microcosmo familiar. As escolhas dos temas obedeciam – e, em muitos casos, ainda obedecem – ao conceito que se tinha (ou que ainda se tem) de infância e de adolescência na época e, sobretudo, ao tipo de sujeito que se pretendia (pretende) formar. (Santos, 2017, p. 97)

É preciso considerar ainda que, quando as esferas de poder mascaram determinados cenários, os cotidianos de muitos jovens podem se tornar invisíveis para o resto da população, mas não impedem que eles continuem a existir. Desta maneira, as tentativas de silenciamento resultam, intencionalmente ou não, no esquecimento da população geral de que o crime acontece com frequência assustadora e corroboram para que ele não seja combatido como se deve. Este esquecimento, por sua vez, provoca a morte simbólica de infâncias vitimizadas, as quais rompem com o modelo idealizado, conforme já discutido em seções anteriores deste trabalho.

Além disso, não apenas o apagamento é um desafio a ser enfrentado, como também a forma de abordar o assunto em questão. Como já dito, boa parte das pesquisas voltadas à violência sexual na infância se atém a dados estatísticos e nem sempre levam em consideração as vivências e particularidades dos sobreviventes – o trabalho de Smith, Dogaru e Ellis, por sua vez, mostra como é possível romper com esse padrão de estudo, sem precisar retirar os indivíduos do anonimato. Diante de culturas que tentam extinguir a visibilidade desses corpos, então, como não pensar que esses “vaga-lumes” sobrevivem *apesar* de tudo? *Apesar* do trauma vivido e que provavelmente os acompanhará ao longo de suas vidas? *Apesar* de todos os afetos tristes que afligem seus corpos negativamente? *Apesar* de todas as opressões a que podem estar vulneráveis, mesmo após o fim da situação de vitimização?

Dito isto, é preciso reiterar que o corpo vitimizado vive em constante estado de rememoração daquilo que o perturba, o suficiente para que o passado se torne presente. Sendo assim, “A memória está coberta com uma escrita cultural, inscrita no corpo de forma direta e inextinguível” (Assmann, 2011, p. 261). Isto posto, em *Não conte para a mamãe*, não foram poucos os “feixes de luz” emitidos por Antoinette. Sob a identidade “Toni”, a partir da escrita com base na sua própria experiência de vida, foi exposto um contexto no qual as representações costumeiras de família e de infância não são cabíveis.

Ao comentar em seu site e em entrevistas sobre a recepção de seu livro, Maguire tensionou ainda mais essa discussão, mesmo que indiretamente, pois mostrou que os rompimentos evidenciados em sua narrativa funcionaram como um elo construído com parte de seus leitores: suas palavras não necessariamente representam as dores e o cenário do trauma, mas servem como agente de terapia e, em alguma medida, oferecem acolhimento, conforto e alívio tanto para quem escreve quanto para quem as lê – na perspectiva deleuziana, a literatura como um empreendimento de saúde para a vida. Diante disto, reconhece-se a potência e a coragem da autora em escrever sobre si, sobretudo após ter sido diagnosticada com depressão profunda desde jovem e dos eventos potencialmente traumáticos vividos que a afeta(ra)m.

O ato de escrever a partir da experiência, então, pode ser visto como uma possibilidade de, conforme a Profa. Dra. Suzane Costa⁵⁷, “pensar a resistência como protagonista”. Logo, os corpos vitimizados podem operar como vagalumes em sua busca por não mais ocuparem apenas a posição de vítimas, de subalternizadas e, por que não, de corpos-tabu, mas também de sobreviventes. Afinal, os vagalumes ainda brilham, ainda resistem, mas o problema está na visibilidade que (não) recebem, no silenciamento do qual estão costumeiramente reféns e que resultam, junto com o trauma, em sequelas de ordens variadas. Então, parece condizente adotar a metáfora dos “vaga-lumes” para expandir o assunto da autobiografia como espaço de descentramento de representações totalitárias. Sobretudo, porque o não falar dificulta até mesmo a busca pessoal por ajuda psicológica e leva à procura arriscada por entorpecentes para o sofrimento (e de outras maneiras para lidar com os eventos potencialmente traumáticos ao longo da vida, podendo chegar até mesmo à tentativa de suicídio).

É importante ter-se em vista ainda que, caso se leve em consideração o problema atual de poluição luminosa nas cidades e em como ela nos impede de ver os vagalumes, há aqui uma metáfora potente para encarar o cenário de vitimização e o silenciamento da violência sofrida pelas vítimas. Afinal, ao mesmo tempo em que essa “poluição” impede muitas pessoas de

⁵⁷ Em seminário apresentado para a disciplina de Seminários Avançados II, do PPGLit-Cult (UFBA), no semestre de 2021.2.

enxergarem a ocorrência do crime em questão, ela também encobre aqueles que o cometem, permitindo saírem impunes pelos seus atos. Portanto, é conivente aos violentadores que exista o ofuscamento dos vaga-lumes e que ainda se cultive uma noção totalizadora de família, onde os adultos governam sobre as crianças, pois assim se mantém uma cultura na qual é possível que os casos de vitimização da infância sejam frequentes, tal como da manutenção de cenários onde operam as síndromes de pequeno poder.

Por fim, a literatura autobiográfica, enquanto documento de memória cultural, pode funcionar como elemento transgressor desse silenciamento, “sob a forma de uma representação do vívido” (Souza, 2007), tal como de resistência para o sujeito silenciado. Ela pode ser encarada como um espaço no qual os vagalumes podem brilhar e receber visibilidade. Afinal, como observado por Eneida Maria de Souza (2007), é no espaço autobiográfico que a vida pode ser vista como texto, permitindo o exercício da crítica biográfica e, portanto, o estabelecimento de um “diálogo entre a teoria literária, a crítica cultural e a literatura comparada, ressaltando o poder ficcional da teoria e a força teórica inserida em toda ficção” (ibid., p. 114). Desta maneira, tal como Didi-Huberman analisa no contexto de segunda guerra, os corpos vitimizados são reféns e encontram na escrita de si, na autobiografia, espaço para ir além, resistirem e se reconstruírem. Neste processo: encontrarem saúde e cuidarem de si.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de uma obra tão sensível e que põe em pauta o incesto a partir da voz de quem o sofreu, em muitos momentos ao longo destes três anos de pesquisa, deparei-me com a paralisia do meu próprio corpo. Fez-se necessário não poucas vezes o afastamento temporário do objeto e do texto que aqui se escrevia, a fim de que fosse possível retornar para o trabalho. De início, esta dissertação apresentava um outro formato: ela seguia os parâmetros usuais acadêmicos e pretendia corresponder ao projeto de pesquisa construído no primeiro ano do mestrado. Contudo, encontrou seu limite logo nas primeiras vinte páginas, quando me deparei com um impasse, cuja solução cabível parecia ser apenas o ato de iniciar em um novo documento em branco. Em um formato que não se busca-se responder perguntas premeditadas e a construir capítulos referentes a objetivos específicos pré-definidos, vertentes que eu já havia adotado durante a graduação, mas que aqui não aparentavam ser o caminho correto. Desta maneira, era preciso ir além e pôr em prática uma das teorias das quais não consegui me desvencilhar e, a partir daquele momento, devir-algo se tornou uma necessidade. Assim, ao decorrer do processo, a partir da (re)leitura constante de *Não conte para a mamãe*, dos estudos da teoria de si e de diferentes noções de infância, este trabalho ganhou corpo, sendo ele mesmo uma experiência literária-acadêmica que tanto me impulsionou a explorar minha potência de agir, como também, não poucas vezes, emudeceu-me por semanas.

Exponho, então, que a possibilidade de tensionar a jornada de Antoinette e o seu relacionamento com Toni não era possível caso eu buscasse o distanciamento entre nossas experiências de vida. Era preciso que eu também estivesse em devir-criança, em devir-mulher, dentre outros, para compreender nossas jornadas durante este período. Portanto, era imprescindível que a pesquisadora se permitisse ser afetada pela pesquisa e, a partir deste relacionamento, aventurasse-se no desconhecido para fabular aquilo que faltava. Em vista disto, adotar uma metodologia de estudo cartográfico, em que os capítulos eram urdidos a partir dos meus próprios incômodos, dos delas e dos desafios a que o livro me inseria continuamente, demonstrou-se ser mais proveitoso para os estudos aqui postos. Os momentos em que foram adotadas a primeira pessoa para escrever este trabalho, por sua vez, não foram descuidos de revisão e sim resultados de episódios dos quais era inconcebível não evidenciar o meu eu em constante devir. Até mesmo porque considero que a escrita desta dissertação é, ainda que não evidente a todos os leitores, também a escrita de mim enquanto um sujeito das letras, da literatura e da pesquisa acadêmica; de alguém que rejeita silenciar a infância, embora não fale detalhadamente sobre ela.

Quase ao fim da aventura, a inquietação provocada em mim pela decisão de Antoinette de abandonar a literatura infantil, pelos motivos já apresentados, ainda se mantém. Desejo finalizar o trabalho, mas sinto-me ainda em débito. Por isto, dentre tantas outras razões, as quais reservo-me a liberdade de não elucidar, a citação de Emmi Itäranta foi escolhida para a epígrafe inicial deste trabalho.

O fato é que até mesmo a literatura a que Antoinette tinha direito a negligenciou. Isso se explica porque, conforme já exposto, o gênero por muito tempo foi utilizado como instrumento de ensino e de transmissão moral a fim de formar futuros adultos. Por isso, personagens que não correspondessem aos valores sociais do bom comportamento eram castigados, ao passo que aqueles considerados de bom coração podiam ter a chance de superar as dificuldades e ser recompensados com o final feliz. Nessa linha de pensamento, consistindo a literatura, para muitos, ao mesmo tempo modelo e espelho da sociedade e sendo Antoinette a menina que conhecia o sexo, o sofrimento e a solidão (elementos marcantes de sua trajetória), expõe-se a fragilidade de um sistema literário higienizado.

Assim, rasurar representações literárias e sociais de infância e de família, com base na autobiografia e em estudos estatísticos e históricos, mostrou-se útil à discussão aqui empreendida, uma vez que evidenciou como concepções utópicas tornam permissíveis não apenas o silenciamento da situação de violência doméstica, mas também propiciam que a violência ocorra em lares diversos, nos quais a figura do agressor é mais bem protegida do que a da criança vitimizada. Este trabalho, então, é também de cunho político, pois escancarar os limites desta cultura, engendrada no modelo de família amorosa e que zela por seus membros, é um ato de resistência frente aos costumes e crenças adotados em determinadas narrativas, as quais buscam retratar a infância enclausurada numa imagem (quase sempre) ilusória.

Diante disto, houve a necessidade de se pensar além: de se estudar outros conceitos para se conceber a multiplicidade posta e de se falar em infâncias no plural. A possibilidade de Maguire de resgatar as memórias referentes aos seus primeiros quinze anos de vida se entrelaçou com a perspectiva de negar o esquecimento e libertar um corpo vitimizado do silenciamento submetido a ele não só pelo exterior, como também por ela própria. Foi a partir do ato de escrever sobre si que ela descobriu como (re)lembrar, (re)pensar, (re)escrever, (re)imaginar, (re)interpretar e (re)ler sua história de vida a ajudou a compreender-se e a não mais encarar Antoinette como um *eu* que apenas lhe causava dor, porque foi a partir das intimidades de (re)visitar a infância vivida que as duas se abraçaram: encontraram conforto, ao fim da autobiografia, por finalmente terem conseguido fazer com que Toni não abandonasse

parte de si e passasse a compreender, a partir do tempo aiônico, como as coisas aconteceram e em como elas impactaram sua construção enquanto sujeito.

Assim, os eventos traumáticos, os quais por muito tempo foram responsáveis pela paralisia do corpo da narradora-autora-personagem, sob a escrita de si, puderam ser ressignificados e colocaram-na em movimento. No ato de escrever sobre si, Maguire flertou com a potência de pesquisar ela própria, a partir da imaginação, e urdiu uma aventura que a fez perceber as ilusões que ainda mantinha depois de adulta sobre seu passado.

Observou-se, portanto, que escrever sobre si através da autobiografia funcionou como caminho para (re)encontrar um *eu* que não se esgota tão somente nas noções de tabu e violência, mas que existe para além de marcadores limitantes. Contudo, é preciso ressaltar que, no caso de Toni Maguire, essa situação se tornou viável quando legalmente ela não ocupava mais a posição de menor de idade. Uma vez adulta, o seu direito à fala pode ser acessado através da escrita com menos dificuldades do que quando criança (o que não significa que ainda assim tenha sido fácil). Fato é que as revelações e denúncias de seu eu-adulto foram mais bem recepcionadas pelos demais, do que quando feitas quando era criança. Também não se deve perder em vista que a primeira vez na qual a obra foi publicada, em 2007, no Reino Unido, já se apresentava um distanciamento considerável da década de 50, quando os movimentos feministas, por exemplo, ainda não haviam se consolidado e o empoderamento feminino não tinha a visibilidade que tem hoje.

A importância de re(viver) “as memórias de uma infância perdida” através da escrita auxiliou Toni a desconstruir o imaginário sobre sua mãe, a quem nunca confrontou em vida. Também a fez encontrar espaço para contar sua verdade, que desistira de falar com os psiquiatras na época em que a revelação do segredo aconteceu. Não por falta de vontade de ser ouvida, mas porque a crueldade de seus “ouvintes” era quase insuportável. De acordo com ela, eles não tinham interesse em compreendê-la; achavam que ela precisava admitir que os atos a que fora submetida pelo pai lhe davam prazer e, por isso, “ela nunca procurara ajuda”, porque para eles ela não era apenas *vítima*, mas também *cúmplice* e ignorar isso nunca a faria melhorar. Já adulta, ao escrever sua história e ser publicada, a obra se tornou um *best-seller* britânico e alcançou uma dimensão que Antoinette jamais seria capaz de imaginar: ela não apenas se reinscreveria na história, como deixaria de ser ignorada e rejeitada numa escala internacional.

Para mais, defende-se nesta dissertação que as pessoas vitimizadas sexualmente constituem uma comunidade testemunha da violência vivenciada, similar ao processo que ocorre com as vítimas de guerras armadas. Pensa-se aqui que a violência sexual na infância funciona de maneira semelhante, pois trata-se de uma guerra, sem perspectiva de fim, onde suas

batalhas são travadas no silêncio e aproxima as vítimas da morte não apenas na perspectiva física, mas emocional, metafórica e psicológica. As forças que as oprimem, por seu turno, buscam silenciá-las e negá-las para que sejam capazes de permanecer no poder e no controle de seus corpos. Assim, a literatura, o direito à imaginação e a escrita de si serviram à autora como ferramentas de auxílio a atestar sua existência e a visibilizar contextos infantis rechaçados por modelos adultocêntricos de família, criança e infância que não frequentemente são representados em livros para os mais jovens, mas que também não são postos em pauta entre os adultos com regularidade.

Desta maneira, acredita-se que há ainda a necessidade de se estudar obras que abordem violência sexual na infância, sobretudo, dentro do contexto da literatura infantojuvenil. Aqui, adotou-se uma autobiografia que evidencia o problema a partir da perspectiva de uma sobrevivente como objeto de pesquisa, mas há outros caminhos que podem ser seguidos, como o de inventariar obras que abordem o assunto por outros vieses e de observar como ele é tratado e em como se apresenta quando o público-alvo são crianças e adolescentes, por exemplo. Além do mais, em como e se é possível pensar uma escrita de si produzida por autores que ainda habitam o tempo cronológico da infância. Há livros publicados neste âmbito? Há diários acessíveis para serem analisados? Não seria o incentivo à escrita de si desde a época de escola uma alternativa ao sujeito de se compreender melhor e encontrar saúde, conforto e cuidado consigo a partir da literatura desde muito novo?

A resignificação do trauma e do passado, sob o exercício de devir, levou Maguire a encontrar na escrita não apenas a possibilidade de ser vista, mas também de se reunir com seu outro *eu* e com sua própria potencialidade enquanto sujeito. De construir-se pela e na linguagem, enquanto tornou possível o processo de autorreflexão e de fabulação de um amanhã. É também sobre se cuidar e encontrar conforto durante o processo, ocupando-se consigo, logo, saindo do estado de descuido de si; além de finalmente pôr Antoinette (a quem chama de fantasma da infância) para descansar e interromper o ciclo de castigo a que ela estava decretada desde os seis anos de idade, quando tudo começou. Por fim, o “*não conte para a mamãe, minha menina*” deixou de ter poder sobre ela e, a partir da escrita de si, a liberdade e a oportunidade de cura se tornaram tangíveis em sua vida por ter sido capaz de descobrir sua idiorritmia e aprender a respeitá-la.

Esta dissertação, enfim, é também a materialização de um sonho: de permitir que as crianças também falem por si não apenas sobre cenários de felicidade e conforto, mas que possam denunciar e ter direito à voz para combater quem as violenta. Em *Alice no País das Maravilhas*, por sua vez, a história narrada se encerra com o episódio do julgamento, em que a

menina enfrenta a autoritarismo dos governantes. A Rainha Vermelha, famosa por sua fala “Cortem-lhe a cabeça!”, exige que a sentença seja dada antes do veredito, ao que a protagonista se nega em aceitar e muito menos a calar-se perante a tirania. Em seguida, é ao ser retaliada pelas demais cartas do baralho que Alice finalmente desperta, reencontrando-se deitada na ribanceira com a cabeça no colo da irmã, que concomitantemente ao acontecido a manda acordar. Embora tenha sido forçada a retornar à superfície, ela não se despede das experiências oníricas vivenciadas, contando-as uma por uma à Dinah.

O livro então finaliza elucidando brevemente acerca da repercussão das aventuras da menina na imaginação de sua irmã mais velha, a qual se vê fabulando como será o futuro da criança e como ela interpretará esta viagem ao País das Maravilhas quando for adulta, após se deparar com a insipidez da realidade enquanto cresce. Dito isto, a partir da minha experiência ao longo dos últimos anos com o presente trabalho, penso que Alice é também uma proposta de leitura para o mundo que nos cerca: as infâncias não podem ser condensadas em paradigmas que visam limitá-las, temos muito a aprender com elas, cujas perspectivas muitas vezes atravessam os horizontes do esperado por nós. As profundidades da superfície nem sempre podem ser vistas aos nossos olhos, mas isso não significa que elas deixam de existir e de nos afetar no percurso da vida, sendo capazes de resistir ao próprio poder do tempo.

Figura 11 – “A essas palavras o baralho inteiro se ergueu no ar e veio voando para cima dela”



Fonte: *Aventuras de Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll (2009, p. 147).

REFERÊNCIAS

Agamben, Giorgio. *Infância e História: destruição da experiência e origem da história*. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

_____. *O fogo e o relato* [versão digital]. São Paulo: Boitempo Editorial, 2018.

Alberca, Manuel; Marinho, Ana Cristina; Costa, Sílvia Maria. A favor da autobiografia. *Revista Graphos*, João Pessoa, v. 21, n. 3, p. 6-13, 2020. ISSN 1516-1536.

Alcott, Louisa May. *Mulherzinhas*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2020.

Ariès, Phillipe. A descoberta da infância. In: *História social da criança e da família*. 2. ed. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

Assmann, Aleida. *Espaços de recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2011.

Azambuja, Maria Regina Fay de. Violência sexual intrafamiliar: é possível proteger a criança? *Textos & Contextos (Porto Alegre)*, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 1–19, 2006. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/1022>. Acesso em: 26 jun. 2023.

Azevedo, Maria Amélia; Guerra, Viviane Nogueira. (orgs.). *Infância e violência doméstica: fronteiras do conhecimento*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

_____. *Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder*. 2. ed. São Paulo: Iglu, 2007.

Barthes, Roland. Aula do dia 12 de janeiro de 1977. In: *Como viver junto: simulações romanescas de alguns espaços cotidianos*. Tradução de Leyla Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 5-21.

Bellé, Junior. Era uma vez... A densidade da literatura infantil. In: *Revista da Cultura*, n. 78, São Paulo, jan. 2014.

Belo, Fábio. *Perlaboração*. Youtube, 21 maio 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Kng1-1eZ2Zs>. Acesso em: 04 set. 2023.

Benjamin, Walter. O narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 8. ed. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 197-221.

Benetti, Idonézia; Oliveira, Walter de. O poder terapêutico da escrita: quando o silêncio fala alto. *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental*, Florianópolis, v. 8, n. 19, 2016, p. 67-77. DOI: <https://doi.org/10.5007/cbsm.v8i19.69050>.

Bojunga, Lygia. *O Abraço*. 6. ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2014.

Braun, Suzana. *A violência sexual infantil na família: do silêncio à revelação do segredo*. Porto Alegre: AGE, 2002.

Branco, Lúcia Castello; Brandão, Ruth Silviano. *Literaterras: as bordas do corpo literário*. São Paulo: Annablume, 1995.

Brasil. Câmara dos Deputados. *Projeto de Lei nº 1904/2024*. Acresce dois parágrafos ao art. 124, um parágrafo único ao artigo 125, um segundo parágrafo ao artigo 126 e um parágrafo único ao artigo 128, todos do Código Penal Brasileiro, e dá outras providências. Autor: Sóstenes Cavalcante. Brasília, DF. Data de apresentação: 17 maio 2024.

Brasil. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Violência sexual infantil – os dados estão aqui para quem quiser ver. In: *Anuário Brasileiro de Segurança Pública*. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/07/14-anuario-2022-violencia-sexual-infantil-os-dados-estao-aqui-para-quem-quiser-ver.pdf>. Acesso em: 08 nov. 2023.

Brasil. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. O aumento da violência contra crianças e adolescentes no Brasil em 2022. In: *Anuário Brasileiro de Segurança Pública*. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2024.

Brasil. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. *Abuso sexual contra crianças e adolescentes - abordagem de casos concretos em uma perspectiva multidisciplinar e interinstitucional*. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2021/maio/CarilhaMaioLaranja2021.pdf>. Acesso em 05 dez. 2021.

Brasil. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. *Disque 100 registra mais de 17,5 mil violações sexuais contra crianças e adolescentes nos quatro primeiros meses de 2023*. Publicado em: 17 maio 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2023/maio/disque-100-registra-mais-de-17-5-mil-violacoes-sexuais-contra-criancas-e-adolescentes-nos-quatro-primeiros-meses-de-2023>. Acesso em 08 nov. 2023.

Butler, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 15 ed. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

Candau, Joël. O jogo social da memória e da identidade (1): transmitir, receber. In: *Memória e identidade*. Tradução de Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011. p. 105-136

Carroll, Lewis. *Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho e o que Alice encontrou por lá*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Ilustrações de John Tennel. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

Coelho, Isabel Lopes. *A representação da criança na literatura infanto-juvenil: Rémi, Pinóquio e Peter Pan*. São Paulo: Perspectiva, 2020.

Corso, Diana Lichtenstein; Corso, Mário. *Fadas no Divã: psicanálise nas histórias infantis [versão digital]*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

Darnton, Robert. História que os camponeses contam: o significado de Mamã Ganso. In: *O grande massacre de gatos: e outros episódios da história cultural francesa*. Tradução de Sônia Coutinho. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015. p. 21-104.

Deleuze, Gilles. *Crítica e Clínica*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2019.

_____. *Lógica do sentido*. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2015.

_____. *O abecedário de Gilles Deleuze*. Entrevista a Claire Parnet, em 1988. Dirigido por Pierre-André Boutang. Tradução e transcrição por Raccord [com modificações]. Disponível em: <https://www.bibliotecanomade.com/2008/03/arquivo-para-download-o-abecedario-de.html>. Acesso em: 10 nov. 2023.

Derrida, J. A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas. Tradução de Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. In: _____. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

Didi-Huberman, Georges. Imagens. In: *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Tradução de Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 133- 160.

Duarte, Adriane da Silva. Esopo e a tradição da fábula. In: Dezotti, Maria Celeste Consolin. (org.). *Esopo - fábulas completas*. São Paulo: CosacNaify, 2013, p. 07-25.

Fiuza, Marina Miranda. *Literatura e Infância na Experiência de Linguagem: trilhas de uma Poética*. 2021. Tese (Doutorado em Literatura e Crítica Literária) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.

Fonseca, Sérgio César da. Um percurso pela longa duração da história da educação: da Europa ao Brasil. In: ASSOLINI, Filomena Elaine de Paiva; LASTÓRIA, Andrea Coelho (orgs.). *Formação continuada de professores: processos formativos e investigativos*. Ribeirão Preto: Compacta, 2010, v. 1, p. 33-44.

Foucault, Michel. A escrita de si. In: *Ditos e escritos V: Ética, Sexualidade, Política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 144-162.

Freud, Sigmund. Escritores criativos e devaneios. In: Freud, Sigmund. *Obras completas*. v. 9. Rio de Janeiro: Imago, 1970.

_____. *Totem e Tabu: algumas concordâncias entre a vida psíquica dos homens primitivos e neuróticos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

Galvão, Bruno Abílio. A ética em Michel Foucault: do cuidado de si à estética da existência. *Intuitio*, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 157–168, 2014. DOI: <https://doi.org/10.15448/1983-4012.2014.1.17068>.

- Ginzburg, Jaime. Linguagem e trauma na escrita do testemunho. *Revista Conexão Letras*, Porto Alegre, v. 3, n. 3, 2015. DOI: 10.22456/2594-8962.55604. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/conexaoletras/article/view/55604>. Acesso em: 2 maio. 2022.
- Guerra, Viviane Nogueira. *Violência de pais contra filhos: a tragédia revisitada*. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- Guzmán, Marcelo Chapa; Derzi, Carla de Abreu Machado. O Trauma e seu Tratamento: Contribuições de Freud e Lacan. *Revista Subjetividades*, Fortaleza, CE, v. 21, n. 1, p. 1-14. DOI: <http://doi.org/10.5020/23590777.rs.v21i1.e9254>.
- Karsna, Kairika. *Child sexual abuse in 2020/21: trends in official data* [online]. London: Centre of expertise on child sexual abuse, 2022.
- Karsna, Karika; Bromley, Paige. *Child Sexual Abuse in 2022/23: Trends in Official Data*. Londres: Centre of expertise on child sexual abuse, 2024. Disponível em: <https://www.csacentre.org.uk/app/uploads/2024/02/Trends-in-Offical-Data-2022-23-FINAL.pdf>. Acesso em 03 jun. 2024.
- Karsna, Kairika; Kelly, Liz. *The scale and nature of child sexual abuse: review of evidence* [online]. London: Centre of expertise on child sexual abuse, 2021.
- Kohan, Walter Omar. Vida e morte da infância, entre o humano e o inumano. In: *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 125-138, set./dez., 2010.
- Lejeune, Philippe. O pacto autobiográfico (bis). In: _____. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p-56-80.
- Lewis, C.S. Três maneiras de escrever para crianças. In: *As crônicas de Nárnia*. Tradução de Silêda Steuenargel Paulo Mendes Campos. Ilustrações de Pauline Baynes. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. p. 741-751.
- Llansol, Maria Gabriela. *Um falcão no punho: Diário I*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- Liotard, Jean-François. O inumano: considerações sobre o tempo. In: *Prefácio do Humano*. Tradução de Ana Cristina Seabra e Elisabete Alexandre. 2 ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1997. p. 9-16.
- Maguire, Toni. *Não conte para a mamãe: memórias de uma infância perdida*. Tradução de Ludimila Hashimoto. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- Mcneish, Di; Scott, Sara. *Key messages from research on intra-familial child sexual abuse* [online]. Londres: Centre of expertise on child sexual abuse, 2018.
- Mello, Leonel Itaussu Almeida. John Locke e o individualismo liberal. In: *Clássicos da política*. São Paulo: Ática, 2002.
- Monegalha, Fernando. O tempo do sentido: Cronos e Aion no pensamento deleuzeano. *O Manguzal*, Aracaju, v. 1, n. 2, a. 2, p. 88-95, jan/jun 2018.

Monzani, Luis Henrique. Deleuze e Lewis Carroll: aproximações entre literatura e filosofia. *Revista Kínesis*, Marília, v. 3, n. 6, p. 123-136, dez. 2011.

Moreira, Maria Ignez Costa; Sousa, Sônia Margarida Gomes. Violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes: do espaço privado à cena pública. *O Social em questão*, Rio de Janeiro, a. 15, n. 28, p. 17-35, jul/dez. 2012.

Nietzsche, Friedrich. *Segunda consideração intempestiva* - da utilidade e desvantagem da história para a vida. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2003.

Nigro, Cláudia Maria Ceneviva; Busato, Susana; Amorim, Orlando Nunes (Orgs). *Literatura e representações do eu: Impressões Autobiográficas*. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

Oliveira, Suzana Braun Antunes de; Pinheiro, Lucilene de Souza. Mitos e Fatos Acerca da Vitimização Sexual contra Crianças e Adolescentes. In: Elsen, Ingrid (org.). *Livro Programa, Livro Resumo do Congresso Internacional Família e Violência*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1999, p. 229

Passos, Eduardo; Kastrup, Virgínia; Escóssia, Liliana da (Orgs). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

Pelbart, Peter Pál. Como viver só. VIDA COLETIVA – Seminários Internacionais para a 27ª Bienal de São Paulo, 4 ago. 2006. In: *Psico Turma VI*, 3 out. 2012, 1 vídeo (57 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-8wh6LKL1Y&t=375s>. Acesso em 18 nov. 2021.

Perrault, Charles. Cinderela ou o sapatinho de vidro. In: *Contos de Fadas*. Tradução de Maria Luíza Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. p. 44-46.

Postman, Neil. Os incunábulo da infância. In: *O desaparecimento da infância*. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

Ribeiro, Paulo Cesar de. Perlaboração: feminilidade e transformação do eu na técnica da psicanálise. *Percurso*, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 39-50, 1997.

Rilke, Rainer Maria. *Cartas do poeta sobre a vida: a sabedoria de Rilke* (org. Ulrich Baer). Tradução de Milton Camargo Mota. São Paulo: Martins, 2007.

Santos, Rita de Cássia Silva; Cunha, Maria Zilda da. Uma lógica para os sentidos: entrevista com Fernando Bonassi. *Revista Graphos*, João Pessoa, v. 21, n. 3, p. 204-212, 2019. ISSN 1516-1536.

Santos, Mônica de Menezes. Notas sobre a inespecificidade da literatura infantojuvenil. In: Azevedo, Luciene; Pereira, Antonio Marcos. *Palavras da crítica contemporânea*. Salvador: Boto-cor-de-rosa livros, arte e café / paraLeLo13S, 2017.

_____. *Por um lugar para a literatura infantil/juvenil nos estudos literários*. 2011. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

Scott, Sara. *Key messages from research on intra-familial child sexual abuse* [online]. 2 ed. Londres: Centre of expertise on child sexual abuse, 2023.

Seligmann-Silva, Márcio. Narrar o trauma - A questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008.

Seligmann-Silva, Márcio. O testemunho: entre a ficção e o real. In: *História, memória, literatura*. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

Smith, Noel; Dogaru, Cristian; Ellis, Fiona. *Hear me, believe me, respect me: a survey of adult survivors of child sexual abuse and their experience of support services* [online]. Needham Market: Healthwatch Suffolk, 2015.

Souza, Cícera; DonadeL, Tamara; Kunz, Elenor. Sobre como tolhemos a curiosidade das crianças. *Motrivivência*, Florianópolis, v. 29, n. 51, p. 192-204, julho/2017. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2017v29n51p192>.

Souza, Eneida Maria de. Notas sobre a crítica biográfica. In: SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica cult*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007. p. 105-114.

Spinoza, Benedictus de. *Ética*. Tradução de Tomaz Tadeu. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

Spivak, Gayatri. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

Tatar, Maria. Introdução. In: *Contos de Fadas*. Tradução de Maria Luíza Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. p. 07-17.

Vaz, João Paulo. *A lagartixa verde*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2006.

Winnicott, Donald. *O brincar e a realidade* - coleção psicologia psicanalítica. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1975.